FON-FON
ANNO XXIII — N.º 29
Rio, 20 de Julho de 1929
Preço: 1$000

—Quasi que enloquecia por causa de uma dôr de ouvido!

A noite passada em claro, sem que unturas nem lavagens lograssem proporcionar-lhe allivio!

Que surpresa, que milagre, quando, poucos momentos após ter tomado dois comprimidos de* CAFIASPIRINA*, desappareceu aquella dôr horrivel!

Eis porque a todas as suas amigas recommenda ella sempre com tanto enthusiasmo, e para qualquer dôr, a nobre e excellente

CAFIASPIRINA

Ideal contra as dôres de cabeça, dentes e ouvido; nevralgias, enxaquecas e cólicas menstruaes; consequencias de noites perdidas, excessos alcoolicos, etc.

Allivia rapidamente, devolve as forças e não affecta o coração nem os rins!

Gentleman...

De LUIS PAULA FREITAS

ANTES de se decidir a entrar, esteve algum tempo olhando para a rua, quasi sem ver, absorto em si mesmo, pensando se resistir não seria melhor. *Poderiam* vêl-o, — e que vergonha!

Seria mais decente tomar uma média num botequim qualquer. Mais decente e até mais economico. Mas passou a considerar que não era possivel aguentar-se com uma simples chicara de café com leite e um pãozinho de tostão, duro e mirrado. Para que lhe serviria o restante? Só para outra média...

Depois, que tinha elle de vêr com os outros?

Sua miseria não era ignorada. Tivera muitos amigos...

Entrou.

Entrou, apalpando no bolso das calças, desbotadas e remendadas nos joelhos, as duas pratas douradas, uma de mil réis, outra de quinhentos.

Na taboleta marcava: "Almoço — cinco pratos — mil e duzentos réis. Só aqui!".

Cinco pratos! Sentou-se a uma mesinha afastada, onde havia uma penumbra humida e duvidosa.

Veiu um *garçon* ligeiro e de *passagem*, como quem tem muitos freguezes a attender (e tinha):

— O senhor...

Elle respondeu que queria o almoço completo.

— Toma alguma cousa? Uma cerveja?

Disse não, num gesto de dedo. Se pudesse... A cerveja custava mais do que o almoço, mas valia...

Ficou triste, mais ainda, pensando em que nunca, outróra, comêra em casa sem regar a refeição com bom vinho.

Tivera tanto dinheiro...

Nunca se lembrára de pagar um almoço a um mendigo, como elle era agora. Eram jantares e ceias, em Paris na *Maison*, no Rio, no *Gloria*... Conhecia tudo.

Assim mesmo, o homem fôra camarada. Adeantára-lhe um dinheiro para o almoço. Era pedreiro. *Pedreiro. Pedreiro*...

Quasi teve odio. Mas uma canja rala, aguada, que o *garçon* trouxe a correr, sem entornar por um milagre que elle considerou depois, pasmado, — a canja não deixou que elle tivesse odio. Tinha fome.

Tomou-a, numa alternativa de nojo e satisfação que elle não sabia decidir e nem procurou explicar.

Todo o almoço foi assim. Mas procurava afastar de si qualquer idéa *desagradavel*. Depois, quando menos contava, esqueceu-as. Comeu apenas. O tempo era pequeno para cousas inuteis. Como pensar?

* * *

E quando acabou, notou que estava farto. Como diabo poderia elle estar *farto* por mil e duzentos? ...

O seu primeiro impulso foi sahir dali o mais rapidamente possivel, antes que o vissem. Chegou a metter a mão no bolso da calça. Mas achou que era *covardia*. Frisou intimamente a palavra.

Não tinha que dar satisfações. Não havia receio: tinha certeza de que "não o veriam". Um sorriso.

Ninguém jamais conhece mendigos. Dá-lhes esmolas e só. Não teria occasião de recebel-as — e isso lhe bastava.

Dahi, passou a meditar de novo em cousas passadas. Assim como paizes, ha tambem homens que vivem do passado...

Como se cáe... Ficou scismando. Tudo por causa de uma mulher. Não. Seria justo. De mulheres. E não só de mulheres. De jogo, de vinho, de amigos, de ambição, de mulheres. De todos os vicios...

Vira-se um dia sem dinheiro a render e, em vez de arrecadar nas algibeiras de seus ternos de roupa o que restasse para multiplical-o, jogou-o.

Voltou para casa, de madrugada, *mendigo*... Estava de casaca... No dia seguinte (parece que foi mesmo no dia seguinte), a hypotheca se vencêra, appareceram os credores. E elle sahiu de casa, da casa que não era mais delle, com um traje velho, que o criado não usava mais. Isso, havia uns dias. Tres, *talvez*

O COMMENTARIO

NO Estado do Ceará, actualmente, as vistas de seu patriotico governo estão voltadas para a questão da instrucção publica. O presidente Mattos Peixoto, auxiliado pelo competente director desse departamento, dr. Moreira de Sousa, procura melhorar todo o serviço do ensino, adopta processos modernos, gasta sommas importantes e vae provando dia a dia a efficiencia das medidas tomadas.

Alguns algarismos demonstrarão a bella situação da Instrucção Publica, presentemente, no Ceará. O Estado possue 667 escolas publicas, das quaes 208 em grupos e 94 reunidas, com 699 professoras, 20.752 matriculados e uma frequencia media de 18.558 alumnos dos dois sexos. Com a sua Instrucção o Estado do Ceará despende as seguintes sommas:

Faculdade de Direito	*165:389$600*
Lyceu do Ceará	*175:958$100*
Escola Normal	*85:015$000*
Directoria Geral de Instrucção	*51:912$600*
Ensino primario	*1:628:278$000*
TOTAL	*2:106:553$300*

Este pequeno resumo estatistico claramente demonstra o cuidado que a instrucção está merecendo do presidente Mattos Peixoto e de seu competente e dedicado auxiliar dr. Moreira de Sousa. Releva notar ainda a proporção vantajosa e rara existente entre a população escolar matriculada e a sua frequencia. Poucos logares do mundo apresentarão coefficiente mais promissor do que o Ceará, nesse ponto.

O CONTO BRASILEIRO

(Continuação)

mais. Melhor, — não queria lembrar-se.

Tudo lhe parecia irreal. Cinematographico. Norte-americano. Não contaria a ninguem a sua vida. Para que? Os desconhecidos não acreditariam. Os conhecidos... haviam esquecido, apesar de saberem...

Fizera duas viagens á Europa. Todos lhe serviam bem, porque elle pagava bem.

Ora, para que ficar pensando?

Tolice.

O seu companheiro de mesa chamou o *garçon*, deu-lhe mil e duzentos e foi-se, depois de apanhar o chapéo. Ficou admirado de não o ter visto sentar-se. Nem lhe pedira licença... Sorriu.

Reparou depois nos outros. O gesto era o mesmo. Punham mil e duzentos réis sobre a toalha encardida da mesa e se iam embora.

Resolveu fazer o mesmo. Estava até atrazado.

Ia só tomar um café. (Não sabia passar sem café e cigarro depois das refeições: tinha uma *ponta* guardada no bolso do paletó, e cujo cheiro transbordava...). Depois iria trabalhar.

Tirou o dinheiro do bolso. Não tinha troca. Como fazer? O café. Podia precisar do r... tante...

Mas resolveu, de r... pente. Chamou o rapaz, ... guardanapo cahido no ... tebraço, deu-lhe as d... pratas, pegou no cha... e sahiu sem olhar p... traz.

A um psiu! do cr... que o estranhou e qu... alcançou á porta, recu... com um gesto, os tre... tos réis de troco:

— Gorgeta...

NEM COM UMA FLOR...

De MUCIO DE CASTRO SE...

CERTA vez, no silencio da uma noite enluarada, entre duas fumaças do aromatico *narguilé*, um arabe celibatario scismava nas delicias dum beijo de mulher; e no seu devaneio côr de sonho, pensou na malvadez dos seus patricios, que tratavam as suas galantes companheiras com rigores de senhor de escravos...

Se elle tivesse u'a mulherzinha!.... Como haveria de amal-a!.... Teria para ella carinhos de pombo apaixonado!

E do seu coração enternecido brotou esta sentença, que ficou vivendo pelos seculos dos seculos: — "Nem com uma flôr se deve bater numa mulher..."

O proverbio meigo e delicado do arabe sonhador transpoz todos os mares, ficou sabido por todos os povos do mundo.

Entre nós, o excelso Vicente de Carvalho aprimorou-o assim:

> *"Nem mesmo com uma phrase*
> *Siquer,*
> *Seja ella embora tão leve,*
> *Ou quasi*
> *Como a mais leve pluma,*
> *Se deve*
> *Bater numa*
> *Mulher..."*

.... Entretanto, existe tanta gente que não sabe o fundo divino que esse axioma encerra!...

E muitos não se limitam á "phrase tão leve — quasi como a mais leve pluma", para offender áquella que Deus creou só para ser amada!

Vão além — vão mesmo ao *coup de baton* — não *baton de rouge*, mas *baton* de rija madeira, daquelles que arrancam sangue de martyrio e lagrimas de desespero...

.... Ha casos, porém, em que o feitiço vira contra o feiticeiro, — e a mulher, daquellas de cabellinho nas ventas, aliza o costado do marido com o escovão de encerar casa.... Mas, isso, são casos isolados...

O que sempre é mais frequente, para vergonha do sexo forte, é o marido exercitar os seus musculos de aço sobre o physico delicado do sexo bonitinho...

E, se isto se désse só entre gente rude e ignorante — obreiros e campezinos — não era tanto para se admirar.... Mas esse habito, que prima pela estupidez, ninguem ignora, anda espalhado mesmo entre a "g... de tom".

Uns tabefes, depois uns beijos, e assim se ... levando a vida n'alguns lares menos felizes...

A proposito de pancadaria conjugal, lembr... agora de um caboclo que conheci lá num logarejo ... dido nos confins da Paulista: Iguatemy.

Era muito meu camarada; tinha por mim um ... ar de respeito, que eu achava muita graça. Dizia ... eu era um "moço de pusição e de muito estudo..."

Pernóstico e falador, sua prosa deliciava-me.

De quando em quando, eu ia á casinha cala... branco, onde elle habitava com a "famia", para ... sar as horas de tédio dos serões na roça, ouvi... a contar lorótas...

Uma noite em que eu me dirigia á casa delle, ... grosso alarido lá por dentro.

Parei á porta, e bradei o "ô de casa!" da pra...

Um jaguapéva, que dormitava na soleira, abri... olhos somnolentos, soltou um ladrido contraria... afastou-se, preguiçosamente, abanando a cauda.

O rumor cessou; dentro em pouco, o matuto s... á porta:

— Ahn! E' vancê?!

— Pois é.... Mas, que barulho era aquelle lá de...

— E' a muié qui anda reinando. Inté foi bão v... chegá, sinão eu inda era capai de dá naquella dia...

— Bater em sua mulher, Gregorio? Você era ... dessa brutalidade? Isso nunca se faz, homem!

— Quâ o quê — vancê é moço, num tem exp... da vida. A's veis, percisa...

— Não diga semelhante coisa! Nunca pens... você fosse um máo marido!

— Eu num sô máo, não siô... Só bão de mais. Mas ella, ás veis, reina mêmo — intão...

— Mas sua mulher é tão bôa — Gregorio! Ella merece ser tratada tão rudemente. Você não sabe "nem com uma flôr se deve bater numa mulher"?

— Quá, siô moço — retorquiu — isso que v... fallano, é puisia.... Muié é que nem suspiro — ... sê bôa, percisa tá bem batida.... Dispois que casá, venha me dizê si num é mêmo...

.... E a mulher do Gregorio dizia a todo mu... "Aquelle meu marido é um anjo!..."

(Do *Bandolim de Pierrot*, em preparo.)

Enormes paquetes e pesados navios mercantes lançam ancora todos os dias no porto do Rio de Janeiro, trazendo a esta cidade o que ha de melhor nos mercados mundiaes.

O Brazil exige sempre o melhor, ou sejam artigos de luxo ou de necessidade, e não ha melhor sal de meza do que o puro, scintillante e corredio

SAL DE MEZA

Cerebos

BIOTONICO

FONTOURA

O FORTIFICANTE IDEAL

— PARA —

HOMENS, SENHORAS E CREANÇAS

Consagrado pelas maiores notabilidades medicas, em virtude do valor de sua formula, um dos maiores triumphos da industria pharmaceutica brasileira.

—o—

Biotonico Fontoura

corrige as Alterações nervosas, combate a Depressão e a Fraqueza, melhora as Funcções digestivas, auxilia a Assimilação, estimula a Actividade cellular e contribue para normalisar as Funcções do organismo, produzindo Energia, Força e Vigor, que são os attributos da Saude.

AS FRIVOLAS BAILARINAS

De Abrahão Dreyfus

"Lina! Lina! desce de uma vez!"

Um longo bocejo se ouve na agua furtada. De entre as roupas do leito, estende-se um braço que cáe, em seguida, pesadamente.

A senhora Chenu, de pé junto da escada, bate varias vezes na madeira da cama com o cabo da vassoura.

— Vamos, Lina!... São seis horas!... Lina! Desta vez Evelina ouviu. Veste uma saia e um roupão modesto e desce a escada. Já está no quartinho da portaria; tem o rosto coberto com as pinturas da vespera, e, ao esfregar os olhos, espalha pelas faces o negro das sobrancelhas.

— Como estás limpa! — exclama a senhora Chenu. — Não tiveste tempo, de noite, de desmanchar esta cara?

— Não tinha mais *coldcream*...

— Não tinha mais *coldcream*!... Ante-hontem mesmo comprei-te umas grammas. Que fizeste delle? Comeste-o talvez?

— Maria Borgard não tinha... Emprestei-lhe um pouco...

— Muito bem! Quanto se tem de tolerar! Por que não lhe emprestas tambem a tua camisa?

— Emprestou-me seu sabão...

— Pelo que lhe custa o sabão! Seus paes o vendem...

— Emfim, eu...

— Emfim, tu te deixarás sempre explorar, é isto.

— Mas mamãe...

— Basta de palavras!... Para o trabalho, e mais depressa!

Evelina sáe do quartinho, arrastando a vassoura que sua mãe lhe poz entre as mãos. Varre o pateo, vae depois até a bomba, e, cheia de baldes dagua, esvazia-os numa tina, e, por ultimo, ajuda a senhor Chenu a lavar as escadas.

Entretanto o senhor Chenu levantou-se, sahiu para buscar o leite e tomou seu copinho de vinho branco com o dono do armazem da esquina. Volta accende o fogo, faz ferver o leite, prepara o café e as torradas, põe as chicaras sobre a mesa e chama a mulher:

— Senhora Chenu!... Quando quizer...

A senhora Chenu desce, seguida de Evelina. Toma uma das duas chicaras e installa-se junto á mesa, em frente do marido, emquanto Evelina, assentada numa cadeira baixa, com a caçarola nos joelhos, molha uma fatia de pão na parte que lhe coube do café com leite.

Terminada a primeira refeição, Evelina passa á alcova para vestir-se; a senhora Chenu entrega-se aos affazeres caseiros; o senhor Chenu senta-se com as pernas cruzadas sobre sua mesa de alfaiate, e antes de entregar-se ao trabalho, corre os diarios que o carteiro acaba de trazer.

— Valha-nos Deus! Outro attentado!

— Onde? — pergunta a senhora Chenu.

— Na rua do Povo. Uma mulher foi encontrada assassinada dentro de uma cozinha.

— Como se chama?

— "O jornal não diz mais do que isto: mulher chamada V..." provavelmente, tem r[...] com o crime do caminho Saulnier.

— A que se expõem as mulheres!

Evelina aproxima-se, fazendo as tranças. [...] nhora Chenu ao notal-a, applica-lhe um soco.

— Oh, mamãe!

— Não ha mamãe nem nada! Não tens ver[...] de ainda estares em tal estado a esta hora? [...] lição?

— Se não chegar tarde!

— Tu não, o gato... Veste-te de uma v[...] irei ajudar-te!

Um inquilino entrou na portaria.

— Como, senhora Chenu! Ralhando de no[...] a menina?

— Não me fale, por favor! Tenho que est[...] tinuamente atraz della. E' de desanimar! Um[...] riga que já vae para os quatorze annos!

— Já? Como está crescendo!

— Cresce e nos diminue, é o que se tem de[...]

— E a Opera? Como vae? Sempre content[...]

— Qual! Lá ao estar contente... não ha m[...] Faz cinco annos que está na dança.

— Cinco annos!

— Sim! Entrou aos oito annos e meio[...] ainda na primeira quadrilha, quando já devia [...] rypheu.

— E como é isto?

— Isto acontece porque ha injustiças [...] se faz á força de recommendações... E cha[...] a essas cousas todas uma republica!

Uma voz grave intervém então:

— Senhora Chenu!

A senhora Chenu volta-se vivamente par[...] rido.

— Que ha? Não está certo por acaso o qu[...]

O senhor Chenu franze o cenho:

— E' possivel, mas não tens necessidade [...] turar a politica...

— Então te parece muito bem que tua [...] nhe novecentos francos em vez de mil e [...] por anno?

— Não se trata de tal...

— E' assim!... Não te importas! Não [...] ambicioso. E' uma qualidade que devemos [...] cer em ti.

Em seguida, voltando-se para Evelina:

— E tu? Que estaes esperando? Vôa para [...]

Evelina poz numa bolsinha de couro um [...] meias, um corpete, uma camiseta, um pente, [...] toador de calçado, uma caixa de pó, um p[...] pão, duas sardinhas, umas batatas e um frasco [...] tinta de vinho. Apanha a capa, o chapéo, [...] da-chuva, beija o pae e a mãe, e sáe.

Volta um instante depois.

— E então? Que esqueceste?

— As medalhas, mamãe!

E, agitada, Evelina precipita-se no qu[...]

S FRIVOLAS BAILARINAS (Conclusão)

onde acabava de fazer a "toilette" e torna a sahir trazendo tres medalhas de santas, duas cruzinhas e um chifre de coral, presos a um cordãozinho no pescoço. São as "mascottes" da bailarina.

Evelina está já prompta dos pés á cabeça e vae-se agilmente, desce pela ladeira de Montmartre, segue pela rua Lepic, atravessa os boulevards exteriores, encaminha-se pela rua Pigalle e Chaussée-d'Antin e chega por fim á Opera.

São nove e um quarto. A pequena bailarina passa apressadamente por diante do porteiro, sóbe as escadas de cinco degráos e penetra na salinha onde se vestem suas companheiras da primeira quadrilha. Em cinco minutos põe-se no traje proprio; camiseta decotada de mangas curtas, saia de musselina, meias côr de rosa e sapatinhos de setim, bastante usados; como adorno facultativo, uma fita no pescoço e cinto azul, e, occultas no corpete, as famosas medalhas.

Evelina sóbe outros dois degráos para chegar a sala de estudos; uma grande peça quadrada que se encontra sob a cupola da Opera e cujo pavimento é um pouco inclinado; uma cadeira para o professor, outra, para o violinista e barras de apoio fixadas na parede, compõem todo o mobiliario do compartimento.

— Aos seus logares, senhoritas!

A esta ordem do professor, a bailarina vae collocar-se a uma das barras, e, sustendo-se, uma vez com a mão esquerda, outra, com a direita, dobra-se, estira-se, deita-se para traz, gyra em todos os sentidos, apoiando a perna na barra á altura do hombro, levantando-a para traz, atirando-a para diante, deslocando-se, emfim, preparando-se, durante vinte minutos, para a lição propriamente dita. Depois de taes exercicios, o professor chama as alumnas ao centro da sala, e é então que se executam os "gyros", as "attitudes", os "arabescos", os "saltos" os "movimentos de braços", os "tempos de perna", os tempos de pirueta", os tempos de ponta de pé", as "resvaladuras" os "pares", as "cabriolas", os "entreccia-ti", e, por ultimo, os "encadeamentos", compostos de todos esses tempos.

Consiste em tal a lição; mas Evelina, que é daquellas que "querem chegar", não tem muita confiança nesse rude trabalho e durante os instantes de tregua concedidos pelo professor, entrega-se a outra série de deslocações. Toma uma cadeira, colloca-a com o espaldar no chão, e, pondo o pé entre as travessas, obriga-o a esticar-se e a arquear-se. Em seguida, senta-se no chão, junto á parede, une as plantas dos pés, com as pontas separadas entre si e o mais proximo possivel do corpo, e pede a uma das companheiras que lhe suba sobre os joelhos.

A lição está acabada. São onze horas. Evelina, anhelante, volta á salinha para mudar de trajo. Feito isto, tira da bolsinha as provisões que trouxe e põe-n'as sobre a mesa, onde vae almoçar com as companheiras.

Cada uma dellas faz o mesmo, e as exclamações, e as interjeições se succedem sem cessar.

— Oh, presunto! — Não é presunto; é carne de conserva. — Queres dar-me um pouco? — Quem tem sal? — Agata, devolve-me o pão. — Fechem a janella! — Vendo meus rábanos! — Oh, que é isto! Fanny trouxe frango!"

Vêm, em seguida, as trocas. Evelina troca uma de suas sardinhas por um punhado de batatas fritas, e associa-se com Maria Bourgard para comprar os rábanos que Paulina Ardouin poz á venda.

Chamam, porém, para o ensaio. E' preciso descer ao palco, e terminar de almoçar em scena, emquanto o director faz a chamada e o mestre de baile conversa com o compositor.

— Vamos, senhoritas! Quando quizerem!

As bailarinas se agrupam.

— Quem falta?

Falta Bertrand, a primeira...

— Sempre a mesma, Bertrand, a primeira! Onde está Chenu?

— Aqui, senhor!

— Colloque-se ahi; substituirás a Bertrand.

Em seguida, a outra:

— E tu, estás comendo ainda?

— Não como, senhor... São grãozinhos de café.

O director de scena encolhe os hombros.

— Bem! Agora! — grita o mestre de baile, batendo com a batuta.

Os musicos executam um ritornello e o ensaio começa.

Evelina faz tudo o que póde para substituir digna, ainda que provisoriamente, a Bertrand, a primeira, a "coryphéu". Caminha, corre, dança, mistura-se aos grupos, ajoelha-se, levanta-se... e torna a começar.

— Vamos, senhoritas!... Outra vez... Um momentinho mais...

E de momentinhos em momentinhos, o ensaio dura até quatro horas da tarde.

As bailarinas voltam ao vestiario. Evelina despe-se, põe o traje de rua e sáe da Opera.

São cinco horas quando chega a Montmartre. A senhora Chenu espera-a na porta.

— Ah, até que emfim!... Vamos bem assim...

— Mas, mamãe! O ensaio acabou agora...

— Sempre a mesma cousa... Estou certa de que estiveste a vagabundear outra vez...

— Mas, mamãe!

— Nem mamãe, nem cousa nenhuma! Tira o chapéo e vem descascar batatas.

Evelina protesta:

— Tenho que limpar meus sapatos de baile.

— Farás isto depois.

E a senhora Chenu volta para junto do fogão.

Evelina, resmungando, põe-se a descascar batatas.

Uma vez concluida a tarefa, tira da bolsinha um par de sapatinhos de baile e vae serzil-os no pateo para tomar um pouco de ar.

São seis horas. Vão sentar-se os tres á mesa. Evelina tem apenas tempo para lavar o rosto, cear apressadamente e voltar correndo para a Opera. Representam cinco actos. Evelina apparece no primeiro; faz de pagem no segundo; toma parte em todo o terceiro acto. Durante o quarto, permanece no vestiario, onde descansa fazendo entremeios de "crochet" para adornar os seus corpinhos.

Mas o contra-regra chama do corredor:

— Senhoritas; acabou o quarto acto!

Evelina dispõe de um curto instante para vestir o novo traje de theatro. Corre o risco de não chegar a tempo para entrar em scena. Desce saltando de quatro em quatro os degráos e precipita-se no palco no preciso instante em que deve desapparecer no fundo da scena em companhia das Filhas do Inferno, que acabam de ser expulsas pelo barytono.

Cáe o panno. Evelina volta ao camarim commum, despe-se de novo, torna a vestir-se, e vae-se afinal.

E' cerca de uma hora da manhã quando a bailarina chama á porta de casa:

A senhora Chenu abre-a exclamando:

— Até que emfim!... A ultima!... Como sempre! Todos os inquilinos já voltaram!

Evelina não responde. Não póde fazel-o. Dirige-se ao aparador e apanha um pedaço de pão e outro de queijo, serve-se de um pouco de vinho, e come e bebe emquanto se despe; sóbe em seguida a escadinha, deita-se, diz uma oração e adormece.

A pequena bailarina terminou o seu dia.

CLOTILDE

De DANIEL POIRÉ

— O senhor dirá o que bem entender, mas a verdade é que ha phenomenos extraordinarios.

O emprego da expressão "o senhor dirá o que bem entender" implica dizer, de maneira categorica, que não supportaria nenhuma contradicção.

Mme. Dagnot proseguiu:

— Eu, que lhe falo, já vi, como o estou vendo, uma mesa gyrar com uma rapidez tal, que era impossivel seguil-a na sua rotação. Ella dava saltos como cabrito. Estava possessa! Repito: estava possessa! Estava dominada por forças sobrenaturaes. E si eu lhe contasse o que ella nos fazia comprehender, o senhor, meu caro Ernesto, ficaria estupefacto.

Mas não era necessario, para deixar Ernesto Lafille assombrado, que mme. Dagnot continuasse as suas explicações. O olhar de seus olhos ingenuos e claros, abertos, desmesuradamente; a sua bocca escancarada, testemunhavam o seu espanto, affirmavam a sua má fé nos mysterios psychicos.

Esse guapo rapaz de trinta annos, com effeito, cultivava em si um mysticismo sem fundo, que o inclinava a admittir todas as manifestações do Além, o qual se mostra perplexo.

Observou, successivamente, o *ménage* Dagnot e o seu amigo Gaston Cerny, e declarou:

— E' prodigioso!

— Demais, disse o sr. Dagnot, si o senhor possue algum *guéridon* que não seja muito pesado, poderemos tentar alguma experiencia. Minha mulher tem uma força extraordinaria.

Dentro em pouco, elles quatro estavam installados em torno de uma mesa redonda — uma vez que as quadradas são menos emotivas, não se sabe por que — sobre cuja madeira os seus dedos se abriam em leque.

No aposento discreto, que uma unica lampada baixa, de luz velada, illuminava com reserva, nenhum ruido perturbava o silencio, unido e pesado; nenhum movimento deformava a atmosphera onde pareciam estar fixos como columnas de marmore.

O espirito tenso, applicado obstinadamente em fazer o phenomeno se produzir, elles fixavam um olhar rigido e imperioso á mesa indifferente. Cinco minutos estiveram assim.

E subito perceberam nos seus dedos exasperados alguma coisa indefinivel, uma especie de onda que, atravessando o *guéridon*, vinha juntar-se ás suas mãos.

Não era um estremecimento, propriamente dito, mas um ligeiro indicio, menos material, uma especie de advertencia.

— Sentiram? — interrogou Ernesto Lafille com a voz abafada.

— Sim, responderam os outros num sôpro.

A mesa teve uma hesitação, mas o fluido de mme. Dagnot, sendo irresistivel, começou a voltear, lentamente.

— E' extraordinario! — murmurou Lafille, muito admirado.

O movimento de rotação se accelerou, arrastando as quatro pessôas que, a seguir a roda, estrebuchavam e batiam de encontro aos moveis. Emfim, uma serenidade se produziu. A mesa, agora, apiedada da fadiga dos espiritos, se contentava — porque é preciso variar os seus prazeres — de oscillar opiniosamente.

— O espirito quer falar, — affirmou mme. Dagnot.

E num tom que não admittia replica, ordenou:

— Dize-nos o teu nome!

O uso exige, com effeito, que, nessas conjecturas, se empregue o *tutoiement*. A mesa, então, com o tempo prudentemente medido, vibrou, no silencio, o nome do espirito que a visitava: P.... a.... r.... s.... h.... a.... v.... a....

— Tu te chamas Parshava?

Uma unica pancada confirmou a coisa. Era bem o espirito de Parshava, um indú, segundo toda probabilidade.

Os operadores se interrogaram com o olhar.

— Que é? — perguntou Gaston Cerny.

— Não sei, — disse mme. Dagnot. Continuemos. Queres informar-nos mais explicitamente?

"Não", foi a resposta.

Parshava insistia em conservar o seu incognito.

— Então, de que desejas falar?

— C.... l.... o.... t.... i.... l.... d.... e....

O proposito de Clotilde, á mesa, era inexgotavel. Soube-se então que se tratava de uma senhora loura, de rosto encantador, intelligencia viva, alerta, e que ardia de paixão por Ernesto Lafille.

Admirado, este escutava essas revelações com uma physionomia extasiada, de criança a quem se conta uma historia magica; e, na sua cabeça, as idéas confusas, de mêdo e alegria, se chocavam, de modo que elle era impotente para pôl-as em ordem.

Quando um pouco mais tarde os seus amigos o deixaram, elle voltou do salão e, o cerebro a arder, sentou-se á mesa mysteriosa. Assim, esse movel de apparencia inerte, vivia uma vida interior, verdadeira, reunindo em si mil segredos, dos quaes, muito apertada, deixou escapar o me[illegible]sor, o mais dôce, o mais promissor, o mais ensolarado; a confissão do amor que uma Clotilde desconhecida lhe votava. Ernesto Lafille estava maravilhado.

A partir desse dia, convocou, frequentemente, o *ménage* Dagnot e Gastão Cerny, para repetir a nova experiencia. E sempre o *guéridon* obstinado falava de Clotilde, com enthusiasmo, conservando, ao contrario, um silencio desdenhoso e como vexado de que as respostas não correspondessem á verdade.

Assim, pouco a pouco, Ernesto Lafille sentiu crescer em si uma ternura, que, naturalmente, se modificava em amôr, por uma Clotilde, de coração raro, ornada das mais lindas virtudes.

Por outro lado, elle contemplava a mesa com uma especie de respeito ingenuo: elle havia interdicto que a tocassem, e elle mesmo era quem a limpava com toda delicadeza.

Representava ella a esperança, a confidente da sua bem amada, a intermediaria de que ella se servia para lhe confiar mil coisas encantadoras, que o deixavam commovido e obsedado.

A bem dizer, ella não era muito joven, essa Clotilde que, um dia, Ernesto Lafille encontrou em casa dos Dagnot, nem muito intelligente, nem muito bonita. Um dos seus olhos tinha mesmo uma excessiva tendencia a vigiar o olhar do seu vizinho.

Não havia duvida que elle [illegible] sára com ella certo de haver [illegible] ntrado uma creatura de [illegible] Demais, elle era amado por [illegible] ha tanto tempo...

E, quando, por acaso, a conversação vinha recahir sobre os problemas psychicos, Ernesto Lafille, com a convicção do homem [illegible] sado, affirmava:

— E' preciso crêr nas mesas [illegible] antes e gyratorias. Si um dia eu não tivesse tentado uma experiencia, de nada saberia. [illegible] dentemente! E' extraordinario!

E si alguem lhe dissesse que os Dagnot sabiam bem o que faziam [illegible] que Clotilde havia custado a casar, elle sorriria com um ar superior.

CORLUMBRO FERREIRA (Capital) — Aqui está o seu *Paraiso Verde*. E' um livro onde se affirma a personalidade de um artista e de um pensador elegante. Dahi nasce o equilibrio que se observa na exposição das suas theses, das suas doutrinas, das suas idéas, a que não faltam o cunho de estylo pessoal e os reflexos de uma cultura variada, bebida em fontes puras e crystallinas.

Sou-lhe grato pela sua offerta gentil e pela dedicatoria desvanecedora para mim.

MARINA (Minas) — Não lhe posso dizer por esta secção quaes os melhores artigos de perfumaria a que se refere, uma vez que seria forçado a fazer uma reclame que não nos pagariam. Entretanto, si me enviar um enveloppe sellado, com o seu endereço, terá as informações que me pede.

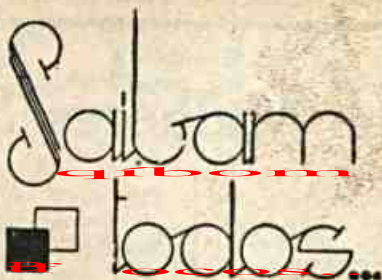
PAPILLON (S. Paulo) — Confesso, de antemão, que gosto muito das paulistas. As excepções são até muito raras. Esse detalhe é o indice de que, sendo V. Ex. filha da terra das garôas, e das glycinias, só tenho razões para sympathizar com V. Ex.

Mas uma vez que me força a defender o meu juizo critico, ou literario, a respeito do seu poeta, devo declarar que ponho um véo sobre essa sympathia, para responder-lhe á *la lettre*.

Não tive o intuito de diminuir o poeta de sua admiração, quando o classifiquei de desconhecido. Disse apenas uma verdade meridiana. Um poeta de repercussão regional não é, positivamente, um poeta de nomeada.

Guilherme de Almeida Menotti del Picchia, Cassiano Ricardo, Martins Fontes, Amadeu Amaral e Cleomenes Campos são poetas cujos nomes atravessaram as fronteiras dos seus Estados e até mesmo do paiz. São nomes nacionaes. Seria uma demonstração de inveja e de inferioridade negar o renome desses notaveis intellectuaes de sua terra.

Concordo com V. Ex., nesse ponto. Agora, admira-se de que eu não conheça o seu poeta estadual e o considere de segunda ordem, só porque elle é conhecido em S. Paulo e no Paraná, e já vendeu duas edições de livros, (!) que "ninguem não viu" — é uma candida ingenuidade literaria, é um alarme pueril, é um espanto de donzella letrada, que quer circumscrever aos limites de dois Estados a gloria de um poeta.

O seu espanto encontra um delicioso parallelo no daquella senhorita, leitora da *Bibliotheque de Ma Fille*, e que, convidada a declarar, em uma *enquete* literaria, o poeta

de sua admiração, respondeu:

— São dois. O primeiro é Bilac; o segundo é Polycarpo Rabo na dos Anzóes.

E como alguem ponderasse que aquelle poeta desconhecido não podia figurar ao lado de Bilac, a mocinha ineffavel rebateu:

— Ora essa!

E pôz, entre parenthesis, ao lado do nome do poeta (meu noivo).

E' verdade que V. Ex. declara, preliminarmente, que elle não é seu parente, nem consanguineo, nem affim, nem collateral. Não é tambem seu amigo, nem seu inimigo, nem seu conhecido. Mas ha, na sua opinião, um forte motivo para que o defenda: ser paulista. Lembro a V. Ex. a idéa de registal-o com a indicação: "Industria Literaria Paulista". Essa indicação poderá servir de legenda para a estatua que a posteridade lhe erigir.

Para ser sincero, é meu dever fazer notar que li o seu poeta, com a relativa attenção que me mereceu. Elle não chega ser um mediocre. Mas é um poeta sem personalidade, que se limita a repetir o que todos os outros já disseram. E' verdade que não ha nada novo. Mas o merito de um poeta consiste em dizer coisas novas com idéas e palavras velhas. No meio disto, vae a sua personalidade. E' o que falta ao seu poeta estadual.

Mais uma vez declaro que lhe agradeço, penhorado, a lembrança do seu presente. Uma coisa nada tem com outra. E' uma grande alegria sentir que alguem se recordou de nós, objectivando essa lembrança na offerta de um mimo qualquer. Só por esse motivo adorarei o seu poeta.

No fim de sua carta V. Ex. escreve: "Vou a um baile de S. João Quer ser meu primeiro par? Ah, é verdade! Você uma vez disse que dansa mal".

Sim. Eu não tenho talento nas pernas, como as senhoritas bailarinas. Si o tivesse, talvez elle se localizasse na minha massa cinzenta — no cerebro.

No emtanto, manda a verdade que o confesse: á força de morar em pensões, onde só se faz dançar e falar mal da vida alheia, e de frequentar bailes, chás, reuniões em familia, em que se acaba dançando, creio que já não danço tão mal. Salvo quando a dama é uma solteirona indigesta, como batata doce, e pesa como um bonde da Light (ahi — "camarão").

MARIA HELENA (Minas) — O seu soneto *Versos meus* indica apenas que V. Ex. possue qualidades apreciaveis de poeta. Estudando, vencerá.

CIRENIA SILVA (Capital) — Ha perguntas cujas respostas não se podem dar praticamente. A theoria falha. O raciocinio erra. De resto, por que perder tempo, tinta e papel, quando os factos são da ordem daquelles que reclamam uma demonstração objectiva?

GURYA (Capital) — Uma carta azul. Azul como o sonho de uma virgem. Vejamos o que V. Ex. me escreve:

"Illmo. Snr. Yves — Saudações — Tendo sempre lido com crescente enthusiasmo a interessante secção "Saibam Todos" e, deparando-me com varios pedidos para graphologia, concebi o ousado plano de lhe dirigir um tambem. Esta cartinha será bem recebida?... Não sei; contudo... o que me levou a lhe dirigir estas linhas, foi uma esperançasinha que trago commigo confiada na bondade e gentilesa com que o senhor attende aos seus consulentes. Si assim for peço-lhe dirigir-me sob o pseudonimo de Gurya.

Creio que nestas linhas preencho todos os requisitos necessarios para o exame da minha letra, mas se isso não se der peço-lhe mais um favorzinho — ter a gentileza de avisar-me. De antemão agradeço-lhe mui sinceramente."

Resposta:

1.º — Não faço o estudo de sua letra, porque elle não seria agradavel para V. Ex.; 2.º — Apesar de ter preenchido todos os requisitos para obter um estudo, deixou de observar o principal: enviar-me o seu nome verdadeiro; 3.º — Para lhe dar uma prova de que a graphologia é uma sciencia seria, quero frisar tres detalhes de sua letra, pelos quaes V. Ex. poderá verificar a verdade do que digo. Denota grande dissimulação, fineza e melancolia.

V. Ex. deve estar espantada, hein? Como não tenho duvidas sobre a verdade graphologica, sou capaz de apostar como V. Ex. deve estar dizendo de si para si: "Sim senhor! A graphologia é uma sciencia devassadora de almas."

E o é, na verdade.

MATTOS ALÉM (?) — Não me recordo mais por que chamei

sua musa capenga. Sem duvida houve motivo para isso. Mas si o senhor acha que fui injusto, queira perdoar a minha maldade. Esta, talvez, não tenha justificativa.

A's vezes, a gente commette tanta injustiça, sem saber que o faz... De resto, por que havia eu de praticar uma perfidia com o senhor, si não tenho o prazer de conhecel-o?

No seu soneto *Clamor do exilio* só encontro uma ambiguidade. E' no verso

Desta *Dido lyrial que não cantou*
[*Virgilio...*

Qual é o sujeito da oração?

O senhor dirá que essa fórma é classica e está consagrada pelo uso. Mas nem por isso deixa de ser ambigua. Tanto mais quanto se trata de um verso.

Faça o favor de assignar as suas poesias com o seu verdadeiro nome.

FLAVO (?) — As suas trovas não servem para o FON-FON.

CAROLLA (?) — A sua fantasia não póde ser publicada.

JOSÉ NUNES DE AQUINO (?) — Não é possivel dar publicidade ao seu *Tedio*.

SIMAR NOAN (São Paulo) — Sua não póde figurar no FON FON.

CARLOS EUGENIO DE SÁ — (Capital) — Devo ao senhor as seguintes respostas: 1.ª — Não estou autorizado a declarar quem seja *Petite Source*; 2.ª — Rosalina Coelho Lisbôa, na minha opinião, é uma das maiores escriptoras e poetisas do Brasil. E' uma mentalidade de escol.

PARANHOS ANTUNES (?) — Os versos estão cheios de pequeninos defeitos. Não tenho tempo para concertal-os.

SYLVANO FREITAS (S. Paulo) — *Canção da chuva* vae ser publicado.

JOSÉ MESQUITA (Minas) — Li a sua *Trilogia*, mas não gostei do poemeto *Amôr*. O senhor escreve:

O amôr..................................
Doloroso Ventura... *cicatrizes*
Que o "estylete" da sorte enrai-
[*vecida*
Abre no coração dos infelizes.

Ora, um estilete não abre cicatrizes no coração, nem em parte alguma... *Cicatriz* é o vestigio que deixa uma ferida depois de curada; não é a propria ferida.

Nem siquer o senhor póde empregar o substantivo por analogia.

A vida e *A morte* serão publicados.

SAIBAM TODOS...

(Continuação)

BENEDICTO SALGADO (?) — O seu soneto *Minha Musa* e as suas duas estrophes *A um poeta neophito* vão apparecer no FON FON.

MIGUEL CAMPOS (?) — E' ao senhor que cabe a honra de fechar o cyclo luminoso dos poetas que passaram o Arco de Triumpho da cesta.

E aqui vae o seu soneto, *Iracema*, que, certamente, será vasado no bronze... no pedestal de sua estatua.

IRACEMA...

Hontem quando recebi tua car-
[*tinha,*
A tua linda cartinha cor de rosa,
Fiquei deveras contente, porque
[*tinha*
A minh'alma tristemente peza-
[*rosa.*

O teu coração parece que advinha.
Porque naquella hora angus-
[*tiosa,*
Eu via no espaço a sua figu-
[*rinha,*
Que vinha surgindo assim tão
[*graciosa.*

Me disseste uma phrase muito
[*linda.*
Que teu coração não me esqueceu
[*ainda.*
E jamais de ti eu posso me
[*esquecer.*

Eu longe de ti, tambem vivo
[*soffrendo.*
E sinto nesta hora te escrevendo
Que tua saudade é que me faz
[*soffrer.*

Apenas, o que lhe posso garantir é que a sua déa nunca mais lhe escreverá uma cartinha côr de rosa, e sim uma tarta tarjada, attendendo ao seu desastre poetico. Será uma carta de pezames. E ao lêr o quartteto, onde o senhor declara que via a figurinha della surgindo no espaço, como uma "pipa", (rectangulos de papel que os garôtos soltam, presos a uma linha, durante o mez de agosto) certamente dirá comsigo: "Que pulha esse poeta! Não está vendo elle que não sou feita de papel, nem de gaz carbonico, nem sou balão de São João?"

E para não sahir desse dominio de idéas joaninas, acrescentará, en revanche, que o senhor é fatuo como uma pistola de balas coloridas; inconveniente como um buscapé; explosivo como uma "bicha"; gyratorio como uma rodinha...

ROSA DO SUL (R. G. do Sul) — Oh! não tenha duvidas, sempre ao seu dispôr! Gostámos, sim, de sua cartinha, muito embora aquelle perfume não fôsse de nossa preferencia. Mas, não vá V. Ex. zangar-se por isso. Gostos... cada um teu o seu... Concorda? Ora, nem poderia ser de outra maneira. Como V. Ex. é bondosa...

Ah! ia-me esquecendo, o seu estudo graphologico ficou para outra vez, quando, menos distrahida, preencher todos os requisitos que a sciencia de Crépieux-Jamin pede para que possa perscrutar os caracteres. Como deve estar lembrada, nem o seu nome verdadeiro me enviou. Assim, estamos pagos.

Não se resinta por isso e escreva-me sempre, mesmo que a cartinha venha impregnada daquella essencia que não é de minha predilecção.

LYS (Capital) — Quanta gentileza! Nem eu o esperava. Confesso, mesmo, que a suppunha egoista como... as outras... com raras, rarissimas excepções, bem se vê. Mas uma vez que assim procedeu, só tenho a louvar o fidalgo gesto de V. Ex., agradecendo, ao mesmo tempo, as palavras encomiasticas que teve para commigo. Isso vem provar o velho brocardo: "De onde não se espera a caça é que ella vem..."

Quanto aos classicos francezes, senhorita Lys, encontral-os-á na Livraria Francisco Alves, rua do Ouvidor, 166, onde tambem poderá adquirir o *Suave Enleio*, ao preço de 4$000.

Até logo e... não se esqueça de mim...

YVES

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

\- * -

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97 — Telephone Central 4136.

FON-FON — 20-7-929

Data da consulta ....

....

Nome do consultante ....

Jardim Divino

Por DESIDERIO SZOMORY

EU tinha uma carta de recommendação para um certo sr. Hughes Revel, o qual, pelo que me diziam, devia ser uma brilhante figura do jornalismo londrino.

Fui á sua procura na Gower Street, em uma daquellas horrendas pensões onde, entre todos os sêres que se aggrupam ao redor da mesa, encontram-se os exemplares mais caracteristicos da miseria humana: velhas raparigas escossezas, de rostos depravados, á caça de pão, louras, ethereas allemãs, de uma gordura enfermiça, e tragicos mestres de embarcações maritimas que erram em terra firme, encharcados até os ossos. Subi aos tropeções uma escada sombria, galguei-a esfalfado até o quarto andar, sob as tristes lampadas de gaz, accesas tambem durante o dia.

O quarto do meu homem era lá em cima, no ultimo patamar, onde não chegava mais do que uma frouxa claridade das luzes das lampadas; as gotas que tombavam cadencialmente de uma torneira mal fechada, resoavam de um modo estranho por detrás de uma pilha de moveis, provavelmente abandonados ou sequestrados.

Caminhando ás apalpadelas ao longo da parede, sem outro guia do que os fios de luz que se escoavam pelas grêtas das portas, encontrei finalmente aquillo que procurava; bati duas ou tres vezes, busquei a maçaneta; abri. Era uma camara estreita, comprida, triste e humida como um antro.

Aquelle que eu procurava ergueu-se no leito e sentou-se, desperto, evidentemente, de um somno profundo. Olhou-me. Era amarrotado como um trapo; coberto de cans, calvo, lamentavel; tinha um rosto cavado e soffredor. Mas recebeu-me com muita serenidade, e, logo depois, suas faces se illuminaram daquella esperança feliz que aguarda tanto o mal como o bem. Leu a carta com indifferença, deixando-a, em seguida, cahir suavemente; negligente como um lord elegante.

— Faça-me o favor de abrir a janella — disse-me. — A cortina rompeu-se hontem justamente — juntou logo depois com uma estranha benevolencia pelas cousas.

Um farrapo de panno côr de marfim velho, tostado de sol e manchado de ferrugem, pendia da janella; era o resto da cortina.

— Mas não faz mal — continuou Hughes Revel — isto não tem importancia desde o momento que a senhora Bakham é uma criatura maravilhosa.

— Sim, sim, — respondi desorientado.

E abri a janella. Em torno, na serenidade do ar puro, manchado aqui e ali pela fumaça das chaminés, levantavam-se altas parêdes. Estavamos no estio. Num pateo afastado via-se uma arvore frondosa e um vestido vermelho entre taboleiros de relva, em plena luz. Experimentei subitamente o desejo de ir-me embora. Pensei que era bem estranho terem-me dado uma recommendação para um homem como aquelle que eu tinha em frente. Elle, no emtanto, não se movêra do leito, e de lá espiava para fóra, pela janella aberta. Pareceu-me que observava a altura do sol.

— Devem ser tres horas pelo menos — falou.

— De certo. E quatro tambem — respondi numa irritação descortez e muito evidente.

— Ah, caro joven! — exclamou com ternura — se soubesse que bello prazer o meu! Dormir em logar de comer, que bello prazer!

— Não considero isto como um grande prazer — repliquei friamente — prefiro mil vezes um bom jantar.

Examinou-me com um ar ligeiramente escarninho. — Parecia desprezar-me e lastimar-me ao mesmo tempo, com aquella benevolencia ironica das pessôas superiores. Passou-me um minuto, um longo e penoso minuto, durante o qual continuava a observar-me com o seu olhar malicioso. Era evidente que as minhas palavras o tinham impressionado um pouco, não obstante essa expressão de superioridade.

— Janta bem habitualmente? — perguntou-me com mal dissimulado interesse.

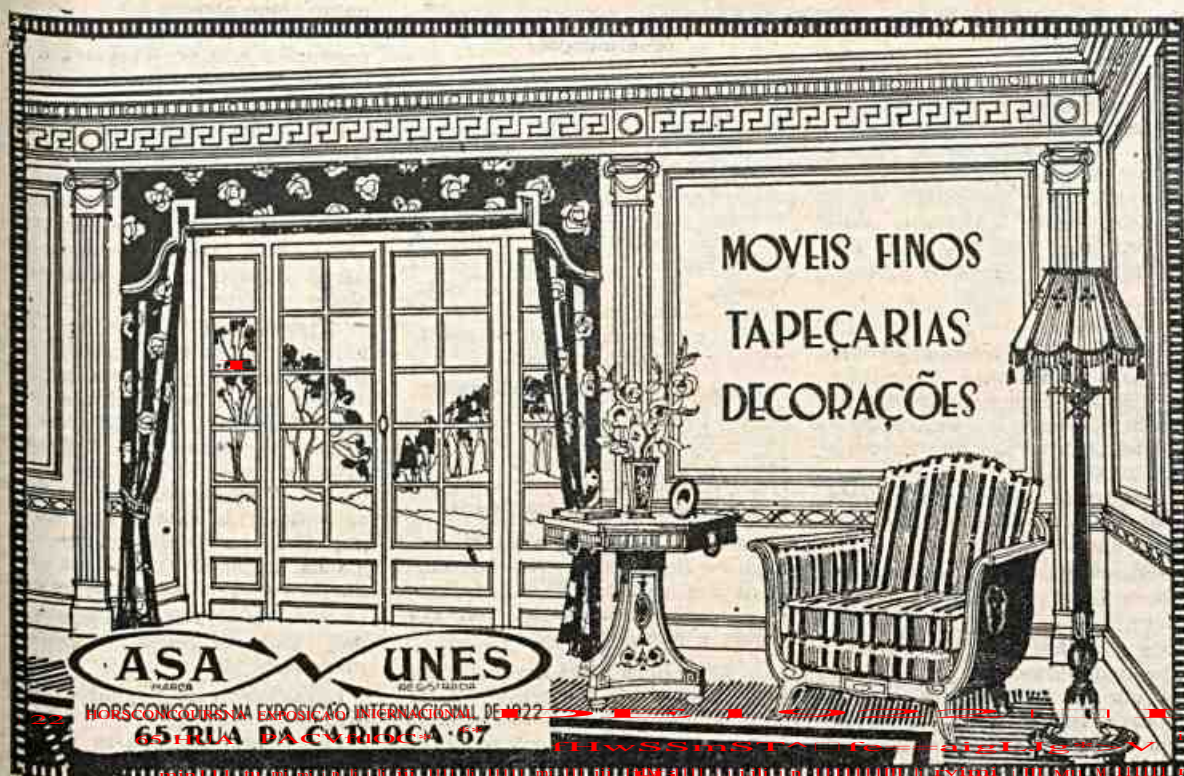
— Sim, senhor — respondi com arrogancia — sou amigo de uma vida methodica.

— Ah! Muito bem!

Saltou do leito e vi, então, que trazia um pyjama de sêda.

— Penso que está um pouco irado commigo, e tambem por causa daquella cortina rasgada que não foi mudada. Provavelmente está ainda aborrecido porque neste appartamento não ha um quarto de banho com columnas e uma piscina cheia de rosas, uma piscina como aquella em que se banhava Caracalla. E porque não ha aqui espelhos Renascença, vazos chinezes, quadros de Velasquez, mas ha, pelo contrario, um homem calvo e melancolico que se levanta do leito tarde porque não tem um criado que o venha despertar; você, meu caro joven, está pouco satisfeito. Acha enfadonho, em summa, ter-me sido recommendado, comquanto seja eu um bom homem. Um homem superior. Um homem como existem poucos no mundo. Sou indispensavel ao mundo. Mas posso offerecer-lhe um cigarro? — perguntou-me cortezmente.

Sacou do bolso uma mesquinha cigarreira de palha trançada onde dois cigarros solitarios dormiam unidos.

— São muito finos, — assegurou — o rei tambem fuma destes que são os melhores. Deliciosos.

— Obrigado, — disse eu, e accendi o cigarro que me pareceu logo pessimo.

— E assim como isto — continuou animado — tudo aqui é muito fino. Olha, por exemplo, este pyjama. Não é de sêda de Lyão ou de Manchester, não, pelo amôr de Deus! é um tecido japonez delicado como uma teia de aranha, e fresco como a pelle de uma marqueza. Os rajahs da India fazem os seus turbantes desta sêda, póde crêr-me!

— Está bem! Mas que me importa que tenha o senhor um pyjama de sêda japoneza? Que diabos tenho eu com isto? — exclamei um pouco irritado.

— Isto diz respeito á esthetica, meu caro, — respondeu delicadamente — porque não vae por certo negar que, mettido neste pyjama, assemelho-me de modo surprehendente ao principe de Richmond.

— Assemelha-se o senhor a tudo que quizer, menos a um homem serio. E por cousa alguma do mundo, ao jornalista distincto e gentilhomem ideal que eu imaginava quando vim á sua procura

MOVEIS FINOS
TAPEÇARIAS
DECORAÇÕES

ASA ~ UNES
MARCA REGISTRADA

HORS CONCOURS NA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE 1922

65 · RUA DA CARIOCA · 67

Gosta de Cinema?..

Leia SELECTA, a melhor e mais barata revista cinematographica. Além das mais recentes informações cinematographicas, enredos e critica de films, etc.

Prefere leitura amena?

Leia então o **Romance de Fon-Fon** que sae em fasciculos semanaes, todas as quartas-feiras.

com esta carta de recommendação.

— E quem lh'o disse? Vejamos um pouco. Você, se bem comprehendi a carta de recommendação, é o filho de um respeitavel proprietario de um jornal do continente. Como tal, quer estudar a organização dos grandes jornaes de Londres. Isto quer dizer, creio, que acha muito opportuno collocal-o eu, por exemplo, num dos escriptorios do *Morning Advertiser*.

— Certamente.

— E' facillimo. Trabalho tambem para o *Morning Advertiser*. Sir Bakhan, é meu amigo muito querido. Bakham, o director. Bak, o celebre Bak. Para não falar em Lady Bakham.... Parece-me que já mencionei esta senhora, esta divina amiga. Mas a discreção obriga, meu rapaz....

— Apresentar-me-á tambem á senhora Bakham? — perguntei.

— Oh! isto não, isto propriamente não lhe posso assegurar — replicou duvidoso. — Vejamos, se sabe que.... Em resumo, você é um caro rapaz, intelligentissimo joven de que ha necessidade em Londres. Mas lady Bakham.... Todavia, ahi está, apresental-o-ei!

Olhei com gratidão. Uma estranha alacridade esvoaçava em torno de sua pessôa, do corpo magro envolto na séda azul. Não sei que admiração inconsciente me levava para elle como para uma apparição surprehendente e exotica. Ora via nelle sómente um gentilhomem cortez e fascinante que servia aos meus fins egoistas com a maior solicitude e despertava no meu coração bellissimas esperanças.

— Vou vestir-me agora rapidamente — disse com enthusiasmo — e depois sahiremos juntos. Poderia, no emtanto, você ir já descendo para falar com a senhora Evelina, que é quem dirige este albergue. Apresente-se e diga-lha que deseja morar aqui, porque aqui resido eu, e pague, antecipadamente, se entender, um mez de pensão. Com isto tambem o meu credito se consolidará. Dentro de poucos minutos irei ao seu encontro lá em baixo. Poucos minutos ainda e estaremos no *Morning Advertiser*.

— Vamos antes á residencia da senhora Bakham, — respondi languidamente. — Se obtiver os seus favores, empregar-me-ão mesmo na administração.

— Excellente idéa! Simplificação do caso! Você tem um bello talento, rapaz! — exclamou com calor.

Diante da porta carcomida que conduzia ao escriptorio da senhora Evelina hesitei longamente Por que iria eu dizer-lhe que que

JARDIM DIVINO

(Continuação)

* * *

ria ficar um mez na pensão e pagar adiantadamente? Mas as palavras de Hughes Revel tentavam-me como uma miragem. A senhora Bakham, a magnifica desconhecida! A grande dama ingleza, fruta sazonada, seductora, que me ia amar talvez! E acabei por entrar onde se encontrava a senhora Evelina.

Emquanto pagava melancolicamente, Hughes Revel veiu-me ao encontro e enviou-me um sorriso feliz. Tomou-me depois o braço com enternecimento e a passos ligeiros sahimos da triste casa.

Fóra tudo era tão bello, no emtanto! Dos jardins vizinhos chegava um perfume de tojos floridos, o sol resplandescia, o ar era tepido e puro.

— A senhora Bakham é a mais bella mulher de Londres — disse o meu companheiro, — a mais bella mulher dos continentes e dos mares. Mas bella do que todas as figuras pintadas por Gainborough, mas bella do que todos os sonhos do roseo Watteau. E' bella, grande Deus, bella como uma cerejeira japoneza em plena

floração, bella como um concha côr de perola entre a relva esmeraldina, maravilhosa, digo-lhe eu! Amal-a? Ser amado por uma mulher assim! Oh! o amôr! O jardim divino! Mas escuta, eu jantarei de muito bôa vontade — acrecentou sem mudar de tom.

Arrastou-me, de repente, para sob um alpendre envidraçado onde estava um restaurante.

— E' um esplendido logar este — explicou — pratos sumptuosos, serviço magnifico. Se vae cear, eu tambem posso fazer uma refeição.

— Perderemos a senhora Bakhan — protestei — e depois, não tenho fome alguma.

— E eu tenho tanta fome... — respondeu com voz languida e melodiosa; — em casa da senhora Bakham tomaremos depois o chá.

Fui obrigado a sentar e expedir ordens. Elle comeu com um appetite incrivel, mas não sem nobreza e sentimento, Com sympathica fraternidade encarregava-se de esvaziar tambem os meus pratos e o meu copo. Entretanto dizia:

— Oh! o chá da senhora Bakham, no seu salãozinho de páo de limoeiro! As pequenas chicaras de Sévres nos seus brancos dedos aristocraticos! O fulgor do seu olhar, os reflexos da luz nos seus cabellos louros, o perfume do seu halito! Experimenta-se o desejo de collocar a cabeça em seu regaço e chorar perdidamente. Ella é toda harmonia , toda luz. E' a harpa de ouro, a harpa de ouro.

— Oh, meu Deus, vamos, peço-lhe, vamos depressa! — exclamei interrompendo-o.

Levantamo-nos, paguei e partimos.

Depois de um quarto de hora a caminhar sempre em frente, elle me disse, indicando-me uma casa:

— Está ali o palacio encantado.

Era nas vizinhanças de Park Lane. Um palacio fuliginoso, mas com flôres nas janellas; a maçaneta do pequeno portão de carvalho brilhava. Procurei aproximar-me, mas Revel fez-me parar.

— Creio ter-me enganado — hoje a senhora Bakham não recebe.

— Como?

— E' o que digo. Não vê? Tudo é tranquillo, tudo está silencioso em torno; nenhuma carruagem, nenhum convidado, portanto.

— E' o mesmo — exclamei irritado — quero de qualquer modo vêr a senhora Bakhan. Estou já muito interessado nesse negocio, material e moralmente. Deixei um montão de soldos em seu albergue e paguei-lhe a ceia. Não sou nenhum millionario. Onde está, afinal, a senhora Bakham?

— Provavelmente na Grande Opera — respondeu-me com melancolia. — Está sentada no seu camarote, com aquelle maravilhoso vestido azul que lhe deixa nuas as espaduas. Oh! aquellas espaduas! São como um espelho de prata.

Meia hora depois tomava eu duas entradas para a Grande Opera.

Na enorme sala de mil luzes floriam por toda a parte candidas espaduas femininas e luminosas cabeças louras. Eu as olhava uma por uma, e o coração batia-me precipitadamente.

— E' aquella? — interrogava agitado.

— Oh! não.

— Aquella então?

— Muito menos.

— Mas não está aqui por acaso tambem? Não a vê?

— Não, Deus meu, não, na verdade.

Naquella noite, por longas horas a fio, nós a procurámos em toda a parte; no interior das carruagens que passavam, nos bars elegantes, nas varandas dos restaurantes de luxo, nos bosquetes artificiaes das reuniões mundanas, em festas aristocraticas, sob pequeninos lampeões exoticos e palmeiras anãs.

Ao alvorecer, detivemo-nos extenuados numa esquina deserta e apoiando-nos a um muro, olhámo-nos de frente.

— Agora, vamos para casa. — disse-me Revel numa voz suave.

JARDIM DIVINO

(Conclusão)

— Não, não vou — respondi prostrado — digo-lhe que não vou, e advirto-lhe de que não quero vêl-o mais. Arrependo-me terrivelmente de não ter seguido o meu instincto quando tive a desgraça de conhecel-o. Não posso comprehender como nunca deixei de crêr na miragem que me pôz resplandescente diante dos olhos. Eil-a: "Jardim divino", "harpa de ouro", "espelho de prata"! Enganou-me de uma maneira indigna. Quem é a senhora Bakham? Não vi em parte alguma nem sombra da senhora Bakham!

— E eu? Acredita que a tenha visto?

— Como? Não existe então?

— Não.

— Patife! — exclamei com amargura, e afastei-me desgostoso.

Elle, porém, correu ao meu encontro; obrigou-me a parar sob um lampeão solitario.

— Imagine agora — disse-me em tom conciliador — que eu o tivesse apresentado a uma bellissima mulher, a uma magnifica estatua viva, branca e perfumada, coberta de perolas. Imagine se já a tivesse amado, possuido e começasse já a entediar-se... que cousa lhe restaria? Cale-se, por caridade! A senhora Bakham é minha, é sua, é de todos aquelles que com ella sonham e que não a viram nunca. Não é mais bello assim talvez? Seja razoavel rapaz. Está rompendo a madrugada. Bom dia. Venha para casa dormir.

••

FRUTO AMARGO

De pé, os cotovellos fincados na balaustrada da varanda de seu palacete, a fronte apoiada nas palmas das mãos, Marcos Alphonsos fitava, abstracto, o asphalto da rua, onde vinham derramar-se as luzes da illuminação publica.

A espaço, nessa hora silenciosa da noite, um ou outro automovel passava, deslisando suavemente no asphalto...

E, na quietude do seu gabinete de trabalho, só se ouvia o tic.... tac.... compassado do relogio, collocado sobre a elegante secretária de ébano.

Marcos Alphonsos não saberia dizer quantas horas assim permaneceu, entregue ás graves cogitações que o atormentavam e denunciadas por profunda ruga que lhe sulcava a testa.

Ao abandonar a varanda, notou, entretanto, que empallideciam os fócos electricos. Sentado, agora, em frente á sua secretária, lia attentamente, mais uma vez, a novella que o seu amigo Paulo Roma lhe entregára, havia dez annos, para que a prefaciasse.

Vasada num estylo elegante e original, rica de colorido e de imagens, aquella historia de amor era simplesmente adoravel.

El Marcos Alphonsos assim o comprehendeu.

Escriptor ainda insatisfeito, via chegar a decrepitude intellectual, antes da gloria ambicionada.

Dedicára toda a sua mocidade á literatura. Buscára, nas tiras em branco de papel, durante annos, exprimir em phrases lapidares os pensamentos que lhe escaldavam o cerebro.

A tortura da fórma lhe era familiar. Muitas vezes lhe sorrira a caveira do desanimo. E' em vão foram os seus esforços.

Verdade seja que os seus livros mereceram elogios dos criticos amigos. Mas, apesar disso, dormitavam nas estantes das livrarias.

Certo era que o "seu" grupo lhe tecia louvores crivados de scintillantes adjectivos. Não se illudia, porém. Sabia bem avaliar o gráo de sinceridade que dictava aos "literatos de polainas" taes elogios.

Em frente, porém, ao indifferentismo dos leitores, se lhe revoltava o amor proprio.

— Um paiz de analphabetos e de "jeunes filles" leitoras de Delly e Ardel! — exclamava, com indignação.

Agora, sentindo-se esgotado, presentia a inevitavel derrocada de seu sonho, o sacrificio inutil da sua mocidade.

A novella de Paulo Roma, cujo talento supprira a deficiencia da instrucção e da experiencia, era um fruto maduro que o appetecia.

Reflectia-se naquellas paginas o apaixonado recolhimento de uma alma ajoelhada deante do altar da *Saudade*, erguido no interior, embalsamado de incenso da *Cathedral do Amor*.

Sem amigos, morto 15 dias depois de a ter escripto, Paulo Roma provavelmente não a lêra a ninguem.

Caso contrario...

— Ora bolas! Dez annos... Quem se lembraria...

II

Naquella manhã, uma linda manhã de junho, em que o sol, esgrimindo seus raios, fazia recuar a cerração que se apoderára, durante a noite, da cidade tremula de frio, Marcos Alphonsos, estirado na sua confortavel *mapple*, percorria os os jornaes matutinos.

Todos se admiravam de que no Brasil uma novella entrasse, semanas após ao seu apparecimento, em 2.ª edição. E, unanimemente, affirmavam as bellezas de estylo do festejado escriptor Marcos Alphonsos.

Este sorria, embevecido.

De quando em vez, suspendia a leitura dos jornaes para lançar um olhar, mixto de enlevo e de orgulho, á sua secretária, coberta de cartas traçadas por mãos femininas e por "immortaes".

Via-se, finalmente, falado, admirado... E nem um só instante o remorso lhe mordeu a consciencia.

Mas...

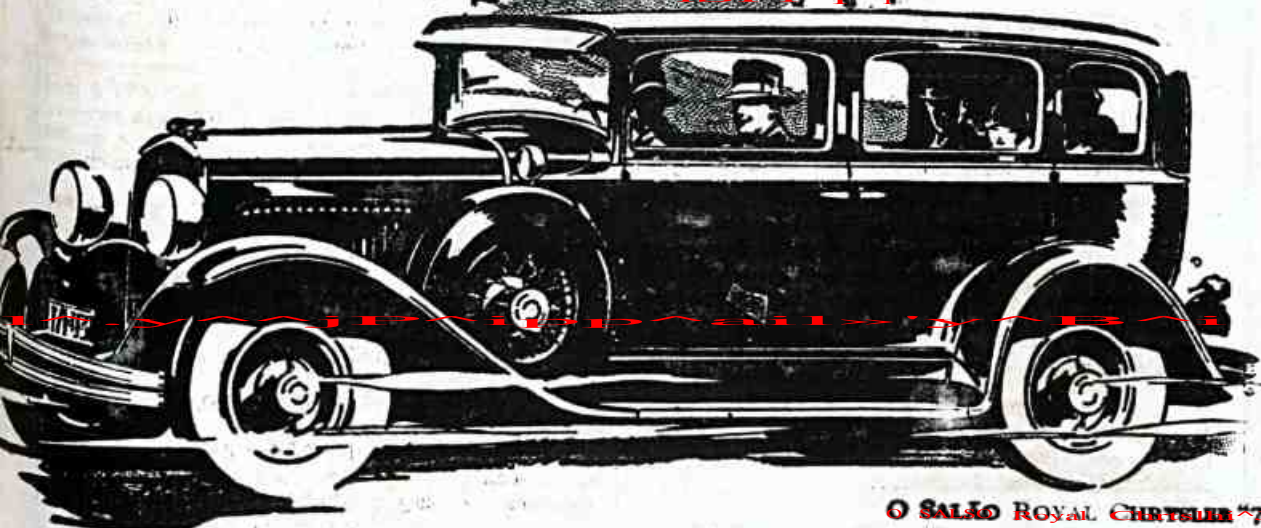
Atirando os jornaes sobre uma cadeira e, erguendo-se de um salto, Marcos exclamou:

— Sou feliz!

Annuviou-se-lhe, quasi immediatamente, a physionomia. Um sorriso amarello arregaçou-lhe os labios.

E rangeu:

— E foi elle!... Elle, e não eu, quem a escreveu...

E, desesperado, olhos injectados, Marcos Alphonsos, o elegante e festejado escriptor, comprehendeu, pela primeira vez, a dolorosa necessidade da renuncia.

JOSÉ MARIA SENNA

HILARIDADES

De JUAN CRAVERA

SALVOU A SITUAÇÃO

REPRESENTANDO Rafael Calvo "D. Juan Tenorio", ao chegar o momento em que tinha que dizer:

Como gritam esses malditos!

....

confundiu-se e exclamou:

Como gritam esses malvados!

O publico, que sabia de cór a famosa obra, e sobretudo esse popular inicio, fez um movimento, demonstrando que elle havia cahido em erro; e graças ao respeito e á sympathia que sentia por tão grande actor, limitou-se a um ligeiro murmurio e natural protesto.

Calvo esperou que se fizesse silencio, para continuar, dizendo

Porém, mau raio me parta,
si, ao terminar esta carta,
não ficarem escarmentados!...

Assombrados os espectadores da serenidade do seu artista favorito, premiaram o seu engenho, com uma calorosa ovação.

INDIGNAÇÃO

O celebre pintor Ignacio Zuloaga necessitava de um modelo para os seus quadros, e poz um annuncio nos jornaes offerecendo um bom ordenado á moça que, reunindo determinadas condições, quizesse servir de modelo para o rosto e as mãos da figura.

Logo appareceu no "atelier" do mestre uma linda rapariga, disposta a "posar", deante do pintor.

— Bem — disse-lhe Zuloaga. — Vamos vêr. Vire-se um pouco. Mostre-me o seu perfil.

A moça se ergueu cheia de indignação, e replicou:

— Sr. mestre, eu sou uma joven honrada...

E retirou-se cheia de colera.

Ella pensava que o "perfil" eram as suas... ancas redondas e bem feitas.

PERGUNTA INTENCIONAL

Mauricio Rostand assistiu a um banquete, em casa da duqueza de Dodeauville e aconteceu sentar-se junto a uma senhora que tinha fama de ter muito máo halito.

Para evitar qualquer mordacidade do ironico escriptor, a dama não disse uma palavra durante o festim.

Ao chegar a sobremesa, o "garçon" trouxe um queijo de Hollanda e collocou-o entre Rostand e a senhora.

O cheiro do queijo tornava-se aggressivo, chegando ao mais insensivel olfacto.

Em seguida, Mauricio Rostand, voltou-se para a sua companheira de mesa, e perguntou com fingida naturalidade:

— A senhora estava falando commigo?

— Não! — disse ella, revoltada.

E Mauricio Rostand:

— Então era o queijo.

ORDEM "ANALPHABETICA"

Tendo sido eleito governador de uma provincia, um conhecido politico, este se viu obrigado a proteger á todos que o haviam ajudado a subir. E, entre esses candidatos, havia pessoas completamente inaptas para desempenhar qualquer emprego publico.

Comtudo, o homem cumpriu as suas promessas, e se fizeram numerosas nomeações.

Por motivos relacionados com o seu alto cargo, o governador em questão teve que se entrevistar com o presidente da Republica, a quem deu conta de certos assumptos, assim como das nomeações que fizera. Buscando desculpar-se, ponderou que havia sido obrigado a collocar aquelles magnatas em logares que lhes não convinham.

O presidente, sorrindo com ironia, atalhou o governador no seu "acto de contricção", dizendo:

— Sim, sim, vejo que V. Ex. nomeou essas pessôas por ordem rigorosa...

— Como, sr. presidente?

— Por ordem "analphabetica".

REVOLTA

Don Manuel Fernandez y Gonzalez escrevia o folhetim para o diario de Madrid, "La Discusion"

A Queimadura do Sol não tem Terrores para Ella

porque ella usa a Maravilha Curativa de Humphreys. Este admiravel preparado alliviará dôres e acabará com a inflammação resultantes da mais grave queimadura do sol. Pode-se gozar o prazer dos banhos de mar sem se ter o horror pelas consequencias de se expôr ao sol.

A MARAVILHA CURATIVA DE HUMPHREYS não sómente allivía as queimaduras do sol, mas é tambem um remedio de alto valor para:

Talhos e feridas laceradas
Contusões, torceduras e luxações
Queimaduras e escaldaduras
Dôres rheumaticas
Lumbago
Nevralgía
Inflammação da garganta
Picadas de insectos
Excoriações

E PARA USO GERAL DO TOUCADOR

Vende-se em todas as Pharmacias

HUMPHREYS' MEDICINE COMPANY
Corner Prince and Lafayette Sts. New York City, U. S. A.

HILARIDADES

(Conclusão)

de que era proprietario o grande politico D. Nicolas Maria Rivero.

Certa manhã, "La Discusion" appareceu sem o folhetim, retirado, á ultima hora, por excesso de materia. Poz o novellista de lado, e este deve que se resignar. No dia seguinte o caso se repetiu. Então, Fernandez y Gonzalez ficou encolerizado e foi á redacção do periodico. Perguntou pelo director. E como este não estivesse, exclamou, alterado, dirigindo-se aos redactores:

— Pois digam a D. Nicolas, que ha dois dias não sáe o meu folhetim, o que equivale a deixar Madrid sem pão. E si elle governa aqui por ter talento, mais talento do que eu ninguem tem!

UMA EXPLICAÇÃO

Em burgo das immediações de Upsal (Suecia) — um membro do Conselho municipal, em plena sessão, declarou:

— A metade dos meus collegas são uns idiotas!

A phrase produziu sensação. Houve tumulto. E o orador foi compellido a retratar-se. Elle prometteu que rectificaria a phrase insultuosa.

E, com effeito, no dia seguinte, appareceu, fixado nas esquinas das ruas, o seguinte annuncio:

"Devo declarar que a metade dos conselheiros municipaes não são idiotas — X."

E, assim, ficou resolvida a questão.

Bôa gente!

O ENXADRISTA ORIGINAL

O arcebispo de Canterbury, passeando uma tarde por um bosque, encontrou um individuo que estava sentado no chão, em frente a um taboleiro de xadrez.

O homem parecia sériamente preoccupado e movia as pedras como si estivesse jogando.

Vendo o sacerdote, o homem ergueu a cabeça e sorriu. Depois, proseguiu no seu jogo solitario.

Estranhando aquella attitude, o arcebispo perguntou:

— Que fazes, irmão?

— Jogo o xadrez.

— Jogas o xadrez?

— Sim.

— Com quem? Jogas sózinho?

— Não!

— Com quem jogas?

— Jogo com o Senhor.

— O Omnipotente?

— Sim.

— Pois não perderás muito Nada perderás ainda mesmo que percas.

— Por que?

— Porque o Senhor, não estando presente, nada lhe pagará.

O que nem todos sabem

Em Hoschmann, pequena cidade dos Estados Unidos, ha um legado para conceder premios aos homens que se casem com a mulher mais feia e com uma das de mais de quarenta annos que haja sido abandonada pelo noivo, duas vezes pelo menos.

•

Vae ser erigido na cidade de Desio, que fica perto de Milão, um monumento a Pio XI, que alli nasceu, e que já autorizou officialmente essa homenagem dos seus conterraneos.

O pedestal de marmore suportará a estatua em bronze, representando o soberano pontifice na sedia gestatoria. Em baixo, em relevo, os symbolos das virtudes cardeaes.

•

Um rico colleccionador inglez, lord Iveagh, fallecido ha pouco, legou á Inglaterra a sua admiravel galeria de quadros, bem como o seu solar de Ken Wood, proximo de Londres, que vae ser convertido em museu.

Essa collecção está exposta em Londres, nas galerias da Royal Academy, em Burlington House.

Embora algumas das télas mais famosas tenham apparecido por vezes em exposições, a maior parte é desconhecida do publico.

A escola ingleza está representada de modo muito completo por Quinsborough, Reynolds, Raburn, Lawrence, Hoffner, Saudseer e Turner.

A collecção contém ainda um bello retrato de Rembrandt, um Van Dyke, um Franz Hals, um Vermer e muitas outras preciosidades.

E' um fact comprovado, na Inglaterra, que, em cem criminosos, pelo menos cinco têm o cabello ruivo.

•

Em maio ultimo, foi feita, em Lyon, a experiencia de uma curiosa invenção, que evitará o perigo de incendio por occasião da ruptura de films cinematographicos.

O proprio preso do film que se rasga porá em acção um apparelho que fará luz na sala de exhibição, cortando, ao mesmo tempo, a corrente electrica da machina de projecção.

A demonstração do novo dispositivo foi feita com grande successo.

•

A melhor maneira de viajar em trens é collocar-se de costas para o movimento. Assim se evita o enjôo e não se recebe de frente o vento que entra pelas janellas, o pó e as particulas de carvão que saem abundantemente das chaminés.

HONTEM

HOJE

6$

280$

4$

70$

8$

120$

COM A EVOLUÇÃO MODERNA TU... TRANSFORMA PARA MELHOR PORQUE NAO ADOPTAR-SE SYSTHEMATICAMENTE O APPARELHO "HYGEA"?

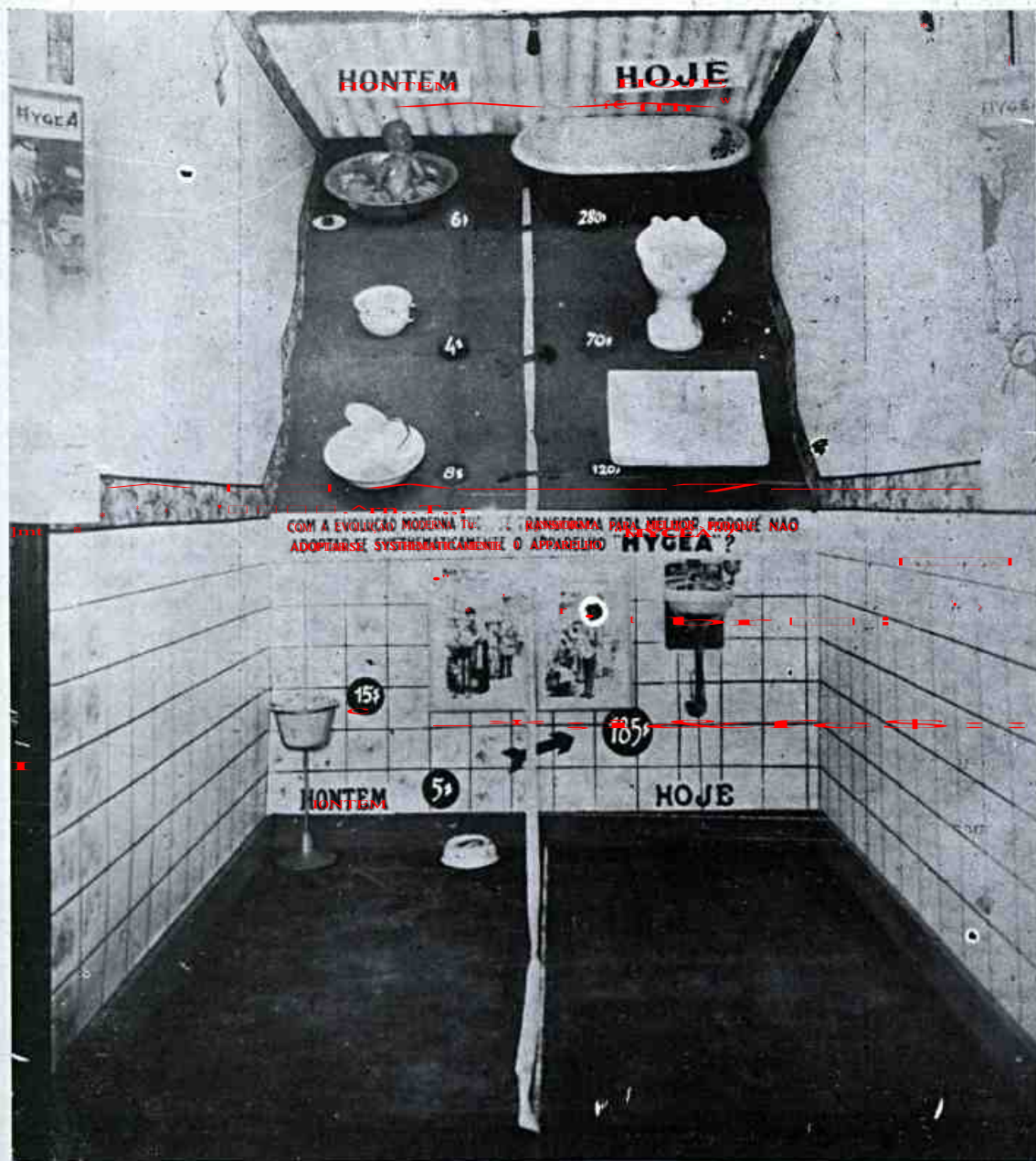
15$

185$

5$

HONTEM

HOJE

Curiosa reclame da Hygéa na Feira de Amostras

O Assassinio de Lady Baumfield

UMA manhã, pelas dez horas, mais ou menos, havia uma multidão em frente do magnifico palacete Baumfield, na avenida de Nova York.

Corrêra desde muito cêdo a nova de que lady Baumfield havia sido assassinada e que seu cadaver, literalmente coberto de ferimentos, fôra encontrado no quarto de dormir.

As idas e vindas dos homens da policia augmentavam a curiosidade da multidão que se apinhava diante das portas do palacio.

Os beleguins procuravam dar passagem aos representantes de justiça, e quando chegou o procurador geral, o povo permanecer immovel durante as tres horas que o funccionario esteve no palacio. Ao sair o procurador, notou-se a presença, entre dois agentes, de um lacaio algemado, e todos gritaram:

— Morra! Morra! Assassino!

Felizmente, fizeram subir logo o preso para um auto, livrando-se elle assim das iras populares.

Aquelle lacaio era John Blackett, que tendo tido na vespera uma discussão tempestuosa com lady Baumfield e faltando-lhe o respeito, fôra despedido immediatamente.

Havia sido ordenada a sua prisão por terem sido descobertos rastros de sangue que iam do dormitorio da dama até a porta do quarto por elle occupado. Além disso, encontraram-se manchas de sangue nos lençóes da cama, e, detalhe mais grave, Blackett apresentava um grande arranhão no braço, arranhão que se suppunha ter sido dado pela victima.

Devia tratar-se, indubitavelmente, de uma vingança, porque não se notava nenhuma desorden na casa.

Blackett, ao defender-se, não póde negar a violenta discussão que tivera com lady Baumfield; mas sustentou que ignorava de onde procediam os rastros de sangue, e que as manchas dos lençóes eram de seu ferimento.

Nenhum dos creados ouvira gritar a velha senhora, e sua camareira, que declarou haver-se deitado ás onze, acrescentou não ter escutado o minimo rumor suspeito.

O porteiro, por seu lado, não abrira a porta a ninguem, e era evidente, pois, que o assassino habitava a casa.

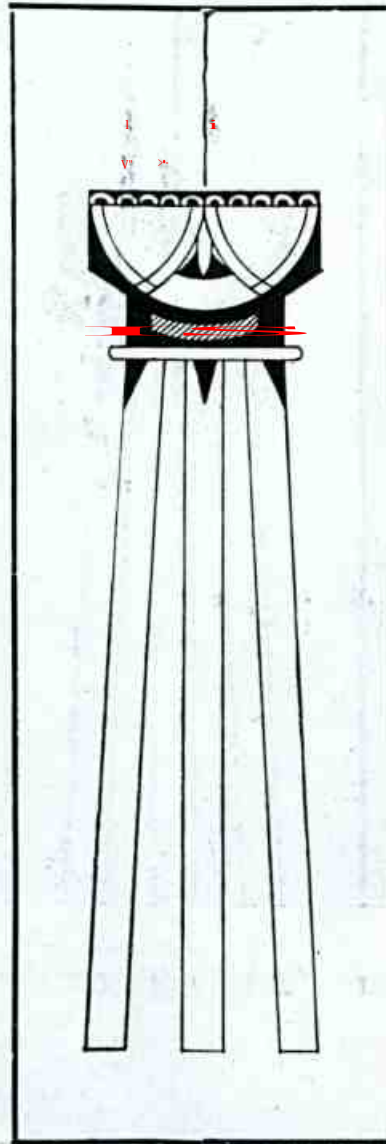
John Blackett era, apenas, o creado mais recente, pois estava ha tres mezes servindo; os demais tinham, pelo menos, cinco annos de trabalho na casa.

Os magistrados não vacillaram, por isso, em ordenar a prisão do lacaio, apezar de seus violentos protestos de innocencia e de seu grande desespero.

O procurador voltou ao tribunal muito preoccupado, pois as lagrimas do presupposto culpado tinham-o commovido profundamente. Ordenou ao seu subalterno Basplitz que se sentasse, e perguntou-lhe:

— Não seguiremos uma falsa pista, Basplitz?... E fixou os olhos claros e leaes nos de seu auxiliar.

— Estou convencido que não — respondeu Jorge, sustentando o olhar do chefe. — A mesma opi-

nião tem Compell e bem sabe o senhor que não se engana.

— Não nego a perspicacia do commissario; mas esse Blackett não tinha sufficientes motivos de vingança para assassinar lady Baumfield e feril-a com tal selvageria. Além disso, estou convencido de que esse homem não é culpado.

— Não obstante tudo o accusa...

— Notou você a limpidez do seu olhar durante o interrogatorio? Ou esse homem é o mais perfeito dos velhacos ou é innocente. Vou procurar conhecer os seus antecedentes e, se fôrem bons, necessitarei de outras provas para prendel-o. Veremos o resultado.

Os escrupulos do procurador provogaram um pouco de mal-estar em Basplitz e antes de separar-se delle, suggeriu:

— Por que não realiza igual investigação outro detective ao mesmo tempo? Tranquillizaria com isso as suas apprehensões e seriamos conduzidos mais rapidamente á verdade.

— Tem razão; mas se assim procedermos, Compell se offenderá e não ha motivo para lhe fazermos aggravo semelhante.

— Não digo uma investigação official — respondeu Basplitz.

— Impossivel. O detective a quem eu encarregasse do assumpto comprehenderia que minha confiança em Compell não era segura. Se as minhas suspeitas se tornarem realidade, Compell descerá a um nivel inferior; se estiver com a verdade, quem ficará mal, sou eu.

— E se encarregasse o senhor dessa commissão o detective francez Roger, que se encontra aqui em perseguição de uma quadrilha de ladrões internacionaes? Os inconvenientes apontados deixariam de existir.

— Oh!... Deu-me uma idéa excellente. Venha com elle á tarde e falaremos a respeito.

— Até a vista, — disse o procurador geral, mais alegre diante da idéa que poderia tranquillizar sua consciencia.

Mr. Roger recebeu em seu escriptorio a communicação de Hughes e respondeu pelo telephone que iria ás sete, porque não lhe permittiam os affazeres uma hora antes.

O relogio marcava sete em ponto quando chegou o detective francez.

Era um homem de uns quarenta annos, de estatura mediana, mas vigoroso e energico.

Ante a nervosidade de Hughes comprehendeu que era impacientemente esperado, e, quando lhe fez elle a proposta de investigar o assassinio de lady Baumfield, não pareceu admirar-se muito com o facto.

Apresentou seus agradecimentos ao procurador pela confiança que lhe dispensára e assegurou lhe sua inteira discreção no caso

Posso examinar a victima no logar onde se commetteu o crime e falar com o pseudo-culpado? — inqueriu Roger.

— Quantas vezes quizer — respondeu Hughes. — Mas, para não ferir susceptibilidades de *mister* Compell, rogo-lhe que diga estar o culpado filiado ao bando de ladrões internacionaes que o senhor persegue.

— Muito bem; isto está feito.

— Como feito? — perguntou assombrado o procurador.

— Sim, senhor; quiz vêr se era um de meus *clientes* o assassinio de lady Baumfield e interroguei Blackett.

— E dahi?... — respondeu ansiosamente Hughes.

— Esse homem é innocente. Em primeiro logar, fui fazer uma visita a Compell que teve a gentileza de communicar-me tudo que se refere ao assassinio.

Em seguida examinei o cadaver da victima e ella propria designou-me a identidade do assassino.

— !!?...

— Na bocca do cadaver encontrei um brilhante que lady Baumfield devia ter arrancado com os dentes ao morder a mão do seu aggressor. Além disso, numa unha do dedo annular da mão direita, achei enrolados dois fios de cabello escuro. Durante a tarde percorri as principaes joalherias para identificar o brilhante, e, ás cinco, consegui saber onde tinha sido vendido.

— E a quem pertence esse brilhante? — inquiriu avidamente Hughes.

— Foi comprado por lady Baumfield em pessôa para seu parente mr. Seamson. Fiz uma rapida investigação a respeito deste *gentleman* e os dados que obtive são os seguintes: tem cabellos escuros e ha longo tempo passa as noites no club, onde joga como um desesperado. Tem muito má sorte e perdeu já sommas enormes. Na noite passada, chegou muito tarde ao club, e seus companheiros acharam-n'o muito abatido e nervoso. Aqui está o que consegui saber agora — terminou o detective.

As trévas se dissiparam graças ao cuidado meticuloso com que examinára o cadaver. No emtanto, não era isso bastante, não era uma prova sufficiente para prender um personagem de tão alta categoria como Seamson, e ainda que alliviado pela descoberta do brilhante e dos cabellos escuros que provavam quasi a innocencia de Blackett Hughes, respondeu:

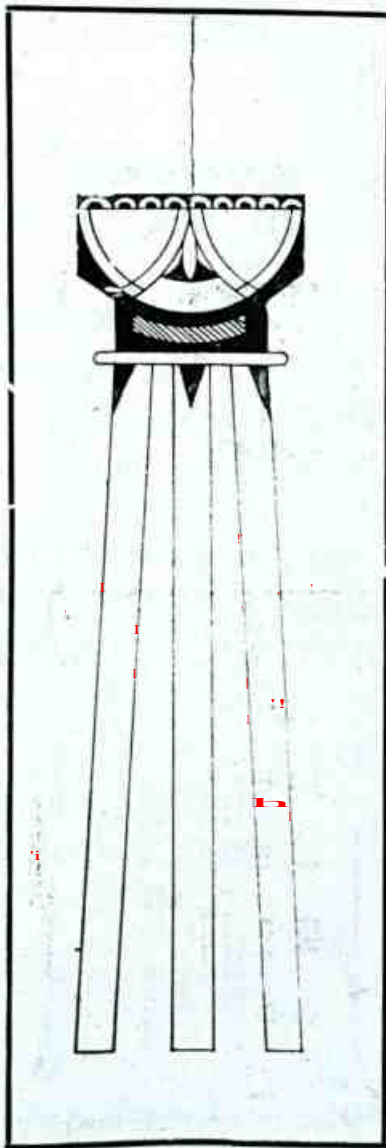
— Não temos provas concludentes para deter Seamson, e não vejo muito bem o movel do crime se lady Beaufield não tinha outro herdeiro senão elle. Mas como provar o crime?

— Concede-me vinte e quatro horas, mr. Hughes? — perguntou Roger.

— Quarenta e oito, se o desejar, respondeu o procurador. — Vou dar ordem para que ponham em liberdade Blakett.

— Confie-m'o e mantenha em segredo a sua liberdade. Póde ser-me muito util.

De

A. VIGNON

Naquella noite mesmo o detective começou as pesquisas.

Jogador furioso e muito pouco incommodado na apparencia pela morte tragica de sua parenta, Seamson encontrava-se no club e repartia as cartas emquanto seu companheiro olhava disfarçadamente para um ferimento que tinha o *gentleman* no annular da mão direita, annular este que parecia ter trazido por longo tempo um annel, pela marca perfeitamente visivel.

O detective Roger, pois era elle o companheiro de jogo de Seamson, pôde ouvir varios socios se admirarem do desapparecimento do annel com o brilhante, attribuindo-o a uma venda forçada para saldar alguma divida de jogo.

Quando na manhã seguinte Roger falou ao procurador sobre a presença de Saemson no club, Hughs manifestou claramente a sua surpresa. Aquella falta de delicadeza moral aggravava a situação do supposto assassino, de de modo que mandou chamar logo Compell. Este ficou boquiaberto quando o procurador ordenou:

— Acompanhado por *mister* Roger, o senhor irá effectuar uma busca em casa de mr. Seamson, o unico parente de lady Baumfield. Seu collega francez acredita pertencer elle a uma quadrilha de ladrões internacionaes e, seguramente, farão os senhores ali alguma descoberta sensacional.

Um quarto de hora mais tarde a busca se effectuava apezar dos vehementes protestos de *mister* Seamon, o unico parente de lady Baumfield. Durante a visita Roger tomou de repente a mão direita do jogador e olhando-a attentamente disse:

— O annel que trazia, magôou-o ao sahir; tem um ferimento no dedo.

Seamson ficou livido e não respondeu.

Compell não comprehendeu o porque da observação do collega, nem muito menos por que se pôz este muito contente ao descobrir numa gavetinha da secretaria um annel a que faltava uma pedra.

Mas tudo comprehendeu quando encontraram numa gaveta umas roupas ensanguentadas.

Diante dessas provas e das perguntas rigorosas do detective Roger, Seamson viu-se perdido. Procurou escapar pela janella, mas dominado a tempo, confessou o crime, declarando que o havia commettido para herdar mais depressa a fortuna de lady Baumfield. Ajuntou mais tarde que fôra elle proprio que puzera o rastro de sangue em frente á porta do quarto de Blackett para que acreditassem ter sido este o assassino.

••

Escrava voluntaria

Os Incommodos Uterinos são como pesadas cadeias que acorrentam o sexo fragil ao desconforto de soffrimentos periodicos mais ou menos graves.

Entretanto, para se libertarem dessa angustiosa prisão, têm as Senhoras uma arma poderosa e infallivel: — o uso d' "A SAUDE DA MULHER."

Toda Senhora que padece de incommodos uterinos é uma escrava voluntaria do Soffrimento, pois para combater esses males, basta usar o grande remedio.

A SAUDE DA MULHER

ANNO XXIII

FON-FON

NUMERO 29

SERGIO SILVA, Director.

Rio de Janeiro, 20 de Julho de 1929

VELLUDO E FERRO

COM a troca de diplomas ha dias effectuada entre o chanceller brasileiro e o plenipotenciario boliviano no Rio, ficou ultimada e integrada a obra delimitativa de Rio Branco, mercê da qual soube o illustre brasileiro merecer de mestre Ruy aquelle admiravel apposto cognominal — "o deus Terminus das nossas fronteiras".

Os grammaticos (sei que a nossa época não é de grammaticos) chamam tambem ao apposto o "continuado do sujeito".

O apposto de Ruy a Rio Branco devêra ser, por sua natureza, um continuado... sem continuadores.

Mas, nem tanto. Si a obra de Silva Paranhos continúa una e firme, é que os seus successores têm sabido mantêl-a e respeital-a, sem a vaidade de retocal-a ou melhoral-a, vaidade de successores com vanglorias de substitutos...

Já Lauro Muller, o successor immediato do grande chanceller, considerava tal successão uma "humilhação gloriosa". E, humilhando-se em sua gloria, foi continuando a obra insigne. Faça-se essa justiça ao illustre catharinense, sacrificado aos imprevistos da grande guerra e que esteve sempre á altura de suas funcções e soube emprehender aquella significativa viagem aos Estados-Unidos e a memoravel excursão do A-B-C, o decalogo trilogico (excusez...) o symbolo trilogico da pacificação sul-continental.

E, agora mesmo, temos a esplendida e, de alguma fórma, surprehendente actuação de Octavio Mangabeira nos tradicionaes dominios do velho Cabo-Frio, completando a obra do gigante, firmando-a, fixando-a, sem a vangloria de melhoral-a, com a só consciencia de respeital-a e mantêl-a.

A Rio Branco chamaram, em vida, o chanceller de ouro, bizarro *simile* ao chanceller de ferro, e lembrança, tambem, de um periodo em que o Brasil andou mais ou menos prussianizado.

Graçoleiros impenitentes malversaram desde logo a phrase — chanceller do ouro, em evidente allusão ao celebre "dinheiro haja!" do Itamaraty de 1908...

Os que admiram e bemquerem sinceramente a Octavio Mangabeira, não poderiam descer á sabugice de chamar-lhe — o chanceller de "bronze", nem mesmo com aquella justa placa que lhe offertaram, em reconhecimento á sua linda attitude protectoral ao latim novo da epopéa camoneana.

Mas Octavio Mangabeira é, sem favor, uma intelligencia solerte, uma actividade bem polarizada, um suave patriotismo vigilante. O seu alto talento e o seu tacto cultissimo não deixaram que a sua alma hybernasse, preguicenta, no Itamaraty.

Quem estudar, attento, a obra da chancellaria nestes ultimos quinze mezes, poderá chamar-lhe, sem lisonja — o chanceller de velludo.

De velludo — mas, alto lá senhores graçoleiros! — velludo que esconde o ferro... para usar da velha imagem corrente.

Porque, quando houvesse perigos a evitar, Octavio Mangabeira saberia substituir o seu meio sorriso, a iás sempre sisudo e em que ha tanto de gentileza e austeridade, pelo sobrolho firme e energico com que o presidente da Republica tem mostrado a porta da rua aos que não têm honra e compostura. Ninguem melhor que Octavio Mangabeira, interpreta a politica moralizadora do presidente.

Além disso, a obra actual d Itamaraty traz um cunho accentuadamente pratico.

Tendo bem junto a si o sr. Helio Lobo (saber escolher é já saber governar) Octavio Mangabeira vae provando que em sua vida tão digna o politico habil tem apenas preparado terreno ao administrador que, um dia, ha de mostrar-se em toda a sua plenitude.

HERMES FONTES

A sociedade argentina desta capital reuniu-se, na noite de 9 do corrente, num dos nossos grandes hotéis, para festejar, com um jantar, que foi uma reunião de alta elegancia, o 113.º anniversario da independencia de seu paiz.

REVERBEROS

Muita gente está se boquiabrindo, cheia de espanto, deante da esquisita frieza com que S. Paulo tem recebido, ultimamente, os grandes artistas que o têm visitado.

Identica frieza se nota nos theatros, onde apenas meia duzia de pessoas enchem as primeiras filas das platéas, dormentes e bocejantes.

Mas, nos theatros, tal attitude é mais justificavel. Porque, se não fosse o valor incontestavel de Rey Collaço, a encantadora portugueza que está occupando o palco do Sant'Anna, se poderia dizer que S. Paulo abriga, actualmente, com o nome de companhias disto ou daquillo, apenas agglomerados desinteressantes de pessimos artistas, que não conseguem agradar ao publico.

E', porém, effectivamente desconcertante, o estranho desinteresse manifestado pelo paulista para os concertos, audições, espectaculos e festivaes, realizados por grandes artistas presentemente em excursão pelo Brasil.

Houve, até mesmo, temperadas que foram interrompidas no inicio, por falta de auditorio...

Madeleine Grey não foi, certamente, tão infeliz. Porque, se o publico não esteve, nos seus concertos, tão numeroso como deveria ser, foi pelo menos ardente nos applausos, e não deixou de manifestar a sua grande admiração pela extraordinaria cantora.

Mas... a causa daquella indifferença?

Simplissima, evidente. Bastaria que alguem, num desses dias de concertos, tivesse o incommodo de visitar os cinemas paulistas. Verificaria que elles estavam cheissimos, apesar do exagero das tabellas da bilheteria.

O cinema, principalmente agora com a ignobil innovação dos sons

A mesa do banquete da colonia argentina.

E VANIDADE...

Do amor, das mulheres...

O amor é um sentimento banal. Nós é que o complicamos por tolice.

Sainte-Beuve, escrevendo sobre a vida de La Rochefoucauld, disse que ella se dividia em quatro phases, cada qual com o nome de uma dama, tal como Herodoto indicara cada livro com o nome de uma musa...

Mme. de Chevreuse, mme. de Longueville, mme. de Sablé e mme. de La Fayette fizeram a felicidade, ou a desgraça, sei lá!, desse admiravel teccedor de intrigas amorosas, que, por isso mesmo, certa vez, recebeu terrivel mosquetada que lhe varou o rosto e o cegou por algum tempo.

Pois La Rochefoucauld escreveu esta coisa simples, que parece complicada: "Quando amamos muito, não é facil perceber se nos deixam de amar."

E tambem: "Ha uma especie unica de amor, com milhares de copias differentes."

O amor é um só.

Nós é que delle nos servimos de diversos modos...

Complicamol-o por prazer, ou tolice, porque, no fundo, o homem é um animal voluvel que não sabe o que quer...

Isto me vem á penna a proposito de um assumpto grave, que actualmente agita a sociedade brasileira.

Discute-se a possibilidade do divorcio, entre nós, e cada qual o aprecia debaixo do seu ponto de vista, quasi pessoal...

E o amor sempre vem á tona, pois, nós só admittimos o casamento como producto do amor.

Eu gosto de sorrir das coisas sérias...

Tenho de satisfazer á curiosidade de uma boneca de carne e osso, como toda gente, que suspeita da *fuga da felicidade* no casamento, quando apparecer o divorcio.

E aqui estou...

Falar do casamento é dizer da educação das mulheres.

Ha, no Japão, um livro que todas as mulheres lêem, como si fôra um evangelho.

E' seu autor Naomi Tanura, que o abre com estas palavras: "*No Japão ninguem se casa por amor. Quando sabemos que um homem foge desta regra, o consideramos como um sêr desprezivel, sem moralidade; envergonha os proprios paes, pois a opinião colloca em plano muito inferior, na escala moral, o amor da mulher.*"

Quando a mulher se casa, no Japão, já aprendeu os quinze mandamentos do livro de Naomi Tanura e está convencida de que o seu dever é obedecer cegamente ao marido, nada mais.

Já ella conhece tambem os cinco artigos do codigo moral, da virtude feminina, do philosopho Ekiken, e sabe as toilettes que deve usar, e que a costura, o bordado e a cozinha comprehendem a melhor arte feminina, para o encanto e a estabilidade da vida de casada.

E' possivel que o Japão "civilizado" venha a pensar de outra maneira, e que o divorcio encerre uma necessidade para a mulher japoneza ganhar o reino do céu...

Para nós outros, entretanto, o divorcio é tão necessario como as valvulas de escapamento (sem arrière-pensée) para certos motores complicados e delicados...

Em regra, a mulher moderna procura no casamento a liberdade propria, pela submissão do marido aos seus caprichos femininos.

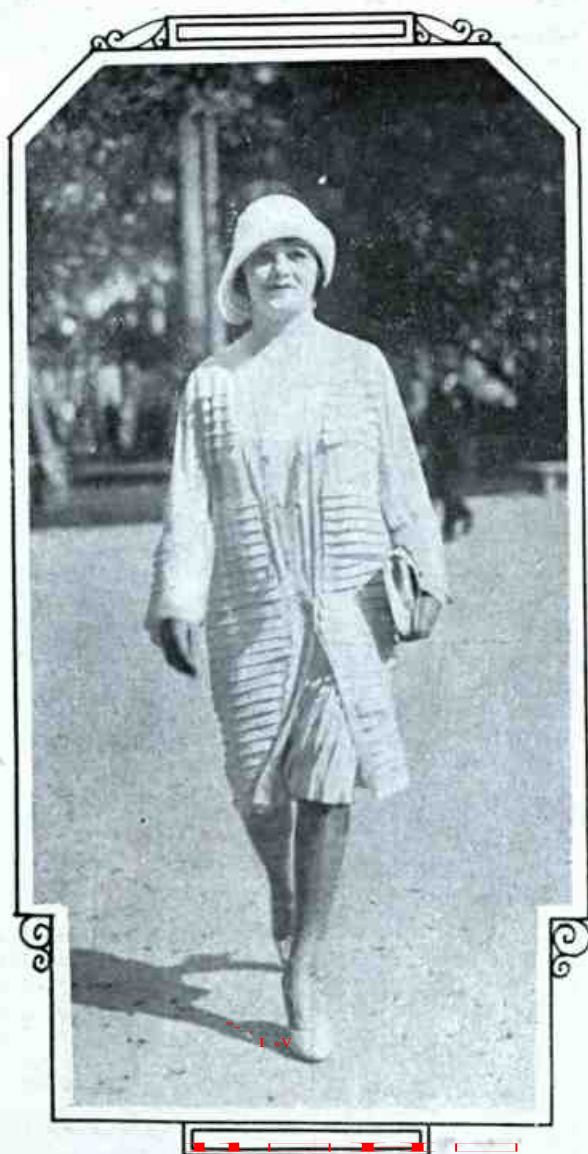
O amor é um motivo lyrico para a mór parte das uniões. Nada mais.

O amor é uma illusão dos sentidos, superexcitados pela amoralidade do seculo.

A felicidade ou a infelicidade não depende, pois, do casamento ou do divorcio, como para mim tambem não reside na educação falha de todos nós.

Sejamos apenas sinceros, em todos os nossos grandes momentos, reconhecendo esta verdade sahida da bocca de La Rochefoucauld: A felicidade ou infelicidade dos individuos não depende menos do natural delles que da sorte

Assim tambem no amor: tudo depende de sorte...

UMA photographia inédita e recente da senhorita Marietta O' Grandy Paiva («Miss Rio Grande do Norte»), a belleza que os cariocas não viram. Belleza melancólica e sonhadora de rainha prisioneira...

Um pouco de elegancia e bom gosto...

PREGUISMO — DE MARION — Noite fria, illuminada por um luar de inverno.

Lá fóra, um silencio inquietador, que põe calafrios na alma da gente.

Aqui dentro do quarto, ouço distinctamente o *tic-tac* nervoso de um coração que trabalha sempre...

Lá fóra, a immobilidade de todas as coisas: a morte!

Aqui dentro, tudo vibra: a vida!

E, embora não saiba onde estás, tenho a impressão perfeita de ouvir o crystal da tua voz, a unica musica que me agrada aos ouvidos.

Lembro-me, perfeitamente, do nosso primeiro encontro no "hall" do grande hotel de luxo.

Do teu primeiro olhar cheio de encanto e mysterio...

Da nossa lenta caminhada através da noite embuçada pela neblina...

Do nosso primeiro aperto de mão e do beijo que nunca mais se esquece...

Nunca mais se apagou dos meus olhos a tua figurinha de porcelana, na desenvoltura do teu *deshabillé* escarlate (que era tão meu!...), da côr dos teus labios molhados que eu sabia saborear como si fossem morangos orvalhados — morangos, a fruta dos sensuaes, dos que vivem a Vida!

Depois...

Não sei onde estás, nem si o éco da minha voz dolorosa, suffocada pelo soffrimento, chegará até os teus ouvidos!

Mas, de olhos fechados, immovel sobre o leito, crê, ainda ha pouco

Vi teu vulto purissimo espelhar-se
No lago do meu peito.

ZIG-ZAG — DR. YVES — Muita gente ha de dizer que sou cacête. Cacête porque só falo em mulher. Mas eu me explico. E espero que serei approvado com distincção.

Ouçam lá...

Falo em mulher, primeiro porque ellas são como as estrellas: mesmo quando estão longe de nós, muito longe, a sua luz ainda nos illumina. Depois por que, muito mais cacête, é um marmanjo falar de outro marmanjo.

Ha ainda outra razão ponderosa: é que ellas são uma fonte inexgotavel de assumpto.

Querem uma historia de mulher? Aqui vae uma

Ha dias, estava eu escrevendo. O telephone me chama. Ora, eu tenho prevenção com os trotes como tenho com a graphologia. Geralmente pergunto si é voz de homem ou de mulher.

Si é homem, attendo indistinctamente; si é mulher, attendo, mas depois de um inquerito. Ah! os trotes! Que coisa detestavel! E então como a mulher é pirracenta, segue-se que ella só faz aquillo que nos contraria...

Como dizia, o telephone me chamou. Attendi. Era uma voz de mulher. Linda voz, aliás. E ella? Bonita, feia, velha, moça? *Chi lo sà!*

Devo dizer, a bem da verdade, que essa interlocutora telephonica não era das mais cacêtes. Supportei-a porque se revelou intelligente. Imaginem que ella falou até em psychologia! Falou em arte, em esthesia... E não falou em cinema, nem em "foot ball"! Um assombro! Uma criatura dessas devia estar no Museu Historico, do nosso Gustavo Barroso.

Mas os senhores devem estar inquietos para saber o que é que pretendo contar...

Esperem. Já chego lá...

A tal mocinha (ou velhota?) do telephone falou, falou, falou como um *speaker* de radio

No melhor da palestra, ella desliga o apparelho. Volta dentro de alguns minutos.

— Quem fala? E' o sr. Y...?

— Sou eu mesmo.

— Vim dizer-lhe que o sr. é muito indelicado. Por que desligou o telephone?

— Não fui eu quem o desligou.

— Quem foi?

— Foi a senhora.

(Senhorita ou senhora?) Ella confessou que fôra ella. E ajuntou:

— Fui eu que desliguei. Mas arrependi-me. E voltei... para accusal-o...

Decididamente, o homem que pretender decifrar a alma de uma mulher acabará na praia Vermelha.

FARPAS — DE MARION — Sabe de uma coisa Raul? Agora estou disposta a não andar de bonde.

— Muito bem...

— Nem de omnibus.

— Ahh!...

— Nem de taxi.

— Tambem?!

— Pois é.

— Mas, então, minha filha, quando você sahir á rua vae andar a pé?

— *Ihihe...* Você não vê logo...

— Palavra que não percebo!

— Você está sempre no mundo da lua!

— Eu, é?!...

— Você, sim. Você precisa deixar de ser móle. Um homem é um homem, ouviu?

— Isto entendo, perfeitamente... Mas, isto não tem relação alguma com o bonde, o omnibus e o *taxi*...

— Não tem relação alguma... Não digo que você é um palerma?!

— Sou palerma, não é?...

— Claro. Você precisa perder a preguiça e agir, movimentar-se, pois o homem tem necessidade de acção.

— Mas, isto não está certo, minha filha. Eu não faço outra coisa senão *cavar* a vida, de manhã á noite, honestamente...

— Porém, o dinheiro não chega para nada.

— E você a taxar-me de vadio, de preguiçoso.

— O que você ganha não dá nem para comer!

— E você, por isso mesmo, não quer mais andar de bonde...

— E'.

— Então?!

— Raul, eu agora estou disposta a fazer de você, funccionario publico.

— Funccionario pu...?! Meu Deus, mas, temos então de morrer de fome!...

— Está resolvido; você vae arranjar um emprego publico.

— Que idéa é esta?!

— Metti na cabeça *bancar* o automovel official.

— Automovel?!...

— Ter *chauffeur*, ajudante de *chauffeur*, serventes, uma porção de empregados, tudo pago pelo governo. Que economia, e que importancia para meus vizinhos!

— Mas, minha filha, para ter automovel official é preciso andar muito por cima, ser ministro, ser director geral, ou então occupar um logarzinho de official de gabinete, e estas coisas, você comprehende, não foram feitas para mim...

— Você está enganado! Você é mesmo muito trouxa.

— Hein?!

— Olhe o que aconteceu com o Eduardo.

— Que Eduardo?!

— O marido da Isabel.

— Que foi que aconteceu ao Eduardo?!

— O casal andava numa pindahyba que metia dó. Elle tinha um emprego muito peor que o seu, mas agora está installado, satisfeito, de automovel official á porta. A Isabel até engordou!

— O Eduardo?! Quasi analphabeto! Empregado publico, com automovel á porta?!

— Que tem uma coisa com a outra?! Elle era um móle como você mesmo. Mas a Isabel resolveu acabar com a vida de torturas e cavou um emprego publico para o Eduardo.

— Estou idiota, palavra!

— Você não passa é disso mesmo: idiota! Ahi está!

— Mas, o marido da Isabel póde lá occupar um emprego de alta categoria!

— Não sei. O facto é que arranjou. Isabel é intelligente, activa, póz-se a campo, teve um *pistolão*, não havia vagas, porém, inventaram um cargo...

— Inventaram!

— Elle foi nomeado inspector dos postes...

— Que emprego é este?!

— Sei lá... O facto é que elle está installado e o ministro deu-lhe um automovel...

— Para passear, olhando os postes, talvez...

— E Isabel vive agarrada ao ministro; já o trata por *tu!*

— Dahi segue-se...

— Vou fazer o mesmo.

— Hein?!

— Trata-se apenas de uma questão de intelligencia.

— Intelligencia?!...

— Sim.

— Não, minha filha, não tenha illusões. Pura questão de belleza... Isabel é uma mulher bonita... capaz de seduzir o Estado...

A esta altura, o dialogo foi interrompido, porque a esposa de Raul desatou num pranto convulso.

Havia perdido a esperança de fazer do marido alto funccionario publico. Fóra-se a illusão do automovel official para ralar de inveja a vizinhança...

A doce alegria de ser moça...

ENTRE os applausos de seus patricios, que a cobriram de flores, cercando-a do mais carinhoso e enthusiastico acolhimento, «Miss Brasil» volveu, quarta-feira penultima, ao seio da linda terra que ella — como uma authentica expressão da belleza nacional e dos encantos e da graça da mulher brasileira — fôra representar na deslumbrante parada de Galveston. Olga Bergamini de Sá, com uma nobreza e uma galhardia que ninguem lhe poderá recusar, soube honrar, na patria americana, o espirito e a belleza das nossas mulheres, bem como as tradições mesmas da sympathia e da amizade que sempre nos ligaram ao grande povo que a acolheu com tanto carinho. A espontaneidade dos gestos de extremada cortezia e gentileza com que a homenagearam vultos dos mais prestigiosos da sociedade norte-americana tocou muito de perto o coração brasileiro. Regressando á patria sem o premio, sem a victoria da majestade da belleza mundial, ella nos trouxe um triumpho, uma victoria bem maior e mais grata a todos nós — a de ter conquistado com a varinha de condão de sua graça e fidalguia o coração dos norte-americanos.

ARABESCOS

Quando te conheci, eras triste como os crepusculos no outomno. Não sabias sorrir; e eras linda como os sorrisos das auroras primaveris.

O teu olhar era velado de melancolia e a tua voz era tão dolorida que as tuas palavras me pareciam lagrimas rezando.

Magoava-me a tua tristeza tão em contraste com a minha jovialidade constante.

Fiz-me todo ternura e carinho. Falei-te de uma felicidade que florescia no meu sonho, de tudo quanto o mundo tem de bello e encantador.

E as lindas descripções que eu te fazia, affagando os teus cabellos e beijando os teus olhos, foram desenhando nos teus labios o primeiro sorriso.

E aprendeste a sorrir...

E o teu olhar se illuminou de arrebóes e de scintillações de vida, e de poesia, e de alacridade.

Confessaste-me, emfim, que te sentias feliz e que bailava no teu intimo uma farandula de sorrisos.

Cêdo me abandonaste.

Não sei por que fugiste nem para onde foste.

Alguma cousa me deixaste como lembrança tua: a tua tristeza de outr'ora, o teu olhar cheio de melancolia e a tua amargura torturante — é tudo quanto encontrarias em mim, si me visses agora!

Mattos Além

O regresso de "Miss Brasil"

«Miss Brasil» (senhorita Olga Bergamini de Sá) em diversos instantâneos colhidos por occasião de seu desembarque nesta capital, de volta dos Estados Unidos.

TREPAÇÕES

SÃO Paulo não é apenas a cidade — maravilhosa do trabalho, onde as fortunas surgem e desapparecem num abrir e fechar de olhos. São Paulo é, tambem, uma formosa *urbs* de prazer, abrigando no seio dos seus valles um *bouquet* de flores humanas, de mulheres que se destacam pela sua belleza.

Depois, então, que foi inaugurado o *trem azul*, parece que ficou mais curta a distancia que separa o Rio da Paulicéa.

Esta, pelo menos, é a impressão que certo cavalheiro expjrimentou, tanto assim que vae repetindo o trajecto amiudadas vezes. Viagens rapidas, mas que deixam sempre saudades...

Interessante é que elle annuncia em casa que vae sempre a negocios, *contrariado*, (coitado!), porque São Paulo é uma cidade insipida, onde só se fala em dinheiro, nada mais.

E, cuidadosamente, afasta da esposa qualquer leve suspeita ou curiosidade, para avaramente gozar a garôta e... a garôta paulista que actualmente fazem o encanto do illustre e conhecido cavalheiro...

ELLA passou pelo rapaz e nem — siquer lhe deu a confiança de um cumprimento. Passou altiva e orgulhosa de sua belleza. De sua belleza que tantas vezes, em tardes iguaes áquella, illuminou a vida sombria do moço desprezado.

Nós conhecemos a historia da orgulhosa dama. Uma historia banal. Femininamente banal. Uma noite, ha muitos annos, ella conheceu, num club elegante, o moço que hoje desconhece. Interessou-se por elle, cujos olhos negros tinham tanta seducção e tanto mysterio. Deslumbrou-se deante da quella melancolia serena. Chegou a amal-o doidamente.

Mas depois... Depois, surgiu um outro homem na sua vida. Um outro homem bem differente do primeiro, porque não tinha os olhos negros, nem era triste, mas era rico, muito rico...

E ella chegou tambem a amar doidamente... a fortuna do segundo.

E casou-se com elle. E é por isso que hoje passa orgulhosa e altiva pelo primeiro amor.

Nem o conhece mais!

Tambem, o mundo é assim...

MADAME arranjou um *caso* — novo, supinamente galante...

Elle foi visto pela primeira vez, revirando os olhos para as hortensias, numa das alamedas de Petropolis, no ultimo verão.

Foi visto, notado e perseguido desde então, tenazmente, por *madame*.

Na cidade serrana, essa circumstancia não foi percebida sinão por um reduzido numero de generalas da bisbilhotice, que durante a estação official do calor alli fazem quartel para vasculhar a vida alheia...

No Rio, porém, *madame* perdeu um pouco a cerimonia e ferrou o rapaz de um modo cruel.

Resultou que elle, hoje, não é mais senhor das suas acções e tem os movimentos tolhidos, não podendo nem mesmo comparecer aos sitios onde os rapazes se aborrecem, em tôrno de uma mesa de *bar*. *Madame* sabe alimentar caprichos...

Maria Eunice, a mimosa filhinha do dr. Alencar Piedade. Tem apenas quatro annos, mas já sabe sorrir um sorriso de moça bonita...

Edmée, filhinha do sr. José Colombino da Costa e de d. Maria Christina da Costa, de Curityba. Edmée está séria, quasi carrancuda, mas tambem sabe sorrir...

O 3º CONGRESSO ODONTOLOGICO LATINO-AMERICANO

PROFESSOR dr. Frederico Eyer, presidente da commissão organizadora do Terceiro Congresso Odontologico Latino-Americano e cathedratico da Faculdade de Odontologia da Universidade do Rio de Janeiro. O dr. Frederico Eyer é o eminente mestre da odontologia brasileira, cujo nome não tem só o prestigio scientifico que o seu saber lhe proporciona, porque é, tambem, um nome de grande relevo social. O Congresso Odontologico que ora se realiza nesta capital, com a presença de mais de 3.000 delegados estrangeiros, deve muito da sua organização á capacidade de trabalho, á intelligencia, ao espirito coordenador e á reputação scientifica do professor Frederico Eyer. Foi elle o grande animador do importante certamen e seu principal executor. Delle partiu a iniciativa do Congresso e devido ao seu nome, ao prestigio da sua figura serena é que a actual assembléa de cirurgiões dentistas conseguiu interessar a todos os paizes do continente. O nome do dr. Frederico Eyer ficará, assim, vinculado a um acontecimento scientifico que muito, de certo, elevará a cultura e o prestigio internacional do Brasil.

Alguns dos delegados estrangeiros ao Terceiro Congresso Odontologico Latino-Americano, por occasião de seu desembarque nesta capital.

O sr. Presidente da Republica, doutor Washington Luis, recebeu, no palacio do Cattete, sexta-feira penultima, á tarde, os delegados estrangeiros ao Terceiro Congresso Odontologico Latino-Americano.

NUM dos salões do edificio do Lyceu de Artes e Officios realizou-se, domingo pela manhã, sob a presidencia do professor Frederico Eyer, a sessão preparatoria do Terceiro Congresso Odontologico Latino-Americano, tendo á mesma comparecido todos os delegados nacionaes e estrangeiros actualmente nesta capital.

GLYCINIAS

A tarde está fria. Fria e humida, com o seu burel de cinza molhado pela chuva, que cáe, mansamente, incessantemente, nesta desolada terça-feira de julho. Substituindo o sol, que hoje não se atreveu a vir affrontar a «cara amarrada» do tempo, anda lá fóra, imponderavel e serena, uma silenciosa melancolia de inverno. Melancolia que envolve tudo, e penetra nas almas, e enche a vida de desalento.

Meu coração está como a tarde. Frio e humido, sem o sol do teu amor para aquecel-o, cáe sobre elle, mansamente, incessantemente, a chuva implacavel da saudade. E uma suave melancolia, que vem da tua ausencia, acompanha-me na evocação da tua figurinha esplendente de claridade e alegria. Da tua figurinha loira que nunca mais me veiu trazer um pouco de primavera e de calor...

Inaugurou-se domingo, no edificio da Escola Superior de Agricultura, á Praia Vermelha, a Exposição Internacional de Artigos Dentarios, de Odontopedagogia e de Livros e Revistas de Odontologia, que funcciona annexa ao Congresso Odontologico Latino-Americano. O sr. ministro da Agricultura, dr. Lyra Castro, presidiu ao acto, que teve a presença de outras autoridades e membros da classe odontologica.

SOB a presidencia do sr. ministro da Justiça, dr. Vianna do Castello, que estava á mesa ladeado pelo dr. Aloysio de Castro, director do Departamento Nacional do Ensino, e do dr. Frederico Eyer, foi solennemente installado, domingo á noite, no salão nobre da Escola Superior de Agricultura, o Terceiro Congresso Odontologico Latino-Americano, que presentemente se reúne nesta capital.

Os delegados dos paizes latino-americanos ao Congresso Odontologico, acompanhados do doutor Frederico Eyer, presidente da Federação Odontologica, estiveram, segunda-feira á tarde, no palacio do Itamaraty, onde foram recebidos, em audiencia especial, pelo sr. ministro das Relações Exteriores, dr. Octavio Mangabeira.

A Seducção Eterna

ADÃO, desde todos os tempos, se queixa de Eva, censura-a, finge desprezal-a. Entretanto, a verdade é que só para ella vive, só nella pensa.

Si, apparentemente afastado do amor, o orgulho o impelle nas sendas asperas da ambição, outro fito não tem sinão o de depôr aos pés da mulher honras, fortuna, poderio... Ainda hoje, para todas as cruzadas da gloria ou da riqueza, os cavalleiros partem levando nos peitos destemidos os nomes de suas amadas. E todas a attitudes, e todas as modas femininas, as mais incomprehensiveis e caprichosas, encontram indulgencia no coração do homem. Si Eva se cobre e se atavia, si deforma o corpo com espartilhos e alarga as ancas e recurva o pé, si usa cabellos brancos embora ainda joven — Adão a declara "absurdamente deliciosa", e o madrigal, requintado e galante como uma flôr artificial, precioso e rebuscado como a mulher da época, lhe sae dos labios amorosos... O mysterio que envolve as fórmas femininas irrita e desafia o masculo desejo. A religião condemna a volupia, o anathema do inferno interdicta o gozo da carne... Em vão... Transformada em peccado, Eva se torna, para Adão, a toda poderosa, e o attractivo do fruto prohibido dilacera as consciencias viris. A virgem é pura e ignorante do mundo, e sua ingenuidade a torna impropria para o arrebatamento da paixão... Porém essa mesma innocencia é a tentação maxima para o mais desabusado dos homens... E si o tempo, fugindo sobre a face da terra, leva a era dos despotismos, e a mulher se ergue revoltada contra preconceitos e imposições, e, num gesto de orgulho, desnuda o corpo bello, dizem os homens, fingindo desdem, que Eva perdeu seu maior encanto, porém os padres clamam do alto dos pulpitos porque bem conhecem elles o que póde a concupiscencia da vista. Liberta dos escrupulos dos confessionarios, e da injustiça das leis, a mulher levanta a fronte com soberba ousadia... e a Eva moderna, consciente do proprio valor, independente e culta, energica e emprehendedora, parece ao homem a mais provocante das prezas. Na cortezã mais pervertida, o excesso mesmo de sua degradação, a volupia que irradia de sua vida como a suggestão mysteriosa dos vicios malsãos embriagam qual se fossem licores venenosos e tornam a maga da suprema seducção. E toda a vida do homem, que nasce de uma mulher e ambiciona morrer ao lado de uma mulher, é entretecida por dedos de mulher... Vestida ou núa, apontada como demonio ou desculpada pela sciencia, encerrada no lar ou conquistando o mundo timida e vencida ou altiva e revoltada, Eva seduz, empolga, arrasta o homem que por causa della trae seu deus e mata o proprio irmão... Pelo mysterio ou pela impudencia, pelo recato ou pela ousadia, pela virtude ou pela perversão, a mulher é para o homem a sempre desejada, a seducção eterna.

Eva.

PETITE SOURCE

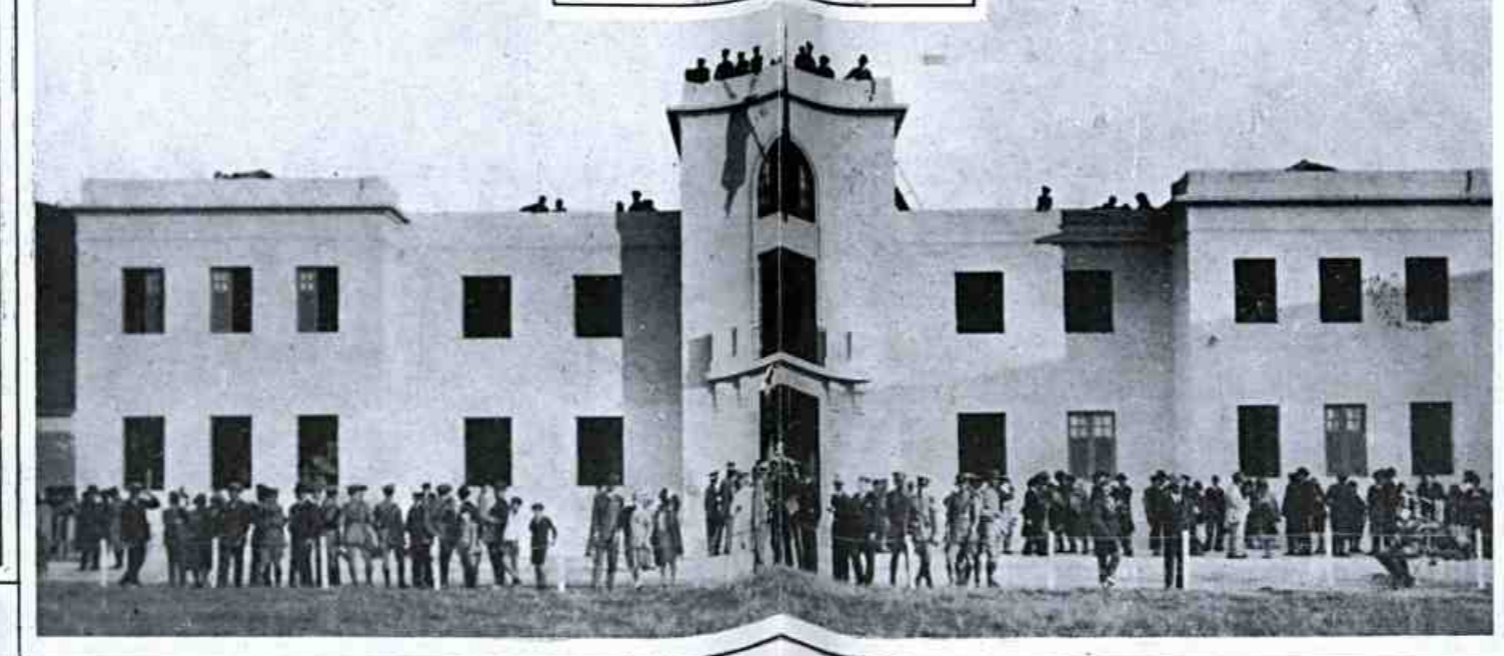
O Eterno Captiveiro

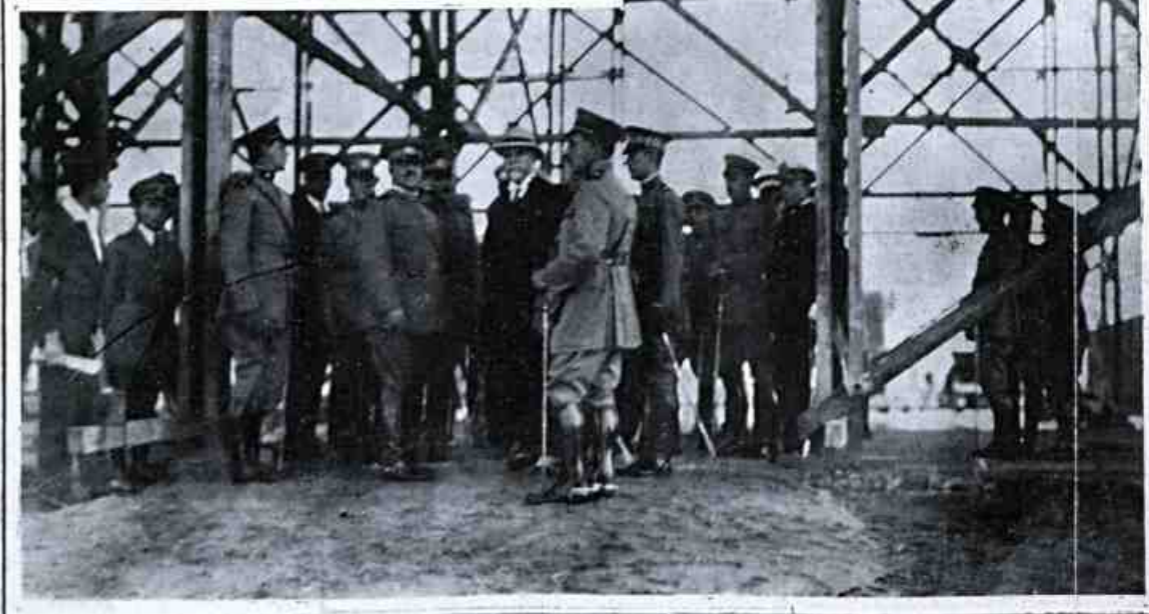
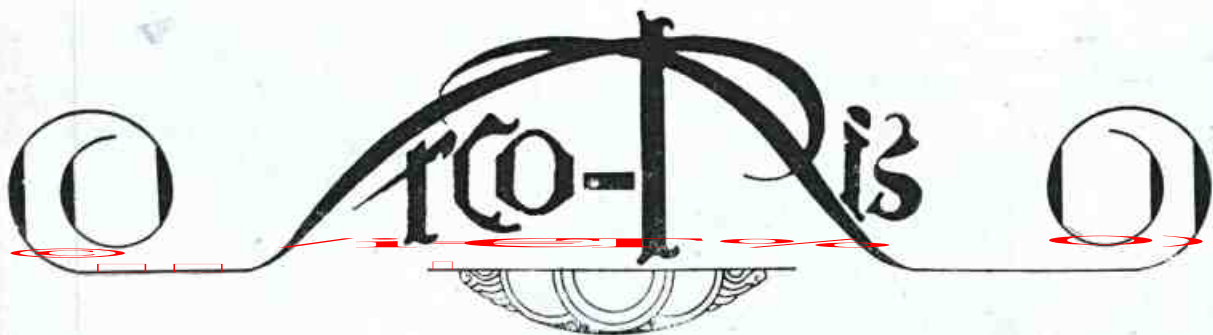
DESDE os tempos paradisiacos da biblica maçã que longo o rude caminho vem Eva trilhando para a libertação!... Com heroismo maior que o de todos os conquistadores, com pertinacia mais invencivel que a de todos os sabios, ella vem surgindo das trevas da escravização. Quando, nas eras primevas, ella mal vestia sua nudez com os despojos das féras, a mulher um dia se ergueu deante do homem, frente a frente: era mais fraca e foi vencida. Iniciou, então, seu longo captiveiro, silenciosa e passiva, a doce incomprehendida, a eterna insubmissa... e, á noite, quando Adão, fatigados os membros possantes no labutar diario, dormia, conscio de seu dominio, ella, afastando da face os longos cabellos, talvez fitasse o luar melancolico, sentindo confusamente que lhe vibrava na consciencia rudimentar o germinar das futuras reivindicações.

Foi preterida, espoliada, espezinhada, martyrizada... De sua maior gloria, a maternidade, fizeram os homens seu maior crime, a condemnação sem appello á degradação e á miseria... As lagrimas correram de suas palpebras arroxeadas sobre seus labios cerrados. Calou-se, e suas pupillas, alargadas pela angustia, pareceram um insondavel abysmo de seducção e mysterio, de revolta e perfidia... A dôr moldou entre chapas de aço o seu moral, e ella se tornou colleante, esquiva, incomprehensivel... Não ousando nunca apparecer, insinuava-se... E dia a dia, anno após anno, ella foi reconquistando a perdida liberdade... não porém sem lucta e soffrimento. Pelo caminho do passado, os cadaveres juncaram o solo, o sangue tingiu a areia na ampulheta do tempo... E as figuras das martyres anonymas sobreviveram nos bronzes das ficções immorredouras... Como não tinha forças para levantar essas estatuas, symbolos de sua dôr acima da humanidade, Eva, com seus olhos de martyrio, onde os homens não sabiam divisar o magnetismo de uma ira em marcha, hypnotizou os grandes genios, que por ella se sacrificaram no pelourinho da escandalizada censura de seus contemporaneos... Hoje, quasi liberta, Eva triumpha... porém o homem, que tantas vezes, trahindo a propria causa, a auxiliou no percurso da longa estrada, sorri... E' que elle sabe que por mais independente que se torne Eva, um momento de sua vida ha em que a eterna insubmissa não deixará nunca de ser a doce passiva... um instante haverá sempre em que ella será a vencida, a dominada, a possuida... Porque, si a mulher souber triumphar da lei do homem, ella não poderá nunca se sobrepôr á lei da natureza... E quando, no minuto sagrado do amor, a caprichosa e culta mulher moderna se entrega na volupia do dominio supremo, a mesma palavra signo de eterno captiveiro lhe sáe dos labios offegantes... "Sou tua, toma-me..."

Adão.

A MULHER CHIC — Uma silhueta elegante ostentando um lindo costume de «sport» em jersey «fantaisie» de Rodier. Modelo Jean Patou, de Paris.

(Photo Luigi Diaz, especial para FON-FON)

TARDE DE AVIAÇÃO

A tarde de aviação, realizada no Campo dos Affonsos, na penultima quarta-feira, foi um acontecimento de grande brilhantismo, que despertou o enthusiasmo de quantos tiveram a opportunidade de assistir ao imponente festival com que a Escola de Aviação Militar commemorou a passagem do 10.º anniversario de sua fundação. Presentes o sr. presidente da Republica e altas autoridades civis e militares, teve inicio a linda solemnidade, seguindo-se, após, as magnificas provas aereas, em que tão galhardamente tomaram parte varios dos nossos pilotos.

LARANJADA...

Assucar do teu sorriso
na laranja dos teus labios...
Eu, cá por mim, nem preciso
saber que estranha mistura
os pharmaceuticos sabios
fizeram desse sorriso
com esses labios.
Nada! eu só sei, criatura,
que essa mistura
tem dons tão extraordinarios
(chimica pura ou impura,
mandinga de boticarios)
o assucar desse sorriso
na laranja desses labios...
a gente bebe a doçura
sem se lembrar dos resabios...
Sim. E' isso mesmo: a gente
vae bebendo esse sorriso
e — zás! immediatamente
como que perde o juizo...
Chamam medico da estranja
para ver... Não é preciso.
Ora! ninguem se constranja!
Foi o assucar do sorriso?
Foi o sumo da laranja?
Ora, meu Deus! não foi nada.
Assucar do teu sorriso,
laranja da tua bocca...
Tanta gente ficou louca!
— Uma simples laranjada...

DISSE-ME-DISSE

Nunca a ventura nos basta.
Falta sempre alguma cousa!
Si és homem, A que escolhesses,
por mais bella e por mais casta
que encontrasses uma esposa,
serias sempre exigente.
Si mulher — mas certamente
que és mulher! que os homens, esses,
em geral,
com os seus negocios diversos,
não têm tempo de lêr versos
de jornal...

Nunca a ventura é bastante.
Pois, quando nos chega o instante
da ventura,
nós estamos distrahidos
(A vida é isso, que queres?)
e a distracção dos maridos;
e a distracção das mulheres,
por mais ingenua, parece
ter um tão grande interesse,
que todos (nessa tolice
não se exceptua ninguem!)
turbam num disse-me-disse
toda a ventura que têm!

Bazar de Bonecas

Feira de Vaidade e de Elegancia

BALCÃO FLORIDO

O livro da nossa vida, da vida que cada um viveu, com a sua dôr e a sua alegria, as suas tristezas e os seus momentos de prazer, a sua felicidade e a sua desventura, as suas illusões e as suas decepções!

E' um livro mysterioso e profundo, que só se começa a ler e a comprehender quando a revelação das verdades que elle encerra já não nos permitte traçar uma nova orientação, um novo rumo aos nossos passos na estrada quasi sempre errada que vinhamos palmilhando. Porque, só ao começar a tombar o outro lado da montanha da vida é que o homem, tendo parado um momento na cumiada a que attingiu, olha para o longo caminho que subiu, sem receio e sem cansaço, e para o que vae descer, temeroso e acobardado. E pensa e reflecte, então. E, uma a uma, as paginas volvidas do livro da sua vida, da vida vivida até aquelle doloroso momento, dançam deante da sua retina entristecida, amaciada de lagrimas e, affectivamente, distendida para o deslumbramento e a fascinação da longa estrada que deixou atraz de si, estrada que elle percorreu de olhos meio velados, indifferente, quasi sempre, aos seus encantos e á sua belleza, á doçura da sombra das suas arvores agazalhadoras, cheias de fructos e de canções de ninhos.

No alto da montanha da vida, inquieto e torturado, elle decifra, então, os hyeroglyphos do livro do seu destino. E tem a revelação das primeiras verdades da propria vida — uma revelação intensamente dolorosa porque tardia, porque já elle não poderá descer pelo mesmo caminho claro e illuminado para, por elle, voltar a subir de novo, alegre, a cantar, a exaltar a belleza e o encanto do que deixara atraz de si sem ter comprehendido ou mesmo adivinhado.

Ao tombar o outro lado da montanha da minha vida abro tambem o livro do meu destino. E as paginas que eu vivi, sem as comprehender, só agora os meus olhos, descerrados para a sua revelação, conseguem decifrar.

Penso, recordo, evoco. Como é longo o caminho palmilhado! Pelos degráos da escada de Jacob do meu sonho interior, do sonho que me trouxe a esta altura, sem nunca o ter realizado, vejo, aqui e ali, vultos amigos e bons, de olhos meigos, nimbados de tristeza; vultos que eu deixei em meio do caminho, na minha ansia de attingir a miragem que me fascinava. E todas ellas — as boas e solicitas criaturas que eu amei — me acenam de longe, a estender para os meus labios sedentos a taça do vinho generoso da felicidade, que eu deixei de beber porque julguei que a minha felicidade eu só a encontraria lá, bem alto, no tôpo da escada de Jacob do meu sonho de allucinado, onde parecia pairar a miragem verde que eu vinha perseguindo.

Agora, porém, desfeita a miragem feitiça e illusoria, como eu daria todo o resto da minha vida para volver atraz, e poder sorver na concha das tuas mãos, tão pequeninas e tão macias, oh Cléo; ou na tua bocca, vermelha e doce como um beijo, Maria; ou nessa lagrima, que te bailia nos lindos olhos azues, Mariana, a gotta d'agua, fresca e crystalina, da minha felicidade!...

Mas, não posso voltar atraz. Sigo por uma estrada por onde *non torniamo mai*, amando-vos, hoje, mais do que nunca, através da minha saudade e da minha recordação. E começo a descida, mais rapida, mais ardua e mais penosa porque feita sem o calor de uma esperança, sem a suavidade de uma illusão, sem a miragem de um sonho.

Ampara-me, porém, em meio á minha jornada de tristeza e de saudade, a abençoada consolação do amor com que, um dia, fizestes vibrar, por um momento, num rythmo largo e profundo, toda a inquietação do meu coração... E eu vos levo no coração, sombras amigas e boas que me offerecestes, na concha perfumada das mãozinhas fidalgas, ou no calice vermelho das vossas boccas, ou no céo illuminado dos vossos olhos, a gotta d'agua, fresca e crystalina, da minha felicidade, da felicidade que eu perdi para sempre...

NOTAS ARTISTICAS

SRA. Nicia Silva, a illustre professora de declamação lyrica, que ante-hontem fez uma apresentação de suas alumnas, no theatro Municipal, e foi, por esse motivo, vivamente cumprimentada.

• • •

ESTRELLAS CADENTES

Se, come il viso se mostrasse il core, talvez eu acreditasse no teu amor. Mas quem vê cara, não vê coração...

Sei que me dizes, com todo o calor de tua alma e de tuas palavras, que me queres muito, que sou o teu amor. Mas tambem nem sempre estão de accordo os labios e o coração. *Non é sempre d'accordo il labbro e il core...*

E tu falas demais, ás vezes: e eu não creio que teu coração "sinta" e reflicta o que me dizem teus labios palradores.

Não será o amor, em ti, um simples motivo de tagarelice?...

Ainda assim, prefiro-te, porém, falando, palrando, tagarelando. Tenho medo das mulheres muito caladas, muito fechadas, que nunca trazem a alma mesmo á ponta da lingua.

Mas — has de me perguntar — como quererás que eu seja, então?

E eu não saberei bem como te responder, porque te queria... sempre presa a mim, num beijo cantante, quente e sem fim, porque somente assim eu teria a certeza de que nunca me mentirias com os labios, nem me illudirias com o coração...

Vê se me comprehendes para que eu também possa melhor comprehender-te. A tua loquacidade aturde-me e o teu silencio me perturba. Uma e outro são pouco inspiradores de confiança em ti e no teu amor.

E' um caso serio, pois não é?...

MARGARETE Slezak é a loira e fascinante «estrella» da Companhia Viennense de Operetas, cuja belleza e intelligencia estão deslumbrando o nosso publico, no palco do theatro Phenix. Margarete, que é a primeira actriz do «Theater an der Wien», e é uma artista de grandes méritos e de graça luminosa, estreou hontem, com a opereta «Mulher Genial», de Willy Engelberger, e a opera «Bobo de Amor», de Bela Lasky. Foi uma estréa triumphal, que marcou um acontecimento artistico verdadeiramente notável na nossa vida theatral.

ROSAS DE SANTA *THEREZINHA*

Sempre meu... principe e meu senhor — Você escreveu, um dia, meu querido, que daria tudo na vida para encontrar ainda a sua alma de criança, despreoccupada e feliz, aberta para o mysterio das coisas como um sorriso de felicidade. Eu, meu amor, eu, que sempre fui uma criança, não me canso de dar graças a Deus pelo bem que Elle me fez em revelar a mim propria, por seu intermédio, minha alma de mulher, esta alma inquieta, cheia de enthusiasmo e de exaltação, que você acordou em mim com a magia verde de seus olhos também verdes.

Ser mulher para amar como eu amo, com um amor feito de meu sangue e de meu espirito, de minha carne e de minha alma, é saber dar á vida o unico sentido e a unica expressão que faz o seu encanto e a sua belleza!

E eu o amo, assim, meu amigo porque o meu amor bebe nas fontes mesmas mais profundas e primitivas da vida a essencia de que é feito, a força que o condiciona, e que o dirige, o mysterio que o alimenta e fecunda.

Ha, sinto em mim, sempre que o meu coração está junto do seu, uma plethora de seiva de raiz que suga nas entranhas ferazes da terra o calor do beijo com que, na alegria das frondes farfalhantes, elevadas para o céo, vae cantar, aos pés de Deus, a gloria e a belleza da vida.

No momento mesmo em que lhe escrevo, meu amigo, tenho a impressão de ser essa raiz, estuante de seiva, a abrir, no mysterio verde de sua fronde, as flores e os frutos da sua gloriosa fecundidade.

Por que?

Talvez porque, a esta hora matinal, a natureza que acorda, que desperta, neste fertil recanto do sertão mineiro, me dê a idéa de que também eu sou uma raiz humana fecundada no mysterio das suas entranhas, para vehicular, dentro de mim, toda a estranha potencialidade da abençoada seiva... do meu amor. E eu serei a sua arvore, meu amigo, a arvore que sempre terá sombra para você, e sempre terá flores, e sempre terá frutos e sempre terá ninhos, ninhos quentes de caricias e de beijos.

Na terra virgem e pura de meu coração, as rosas de *Santa Therezinha* hão de sempre rebentar profusamente, para alegria e enlevo do meu Principe Encantado. E o suave perfume do meu amor do... céo, de mistura com o olor forte das coisas da terra e da carne, ha de fazer o eterno encanto da nossa vida, a alegria dos nossos corações, a paz e a serenidade das nossas almas.

Meu principe e meu senhor, é assim que o amo, é assim que sei falar com você, na intimidade desta correspondencia, através da minha saudade, sentindo-o longe de mim.

De perto, bem de pertinho, como será?...

Até breve. — *Maria do Céo.*

PETIT-BLEU

Minha adorada ingrata — Era no céo azul das suas pupillas illuminadas e serenas que eu desejaria poder gravar estas palavras com que, hoje, desilludido e triste, descrente de você e de seu amor, em vão busco um novo sentido, uma nova expressão para a minha vida:

Puisque tes jours ne t'ont laissé
Qu'un peu de cendre dans la bouche;
Avant qu'on ne tende la couche
Où ton cœur dorme, enfin, glacé,
Retourne, ainsi qu'au temps passé,
Cueillir prés de la dune instable
Le lys qu'y foule un souffle amer,
Et grave ces mots sur le sable:
Le rêve de l'homme est semblable
Aux illusions de la mer.

Porque, minha má e sempre adorada ingrata, quando eu busquei, num pouco desse céo, á primeira vista tão accessivel e tão acolhedor, tecer e incrustar o meu sonho de amor e a minha illusão de felicidade, estava bem longe de suppor que, um dia, você delle me despenharia como um bolido tonto de inquietação, de soffrimento e de tristeza. E eu rolei, espaço afóra, condemnado por você, impiedosamente, a nunca mais tentar uma escalada ao céo azul de seus olhos, tão amigos e tão maus ao mesmo tempo, e de onde trouxe, como recompensa de tanto amor, apenas un peu de *cendre dans la bouche*...

SOCIEDADE

Elegancias — Como sempre acontece, o chá dançante, realizado quinta-feira penultima, nos luxuosos salões do Automovel Club do Brasil, constituiu uma nota de requintada elegancia e distincção.

A' encantadora reunião compareceram elementos de destaque da alta sociedade carioca, aos quaes a directoria do Automovel Club do Brasil cumulou de gentilezas e de captivantes attenções.

SORRINDO...

Um homem que ri, ou que apenas sorri, não será nunca um homem perigoso. E' o que faço, agora, sorrindo para dentro de mim proprio, a dar carradas de razão ao alegre camarada, reverendo Lawrence Sterne, o fino e malicioso humorista de *Viagem Sentimental* e de *Tristão Shandy*.

De facto, Sterne disse bem quando escreveu que um homem que ri nunca será um homem a quem se possa temer. Porque um mortal qualquer quando abre, dilata, escancára ou apenas entreabre a linha curva dos labios para rir, para sorrir, é que lhe canta na alma e no coração o passarinho verde da alegria generosa e communicativa ou da mais pura e abençoada beatitude.

Um bom sorriso, franco, jovial, festivo, sempre augmenta alguma cousa á trama curtissima da vida — disse-o ainda Sterne, pela bocca de uma de suas personagens.

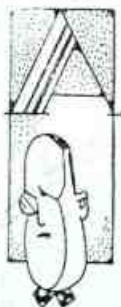
E eu sinto, agora mesmo, augmentada, accrescida de um fio de vida, a trama, um tanto complicada da minha existencia, por exclusivo milagre do sorriso amigo, illuminado e quasi brejeiro que me canta nos labios, neste momento, e se debruça e brinca na janella verde de meus olhos enternecidos.

Porque eu sorrio para ti, distante, meu amor, como se estivesses pertinho de mim, ao alcance deste beijo que, penso, estou agora mesmo a roubar-te. Desse beijo e de otras cousitas más, que só te poderia dizer ao ouvido, a cantar-te, em surdina, uma linda canção de amor, a mais linda canção de amor deste e do... outro mundo, porque seria a divina canção da nossa divina loucura, dessa loucura que nos tem feito peccar e "repeccar" vezes e vezes, mortalmente, mas tambem deliciosamente.

Aliás, esse modo de peccar, se já não existisse, originariamente, desde que Adão e Eva encheram de beijos ardentes e escandalosos a paz bucolica e casta do Paraiso, precisaria ser inventado.

Eva, porém, salvou-nos da desventura de nunca podermos peccar, o que tornaria a vida simplesmente intoleravel. E, por isso mesmo, é que eu adoro todas as filhas de Eva, as creaturas mais encantadoramente peccadoras que Deus se lembrou de mandar para este valle de lagrimas afim de ensinarem aos homens a delicia de amar, que eu aprendi contigo..

GRETA Schroeder, primeira actriz da Companhia Dramatica Allemã que hoje estréa no Municipal. E' uma grande figura do theatro europeu e uma artista festejada, cuja belleza realça ainda mais as suas creações impressionantes. Ao lado de Paulo Wegener, Greta Schroeder nos apresenta uma arte de emoções intensas, uma arte pessoal e profundamente humana.

A CARICATURA E O RIDICULO

A caricatura é fixadora e criadora graphica do ridiculo.

Deante do feio anormal, do feio extraordinario, gerador do ridiculo — ella, para divertir, para criticar, para provocar o riso — basta, apenas, fixal-o, por meio das suas linhas e traços rudimentares e rapidos.

O modelo, o original, em tal caso, já é tão grotesco e risivel, que dispensa todo e qualquer exagero, por parte do artista.

Mas, isto constitue excepção para o caricaturista por ser o feio anormal, grotesco, productor do ridiculo-raro.

Assim sendo, a arte da caricatura consiste, geralmente, num exagero, numa amplificação das linhas, contornos e traços physionomicos; exagero este variavel, segundo a fantasia e a perversidade do artista.

Dest'arte, o feio vulgar, o nem feio nem bonito e o bonito das feições humanas — são, pelo augmento destas — modificados, alterados, pelo caricaturista, com o fim de tornal-as grotescas, ridiculas, risiveis; porém, guardando, comtudo, certa semelhança com os respectivos originaes.

Para tornar as physionomias bellas e harmonicas — grotescas e risiveis — é, certamente, necessaria uma notavel dóse de exagero, de imaginação calumniadora, na deformação e augmento dos traços e fórmas do corpo.

Nisto consiste a arte da caricatura. Nenhuma fórma graphica artistica tem maior relação com o ridiculo do que ella, que não só fixa, grava o ridiculo, o grotesco, mas, tambem, o imagina, o engendra, o cria. Nas grandes revistas estrangeiras, e mesmo nas nacionaes, são encontradas verdadeiras obras primas da caricatura, não só como fixadora, mas, tambem, como criadora de ridiculo.

Como exemplo da caricatura criadora do ridiculo, descreveremos uma de Gluyas Williams, estampada na revista norte-americana "Life", e que tem abaixo os seguintes dizeres: "A dama que fechou a sua bolsa durante um pianissimo."

Representa ella uma enorme sala de concertos, inteiramente cheia, durante a execução de um concerto de piano.

A multidão heterogenea de physionomias componentes do immenso auditorio está toda, indignadamente, voltada para um ponto do salão, onde está uma dama, que provocou ligeiro ruido, ao fechar a sua bolsa. Todas essas caras diversas mostram-se irritadas, indignadas, com a senhora causadora do ruido perturbador do pianissimo.

Ferozes, colericos, são os olhares que elles lhe dirigem. O pianista, tambem, furioso, surpreso, volta-se, e dardeja um olhar de censura para a pobre dama.

Bem sabemos que esta breve descripção verbal absolutamente não póde dar uma idéa do extraordinario poder de suscitar o ridiculo e o riso, caracterizador dessa original e magnifica caricatura. Só mesmo vendo-a se poderá ter essa idéa.

Descrevemol-a, apenas, com a intenção de mostrar a fantasia, a imaginação do artista, como criadora do ridiculo, do riso.

Ora, si o caricaturista representasse esse mesmo vastissimo salão de concertos povoado por essa mesma multidão de physionomias tão heterogeneas, e figurasse a mesma dama perturbando, pelo mesmo motivo, o pianissimo, mas, si em vez de representar todo o auditorio a, indignadamente, olhar a dama, mostrasse, apenas, em tal attitude, unicamente, algumas pessoas desse immenso auditorio proximas a ella sentadas; si em logar de figurar o pianista, espantado e furioso, o figurasse, normalmente, tocando, certamente essa caricatura, após taes modificações, não teria mais o seu anterior e irresistivel effeito comico. O artista, neste caso, mais não faria do que representar, de certa maneira comica, engraçada, uma scena, perfeitamente possivel, realizavel, e onde não entraria a sua fantasia criadora, a não ser na fixação exagerada, grotesca, das physionomias e dos gestos e attitudes. O facto seria perfeitamente authentico, real.

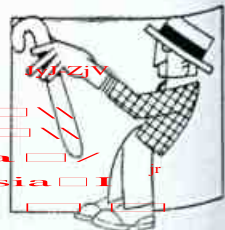
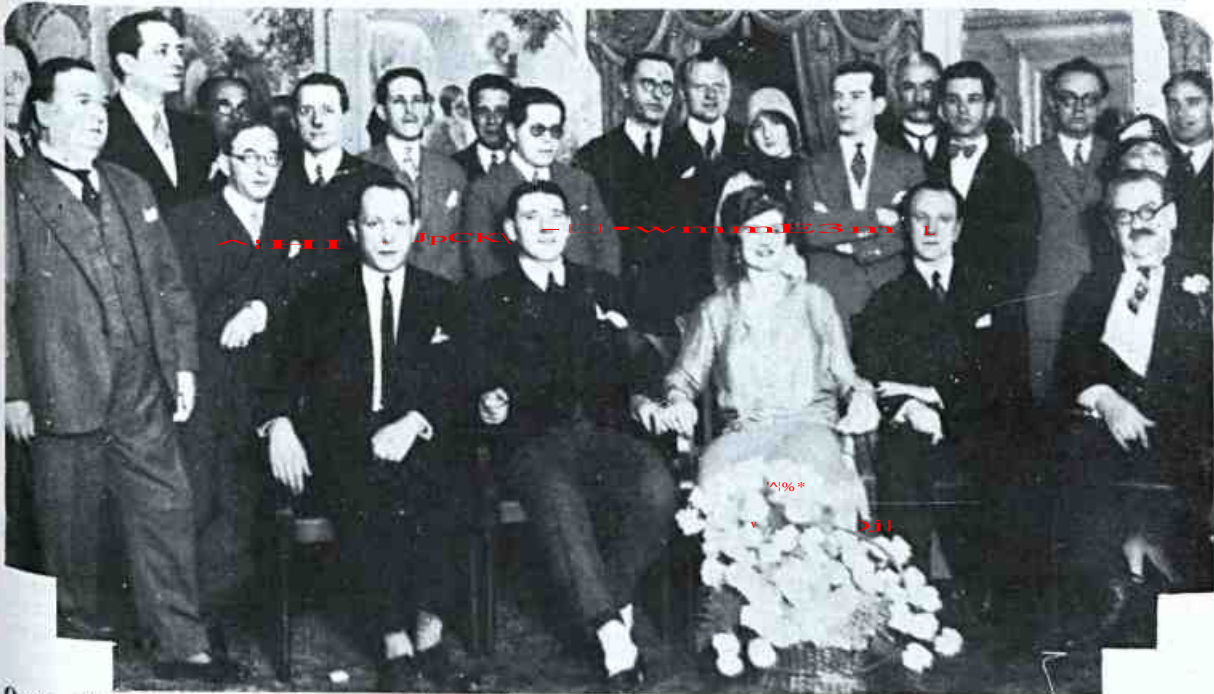
Que numa vastissima sala de concertos, emquanto o pianista executa um pianissimo, uma dama, por nervosismo, enthusiasmo ou inadvertencia, produza certo ruido; e que, devido a isto, alguns ouvintes sentados nas immediações della, para ella se voltem, sendo que alguns delles apenas por curiosidade, e uns poucos, mais zelosos e impertinentes, com olhares reprovadores e aborrecidos, — isto nada tem de impossivel, nem de extraordinario.

Todos os frequentadores de concertos já assistiram a taes scenas, de pequeno effeito ridiculo.

Conseguintemente, o extraordinario poder de suscitar o ridiculo da referida caricatura está na inverosimilhança, na fantasia que a caracteriza.

O impossivel nella figurado, de todo um colossal auditorio, espalhado numa immensa sala, poder ouvir um simples ruido resultante do fechar de uma bolsa; o inverosimil de todo esse auditorio mostrar-se furioso, colerico, indignado, pelos terriveis e violentos olhares á dama dirigidos; o impossivel de um ruido tão insignificante poder causar perturbação tão grande e tão intensa indignação; o impossivel do pianista, tão distante da dama, poder ouvir o referido rumor; e depois, mesmo na absurda hypothese de poder ouvil-o — a sua muito provavel attitude de artista educado e affeito ao convivio social — que muito difficilmente tornaria possivel elle virar-se, abruptamente, demonstrando surpresa e indignação; e, finalmente, a falta de relação, de equivalencia, entre um leve ruido e toda aquella indignação e escandalo despertados: — são as causas fantasistas do extraordinario poder de produzir o ridiculo, o comico, caracterizador da original caricatura.

E' evidente, portanto, a importantissima funcção da imaginação, da fantasia na producção do comico, do ridiculo, na caricatura.

GASTÃO FRANCA AMARAL

O chá offerecido á imprensa pela senhora Margarete Slezak, «prima dona» da Companhia Vienneense de operetas que, hontem, estreou nesta capital, foi uma encantadora reunião, em que tomaram parte numerosos jornalistas e vultos de relevo nos nossos circulos artisticos e sociaes. A's 4 1|2 horas da tarde de sabbado ultimo, Margarete Slezak, com o seu «charme» pessoal, seu lindo sorriso e sua distincção de mulher intelligente, educada, fina, e... linda, dava inicio á elegante recepção com que distinguia os jornalistas cariocas, pondo-se em contacto com a nossa imprensa antes da estréa da companhia de operetas de que ella é a fascinante «vedetta». Si a mulher elegante e fina, com a distincção de seu acolhimento fidalgo e lhano, logo captivou seus numerosos convidados, ainda mais o conseguiu a artista quando Margarete Slezak, fazendo-se ouvir, a pedido, cantou, acompanhada ao piano, a canção allemã «Mil rosas vermelhas» e um trecho de uma das operetas de seu repertorio. Os applausos, vivos, calorosos, enthusiasticos, encheram, então, aquelle encantador ambiente de cordialidade e elegancia, sendo a grande artista muito cumprimentada.

VAMOS COMPRAR UM BONDE?

Ha dias, a policia tomou conhecimento de uma queixa originalissima, que escandalizou a cidade.

Um provinciano qualquer admirou-se do movimento dos bondes do Rio, com os passageiros fazendo prodigios de acrobacia para se sustentarem nos pingentes, e logo encontrou pela frente uma criatura prestativa que se propoz vender-lhe um dos taes vehiculos.

[illegible] um negocio seductor!

O cidadão considerou a [illegible] do negocio, passou a nota ao "dono" do bonde, e installou-se, muito contente, no banquinho da cadeira, com os olhos no relogio marcador de passagens, louco de curiosidade para saber quanto lhe rendia aquella primeira viagem.

A [illegible] do caminho, o conductor approximou-se e, polidamente, pediu-lhe o nickel da passagem.

O homenzinho sorriu magnanimamente e declarou ao conductor que "passava" a passagem, pois o bonde lhe pertencia...

O conductor, retrucando [illegible] estava para graças, [illegible] mais energico, [illegible] importancia da passagem.

O provinciano replicou que aquillo era uma insolencia. Uma roubalheira. [illegible] Por sua vez, do [illegible] toda a "féria" [illegible] viagem.

Julgando o passageiro um doido, o conductor ameaçou-o de "despejo", isto é, que faria parar o bonde para que elle saltasse.

Então, a discussão "pegou fogo", e os demais passageiros formaram um côro de protestos para que seguisse o bonde. Outros riram, mas o conductor, que não estava para pilherias, appellou para a policia.

Na delegacia, tudo ficou esclarecido: o provinciano não era louco; tinha apenas sido victima de um novo genero de conto do vigario.

A imprensa commentou jocósamente o caso do bonde: o caipira voltou desolado para a provincia sem o seu rico dinheiro, e o carioca gozou o seu pedaço...

E como a alma carioca é feita de um sadio humorismo, desde o registo deste caso gaiato, nunca mais os conductores de bonde lograram ter socego.

Quando os bondes estão repletos e os cobradores, afobados, solicitam "a passagem faz favor", quasi sempre surge a pergunta de um pandego:

— Você quer vender o bonde?...

Ou então, atalha outro:

— Eu comprei o bonde, e não pago a passagem; passe para cá a "féria"...

E o carioca ri, porque, apezar da vida apertada que leva nada ha capaz de lhe matar o eterno bom humor.

Antigamente, aconselhava-se aos "cacetes" comprassem um bóde; agora, o estribilho é outro:

— Compre um bonde...

HARRY Payer é uma figura de relevo nos palcos europeus, director artistico e primeiro tenor da companhia de modernas operetas viennenses que, hontem, inaugurou a temporada theatral do Phenix, com uma estréa magnifica, para cujo exito e brilhantismo muito contribuiu o notavel artista.

LANTERNAS DE PAPEL

A ALMA ESPANHOLA DE HEREDIA

José Maria de Heredia é um poeta francês de raça espanhola. E o seu sangue meridional ferveu sempre sob a frieza marmorea da sua forma incomparavel.

A sua origem explica sua arte, funcção do temperamento e da cultura.

Nasceu em La Fortuna, Cuba, e corria-lhe nas veias o sangue de outro grande poeta, o cubano José Maria de Heredia.

Vinha de muito longe esse nome nos annaes das conquistas e expansões da peninsula. Lembra-nos toda uma linhagem illustre de guerreiros e fidalgos, — Grandes de Espanha. Entre elles, aquelle famoso D. Fernando de Heredia, grão-mestre dos cavalleiros hospitalarios, um dos homens mais eminentes do seculo XIV, cuja figura foi magistralmente traçada por Gustavo Schlumberger no seu erudito livro Les principautés franques du Levant e pela baroneza de Guldenchrone, filha do conde de Gobineau, nas paginas de L'Achaïe Feodale.

Era um varão alto, espadaúdo e forte, de barba bifurcada, queimado ao sol. Homem de guerra nas partes do oriente, na terra e no mar. Embaixador e almirante. Amigo intimo do papa Gregorio IX, conduziu-o de França para a Italia, quando Roma venceu Avinhão, sentado ao leme de sua galera, rodeado de cavalleiros bardados de aço, as cans ao vento, dominando a tempestade. Prisioneiro dos turcos na guerra de Corintho, recusou nobremente o resgate, dizendo que, para o bem dos christãos, melhor valia consagrar aquella somma á libertação de cavalleiros moços do que a dum ancião como elle. A christandade respondeu-lhe ao gesto com um gesto de ainda maior galantaria, digno daquelles tempos heroicos: trocou-o por uma cidade — Patras, no Peloponeso. Então, velho e doente, foi para Avinhão e ali acabou seus dias, escrevendo uma historia da Moréa.

Quanto ha delle no discipulo amado de Leconte de Lisle, drenado pelos seculos, se sente na face varonil do poeta com a sua negra barba em ponta, no poema em que alinhou os trophéos da humanidade e nos cantos que desfere em honra dos conquistadores da Iberia.

«FON-FON» EM PETROPOLIS

Drs. Jorge Jobim e Publio de Oliveira.

PAUL Wegener, o grande actor allemão que logo mais o nosso publico irá conhecer, no Municipal. Trata-se de um artista de reputação mundial. Um artista insuperavel na interpretação das mais impressionantes tragedias humanas. Paul Wegener é a primeira figura da companhia dramatica allemã que hoje estréa no nosso theatro official.

Sob a forma franceza, a alma é espanhola, embora elle a não tivesse directamente cantado como Albert Samain:

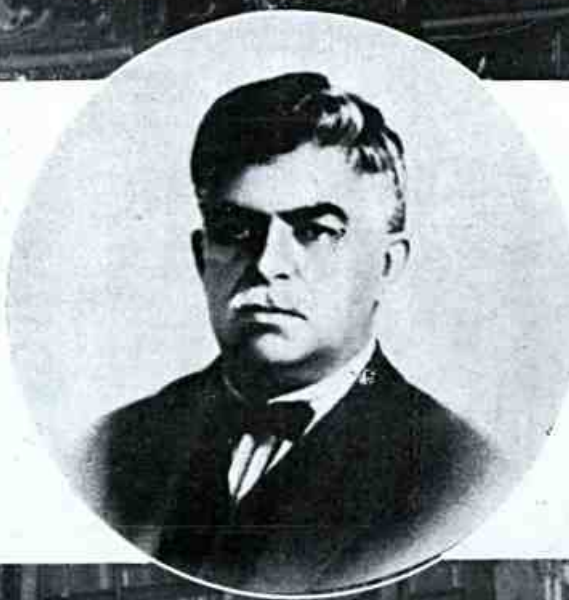
Mon ame est une infante en robe de parade.

E era mesmo.

Sob o heraldico pallio da forma parnasiana, seu sangue de hospitalario e bandeirante borbulha. E elle se fez até prosador, como o seu antepassado de Avinhão, para contar as chronicas espanholas nas regiões dos tropicos, embora cingido ao papel de simples traductor. Assim, narrou as proezas da virago D. Catalina de Erauso, a famigerada monja-alferez, e a Conquista da Nova Espanha de Bernal Diaz del Castillo, soldado de Hernán Cortez.

Ninguém se póde furtar á força imminente que sobre sua alma exercem as qualidades e inclinações da ascendencia. Foi o que aconteceu ao cubano genial transplantado em França. Imbuindo-se da cultura mediterranea, vibrou pelos deuses da Grecia e pelos templos da Sicilia, cantou Roma e os Barbaros, os periodos gothicos da idade-media e a resurreição do paganismo, dentro da christandade, no Renascimento, como só um francez poderia fazer; mas, mesmo quando se não escapava para as traducções do espanhol, no proprio marmore dos sonetos acordava nelle a alma daquelle Don Fernando de barbas ao vento, guiando o leme da galera, coberto de ferro, a levar o papa pelo mar tempestuoso...

Oito sonetos perpetuam os Conquistadores. Os Aventureiros. Carlos Quinto, os Antepassados, os Fundadores de cidades, as Metropoles [illegible]. E, no fim dos Tropheus viceja um Romanceiro [illegible] que se ouve ainda [illegible] do Cid Campeador e agitam os Conquistadores do Oiro nas terras virgens do nosso continente.

CLAUDIO FRANÇA.

ZEFERINO DE OLIVEIRA

NUMA eloquente manifestação collectiva de todas as instituições portuguezas do Rio de Janeiro, realizou-se num dos sumptuosos salões do Real Gabinete Portuguez de Leitura uma sessão solenne, de homenagem á memória do grande philanthropo ha pouco fallecido, sr. Zeferino de Oliveira. Na sessão, que foi presidida pelo embaixador de Portugal, sr. dr. Duarte Leite, falaram os representantes dessas associações, enaltecendo, em breves palavras, a figura, por tantos titulos nobilissima, daquelle prestante cidadão. O sr. Mario de Oliveira, filho do fallecido, no final, agradeceu, emocionado, aquella homenagem á memoria de seu pae, cuja photographia está no medalhão desta pagina.

PAINEL DE AZULEJOS

Em Fortaleza, o venerando casal dr. Antonio Augusto de Vasconcellos e d. Cesaria Carneiro Leão de Vasconcellos commemorou, a 12 do corrente, as suas bodas de ouro. Nos circulos sociaes da capital cearense, onde o illustre e respeitavel casal goza da mais larga estima e consideração, essa data intima teve larga repercussão de sympathia, sendo muito cumprimentados o dr. Antonio Augusto de Vasconcellos e sua exma. senhora. Velho e notavel mestre do direito, cathedratico da Faculdade do Ceará; tribuno, de phrase lapidar e eloquente; jornalista e publicista dos mais brilhantes da sua geração, o dr. Antonio Augusto de Vasconcellos é, ainda hoje, uma das mais cultas e fecundas expressões da alta mentalidade cearense, e justamente admirado, querido e venerado pelos seus numerosos amigos e discipulos. Na sua prole, distincta e finamente educada, contam-se nomes como o de Carlos de Vasconcellos, o grande e brilhante escriptor tão desastradamente roubado á vida; o desembargador Abner de Vasconcellos, magistrado que honra a magistratura nacional; o dr. Arthur de Vasconcellos, notavel clinico no nosso meio; dona Julia de Vasconcellos, professora de renome, possuidora de larga cultura, e os drs. Nilo, Jayme, Cesar e Valdó de Vasconcellos, quatro intelligencias novas e robustas, que exercem sua util e fecunda actividade no fôro desta capital.

* * *

KANGURUS, AUTOMOVEIS E AEROPLANOS

No mundo, agora, uma das grandes manias é a das corridas. Não contentes com as de cavallos, burros, pedestres, cyclistas, motocyclistas e automoveis, os homens vão inventando dia a dia novos parêos. Já se fazem corridas de lebres e de cães, para não falar nas de ganso...

Noticiam mesmo da longinqua Australia que, em Sidney, a ultima moda são os parêos de cavallos e kangurús, sendo que estes ultimos sáem sempre vencedores. Parece estar á sociedade demonstrado, após taes experiencias, que esse marsupial é o bicho mais veloz do mundo. Os melhores cavallos dos derbys australianos que se apresentaram afim de competir com elle, embora montados pelos mais competentes jockeys, perderam longe. E o mais curioso é que o kangurú passa em velocidade o automovel!

Fez-se um parêo de kangurú e auto, este com a marcha horaria de cincoenta kilometros, e o marsupial aos saltos em breve o deixou na bagagem. Calcula-se a velocidade do kangurú em sessenta kilometros por hora.

E' pena que se não possa cavalgar tal bicho, cuja conformação não permitte que seja adaptado ao tiro, sinão seria o caso de aconselhar ao vosso ministerio da Agricultura grande importação de kangurús. Seria o vehiculo ideal para resolver o problema das nossas grandes distancias.

Presentemente se cogita da realização de corridas de aeroplanos. A primeira experiencia sobre o Atlantico não deu certo, mas o pessoal voltará á carga. E dia virá em que se farão apostas sobre a velocidade de pensamento... Estamos na época dos vôos... E os kangurús serão considerados verdadeiros kágados, um dia, em relação á presteza e á rapidez de outros meios locomotores...

LOS CUATRO JINETES...

Ellas são quatro e andam quasi sempre juntas pela Avenida, abaixo e acima. Altas, esqueleticas, pallidas, louras, muito louras e frias e feias, são como que os espectros da tristeza e da fealdade. Quando a gente as avista, póde ficar certa de que perdeu o dia. Nada mais dá resultado. E' melhor voltar para casa e ir dormir do que se arriscar a ficar sem uma perna debaixo dum caminhão...

O outro dia ellas passaram, reboleantes e guinchantes, pela minha frente, quando um amigo exclamou junto ao meu ouvido:

— Los cuatro jinetes...

— ...del Apocalypse, conclui sorrindo.

E elle continuou:

— A peste, a fome, a guerra e a morte...

Apesar do receio da urucubaca, não me pude conter e soltei uma bôa gargalhada, tão bôa que alguns transeuntes riram tambem.

DEFINIÇÃO

As razões de uma tristeza não cabem numa fôlha de papel. A profundez de suas raizes mergulha muito longe. A tristeza é simplesmente o desencanto duma alma para a qual as esperanças vão murchando...

A IDADE DOS BICHOS

Um naturalista minucioso assegura que os crocodillos vivem 250 annos, os elephantes 200, as aguias, os cysnes e os corvos 100, os rhinocerontes e leões 60, os papagaios 80, os gansos e camelos 50, os abutres 40, os touros e veados 30, os burros e cavallos 25, os porcos, as vaccas, os gamos e os lobos 20, os gatos 18, os cães e os carneiros 15, os grillos, os canarios e as cobras 10, os coelhos 8, as lebres e as aranhas 7, as abelhas 1, e as móscas poucos dias.

As mulheres bonitas deviam morrer, todas, aos 35 annos. Infelizmente, ás vezes vivem oitenta...

D. JAYME

CLUB DOS OFFICIAES DA RESERVA DO EXERCITO

TENENTE-CORONEL dr. Israel Vieira Ferreira, o novo presidente do Club dos Officiaes da Reserva do Exercito, empossado quinta-feira ultima, 18 do corrente.

Enlace do escriptor Chermont de Brito com a senhorita Noelia Kós, realizado no Hotel Gloria.

ELOGIO

Numa reunião em que se encontrava Alexandre Dumas, um cavalheiro elogiou com grande enthusiasmo "Os tres mosqueteiros".

— Que sorte a sua, amigo! — disse o grande novellista ao que o elogiava. — Que sorte a sua por não ter escripto tal livro!

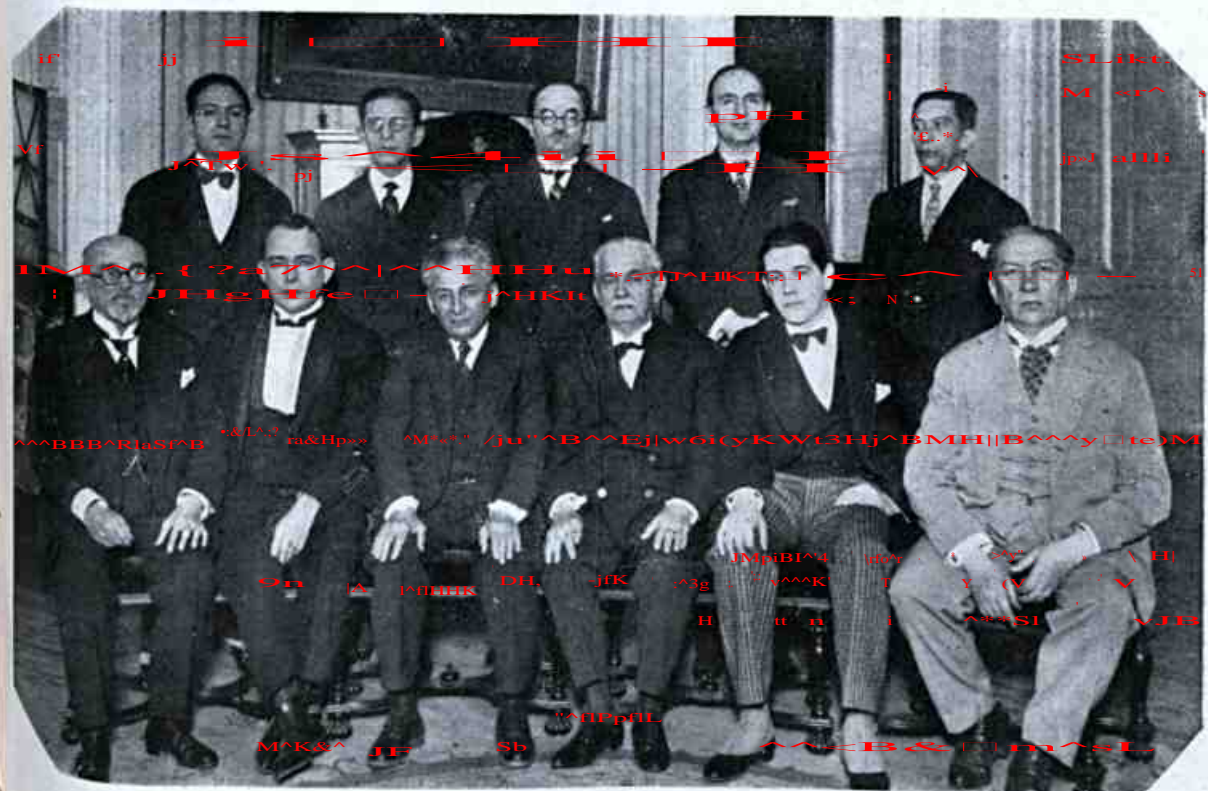
— Por que?

— Porque, como não é seu autor, póde gabal-o quando quizer, e eu... não me atrevo!

PACIENCIA

A paciencia e a perseverança são tão necessarias na direcção dos negocios publicos e particulares como no preparo dos livros ou na invenção das machinas.

A paciencia não é passiva, mas, ao contrario, activa; algumas vezes é força concentrada em si mesma.

Os grandes homens de Estado têm sido, em sua maior parte, pacientes e perseverantes.

Os drs. Acylino de Leão e Orlando Lima, delegados do Pará ao Congresso Medico ultimamente realizado nesta capital, foram, na vespera de seu regresso aquelle Estado, homenageados, com um almoço, pela representação paraense na Camara dos Deputados.

SOMBRAS CHINEZAS

PHOTO FILM DA CIDADE

QUANDO entrei, um dia destes, este "jardim de suppli-cios" em que se vive a es-premer o cerebro para que elle viceje e rebente em flôres — flôres espirituaes, com ou sem perfume, lindas ou... pavorosas — visium-brei um vulto de mulher, tão mignon, que parecia sumir-se na mapple em que se mettera.

Não a reconheci logo, e isso foi motivo para que ella, erguendo-se, me dissesse:

— Já não me conheces, Esaú? Estarei, por acaso, tão mudada?

Aquella voz, aquella mulher, aquella figurinha tão delicada, tão fina, tão souple, causaram-me uma intensa emoção. E foi com-movidamente que respondi, em-quanto ia ao encontro da visi-tante:

— Melindrosa, minha filha, como estás magrinha e diffe-rente! Estiveste doente, hein, dize-me, querida?

Melindre, erguendo para mim uns olhos amarados de lagrimas e cheios de indizivel melancolia, falou:

— Sim, Esaú. Estive á morte que, infelizmente, ainda me pou-pou...

— E nada me disseste, Melin-dre! Nada me communicaste!...

— Para que, Esaú? A vida de uma pessôa como eu é sempre tida como um artificio, mesmo quando a morte procura dar-lhe uma feição de realidade — e unica, talvez, capaz de impressio-nar um pouco aos que descriam das outras fórmas da sua expres-são e que só viam embuste, mysti-ficação, falsidade nas manifesta-ções do seu sentimento, da sua alma, do seu coração...

— Melindre, minha filhinha, perdôa-me. Tu não me compre-hendeste e tambem eu não te comprehendi. Não nos compre-hendemos... — eis tudo. Não sou, porém, tão máu como talvez me estejas julgando, eu que te amava, que te amo e que te amarei sem-pre, Melindre...

— Preguiça!... Sentimentalismo de momento, Esaú! Compaixão, dó, talvez, por me vêres assim tão acabada!...

— Não, Melindrozinha, não: fallo-te com toda minha alma e meu coração...

— Não, Esaú, agora é tarde...

— Tarde!... Por que?

— Vou ser freira... Fiz voto, jurei quando me senti tão ingra-tamente abandonada!

O nosso distincto collega de im-prensa Asdrubal Cardoso, director do «O Momento», o apreciado pam-phleto politico que acaba de entrar no seu quinto anno de existencia.

MONTEIRO de Souza, o festejado pianista brasileiro que hontem foi mais uma vez applaudido nesta ca-pital, por occasião do seu concerto de despedida, realizado no theatro Municipal, em homenagem ao sr. pre-sidente Washington Luis. Monteiro de Souza embarcará, por estes dias, para a Europa, a bordo do paquete «Ruy Barbosa».

— Tu, serás freira!? Tu, Melin-drosa!

Mas, agora é que noto, não te pintaste, não tens tinta nas faces, nem na bocca, nem nos olhos. Minha filha, que loucura é essa!

"Não, tu não serás freira senão no convento de meu coração, e ainda assim, uma freirinha pin-tadinha, maquillée, linda e encan-tadora como uma figurinha de Tanagra, alegre e festiva como uma canção guizarreante de car-naval! Melindre, escuta, meu amôr..."

— Esaú, tem pena de mim, não me illudas, não me ludibries mais, tu a quem eu tanto amei, a quem eu tanto quiz, e que me fizeste muito, muito infeliz."

Um soluço cortou a voz á minha pobre Melindre. Attrahi-a para mim e, bebendo-lhe as lagrimas que lhe cahiam pelas faces batidas e empallidecidas, fui-lhe dizendo:

— Escuta, festa, encanto e con-solação da minha vida: eu tinha medo de ti, porque julguei fosses internamente, o que eras externa-mente: artificiosa, falsa, feitiço camouflée.

"Agora, não, Melindre. Vejo, re-conheço que és mais sincera e me-nos perigosa do que as mulheres que não trazem pintado o rosto, mas trazem maquillée a alma.

"Minha filhinha vae, vae pin-tar-te, á vontade; derrama dois kilos de tinta na bocca, nos olhos — onde quizeres — mas deixa-a assim, sempre assim, mazinha, sem artificio, a alma alegre e des-cuidada que Deus te deu."

Melindrosa sorriu, primeiro ti-midamente, depois riu, riu feliz e satisfeita, e, com o seu pulinho de gata amorosa, pendurou-se-me aos hombros, a dizer-me, entre beijos:

— Esaúzinho de meu coração, até que, emfim, te encontro de novo, querido, eu que me julgava para sempre infeliz e abandonada. Sim, vou ser a tua freirinha, a lindo e tentador pedaço de frei-rinha.... Vá lá, porém, se não compraste um "bonde"!...

— Um bonde, não; uma bara-nha... é possivel.

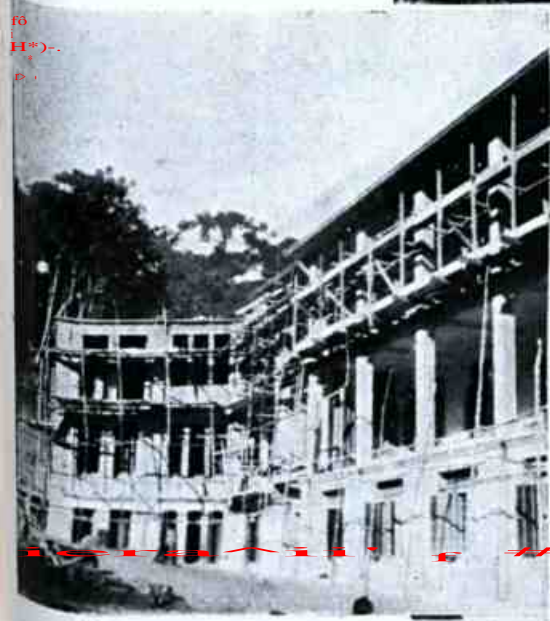
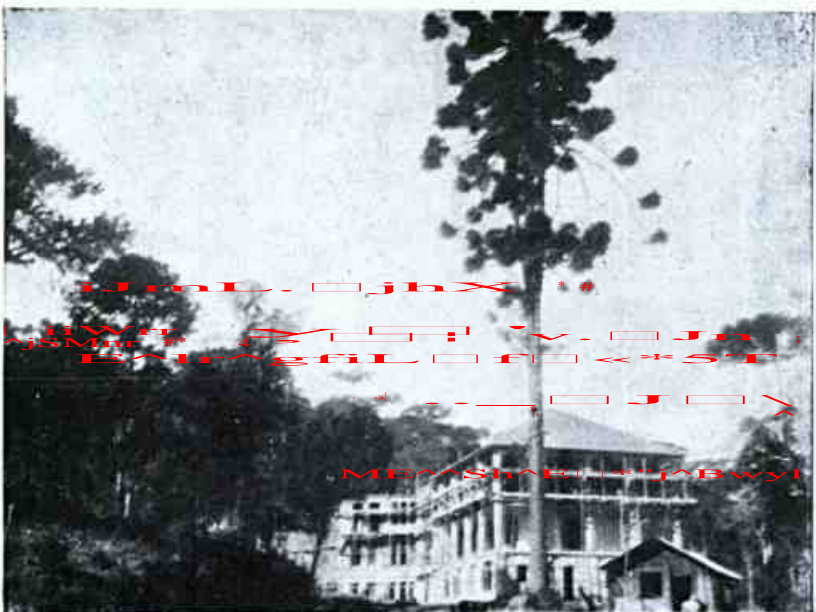
— Vermelha, não é?

— Sim, coberta de rouge...

E Melindre ficou vermelha mesmo sem rouge, e não sei por que...

Esaú & Jac...

SANATORIO SÃO PAULO

O Sanatorio São Paulo será o hospital dos tuberculosos pobres, dos tuberculosos que não têm dinheiro para se dar ao luxo de um tratamento elegante nos logares frequentados pelos ricos. Mas nem por isso, ou talvez por isso mesmo, deixará de ser menos digno do apoio material e moral da sociedade brasileira. O Sanatorio São Paulo está sendo construido em Campos do Jordão. Suas obras vão já adeantadas, como documentam as photographias que estampamos nesta pagina. Mas falta ainda muita cousa a fazer. Muita cousa que reclama dinheiro. Bastante dinheiro. Ha, no Rio de Janeiro, um movimento social em beneficio

TEMPLO EM RUINAS

Minha alma, errando pelo Céo, sem norte,
um Templo em ruinas avistou, de longe:
— sobre o portão escuro ha um velho Monge
dando ao viajor o symbolo da Morte.

Plumbeos templarios passam cavalgando
corceis de Magóa; e dormem, na devesa,
ermos jardins sombrios da Tristeza
onde os Ais em aquarios vão nadando.

E nesse Templo em ruinas de ar profundo
mora a Saudade; no Salão das Eras,
ante os Paços da Dôr, negros de alfombras,

o corpo em chagas — de rolar no Mundo,
os olhos roxos — de só ver Chimeras,
vive auscultando a Solidão das Sombras.

JONNY DOIN.

das obras do Sanatorio São Paulo, movimento a cuja frente se acham as figuras mais representativas da nossa sociedade, que se constituiram em commissão organizadora de festivaes artisticos e outras reuniões em prol da grande obra de caridade que brevemente será uma realidade consoladora. No proximo dia 10 de agosto se realizará no Hotel Gloria um festival em beneficio do Sanatorio São Paulo. Festival que constará de um chá-dançante, promovido pela distincta senhorita Cora Bocayuva, e de uma hora de arte, que tem como organizadores Olegario Marianno, o illustre poeta cujo nome é uma garantia do exito social e literario da festa, e Heckel Tavares, compositor de grande mérito e tambem fino homem de sociedade. Que o coração sempre generoso da nossa «élite» prestigie a festa de tão nobre finalidade.

Os médicos nacionaes e estrangeiros que tomaram parte nos congressos scientificos commemorativos do centenário da Academia Nacional de Medicina desembarcando em São Paulo. Terminados os trabalhos dos congressos que se reuniram nesta capital, os delegados dos paizes amigos e dos Estados foram em visita ao grande Estado do sul.

• • •

EXALTAÇÃO...

Enches todo o ambiente da minha vida e fazes toda a exaltação dos meus sentidos.

Este perfume que sinto, ao entrar o nosso ninho de [illegible] vazio?...

• • •

Este olor que sientes es de carne firme de mejillas claras y de sangre nueva...

Enches todo o ambiente da minha vida e fazes a exaltação toda de meus sentidos. E dás rythmo ao meu sangue e sangue quente e generoso ao rythmo de meu coração...

O Asylo S. Francisco de Assis, que a 10 do cor- ... completou cincoenta ... de vida, commemo- ... essa data com uma ... que se realizou em ... séde, á avenida 28 de ... mbro, e constou de ... missa, inauguração da ... exposição de tra- ... dos velhinhos asy-

lados e visita ás diversas dependencias do estabelecimento. O governador da cidade, dr. Antonio Prado Junior, compareceu, com outras autoridades, a essa commemoração, que teve, igualmente, a presença de muitas familias, como documentam as nossas photographias.

INAUGUROU-SE domingo passado o edificio do Instituto de Protecção e Assistencia á Infancia do Rio de Janeiro, construido á rua Moncorvo Filho. A ceremonia foi festiva e teve a presença dos representantes das altas autoridades e membros illustres da classe medica. As nossas photographias fixam aspectos desse acto solenne, vendo-se a mesa, parte da assistencia e o dr. Moncorvo Filho, fundador e actual director do Instituto, quando lia seu discurso. Na outra photographia, o corpo de enfermeiras do Instituto de Protecção e Assistencia á Infancia.

GOTTAS ESPIRITUAES

O coração do homem é que deve ser rico, e não sua caixa forte: si teu coração se acha vazio, que importa que teus cofres estejam repletos? — CICERO.

MR. E. E. Barton, superintendente geral do trafego da Light, desembarcou, a 11 do corrente, nesta capital, acompanhado de sua exma. esposa. Os funccionarios do departamento dirigido pelo sr. Barton fizeram-lhe carinhosa manifestação de apreço por occasião de seu desembarque, ao qual compareceram, tambem, directores da companhia e outras pessoas gradas.

O «stand» da Companhia Sal de Macau na Feira de Amostras, magnifico mostruario da industria salineira nacional.

Um accidente que acaba bem

De Miguel Zamacois

PAF! Paf! Pum! Pum!... Estas syllabas constituem o que em rhetorica se chama onomatopeia. Têm a pretenção de representar o ruido do choque dos automoveis que acabam de topar na estrada de Conches e Verneuil.

Tranquillizem-se... Houve damno, mas, graças a Deus, o minimo de damno. Como não presenciámos o accidente, temos que ater-nos á declaração de Hyppolito Gourdin, guarda rural:

"Aos sete de agosto p. p., eu, o que subscreve, Hyppolito Gourdin, guarda rural juramentado do povoado de Gadouville, estava tomando um copo de vinho branco na casa de Mouillot, hospedeiro na estrada que vae de Conches a Verneuil e reciprocamente, como é natural, quando um ruido tão anormal quanto insolito, que vinha da estrada, chamou minha attenção. E vi, tendo feito o necessario para ver, dois vehiculos mecanicos que acabavam de chocar-se involuntariamente no cruzamento da estrada e do caminho dos quatro cercados. Farejando um accidente, transportei-me immediatamente ao logar onde o mesmo occorria, e ali encontrei um grande automovel que havia atropelado um pequeno e tres pessoas, ainda emocionadas, mas sem grande damno. Uma joven, a senhorita do senhor Remillot, do castello da Beira, que está situado á margem da estrada, apoiada contra uma arvore e quasi desfallecida, e um homem, tambem joven, o senhor Smithson, subdito norte-americano, proprietario do castello de Chaudevallée, que lhe limpava um ferimento na fronte com um lenço molhado no arroio vizinho, que serve justamente para o consumo. A terceira pessôa era o conductor do automovel do senhor Smithson, que não estava ferido, e a quem eu mandei buscar um copo de aguardente na casa de Mouillot para reconfortar a senhorita. Com o sotaque de seu paiz, que não era facil de comprehender, o citado Smithson me explicou: que elle mesmo guiava seu automovel, atraz do qual seguia o pequeno carro que queria tomar á esquerda o caminho dos quatro cercados; que elle havia feito signal com a mão, como de costume; que, sem obedecer a esse signal, o outro carro quizera passar, no emtanto, e que foi inevitavel o choque. Não havia, felizmente — disse elle — sinão perdas materiaes, e o ferimento insignificante da senhorita, da qual se encarregava elle.

— Deixe-me! Não quero que me toque! — gritava a joven. — Você é um miseravel!... Depressa, um espelho!

O moço correu a buscar no grande automovel um espelho e um cofrezinho.

— Estou desfigurada para toda a vida! — disse a senhorita de Remillot, depois de se ter mirado no espelho. — Você é um criminoso!

— Você tem apenas um simples arranhão — respondeu o norte-americano. — E como, por felicidade, sou cirurgião, e tenho aqui todo o necessario, vou dar-lhe dois pontos de sutura e em quinze dias não se verá mais nada.

O joven norte-americano tirou da caixa tudo quanto era preciso e deu inicio á pequena operação, com muito cuidado. Isso durou quatro minutos, durante os quaes, para distrahir a senhorita Remillot, lhe contou que elle se chamava Fred Smithson, que viera á França para fazer uma viagem de estudos, e que, tendo achado a França e as francezas encantadoras, comprára o castello de Chaudevallée. Nisso, o conductor do automovel trouxe o copo de aguardente, que a senhorita não quiz nem provar, e até exclamou: "Que horror", o que prova que essa senhorita não sabe o que é bom, ou o que é aguardente que tem quatro annos e que é extra.

A senhorita poude regressar em seu carro, que apenas estava com os pára-lamas torcidos. E, ao partir, repetiu: "Ha de ter noticias nossas, senhor Smithson!" Quanto ao senhor Smithson, se foi em seu grande auto, depois de ter-me dado dez francos pelo copo de aguardente que bebi á sua saude, como era justo, menos por bebel-o que por honral-o. — Assignado: *Hyppolito Gourdin*, guarda rural."

• • •

FRAGMENTO ESSENCIAL DE UM DIALOGO NO CASTELLO DA BEIRA

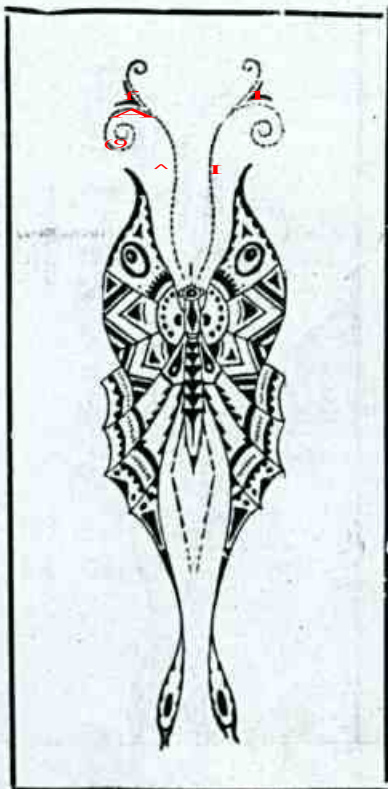
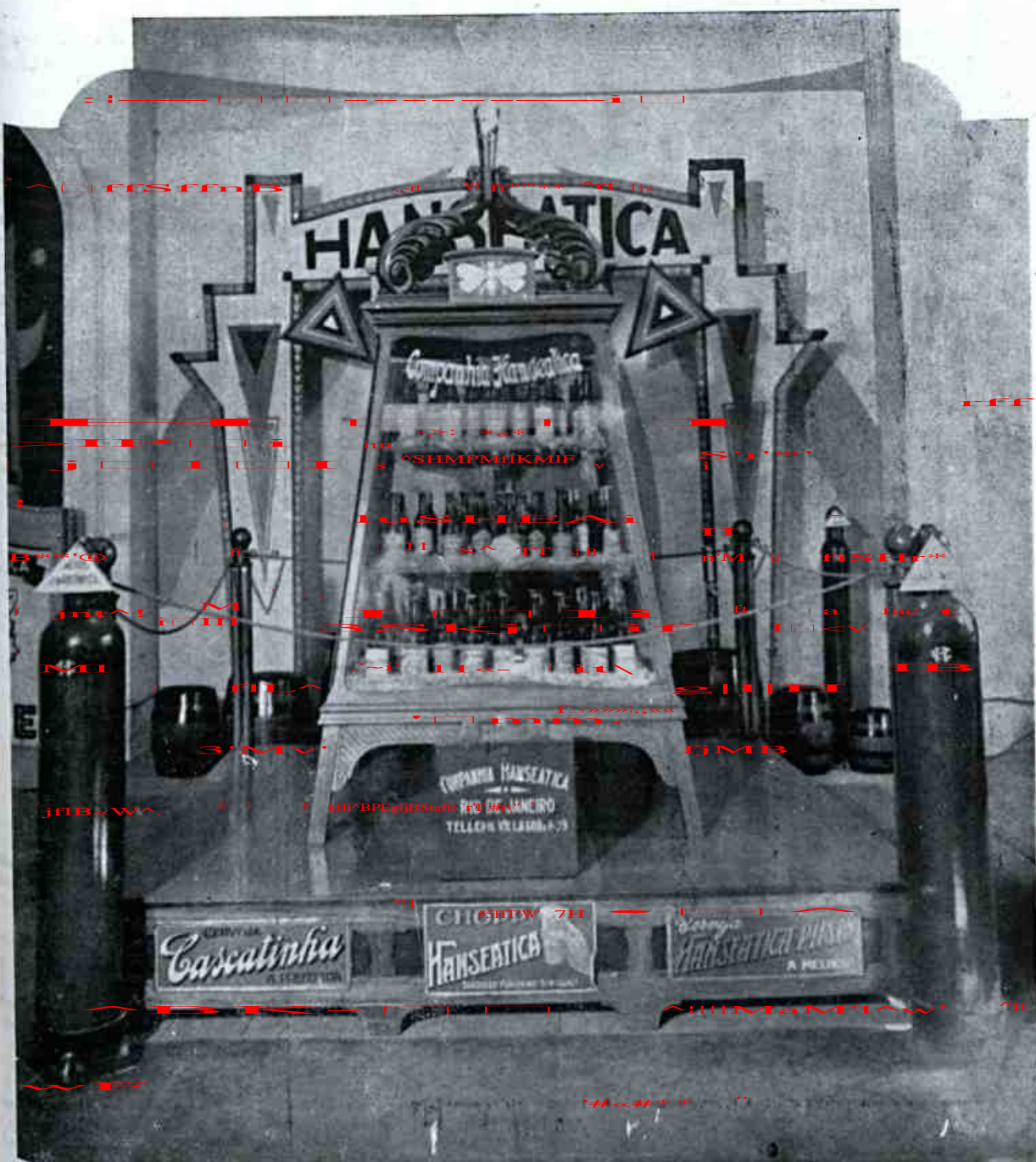
A senhora Remillot. — Quando pensamos que podias ter ficado no local!... Que bandido norte-americano!... Creio que o farás pagar, Edmundo...

O senhor Remillot. — Em vez de excitar-nos no odio, devemos melhor saborear a alegria de um milagre: o de um accidente sem gravidade, de um cirurgião habil no local mesmo do accidente, de uma cicatriz em breve invisivel...

A senhora Remillot. — Si se fosse por essa logica, nunca haveria desgostos... Espero que lhe reclamarás um meio milhão como indemnização. Um norte-americano tem meios para pagar caro.

Joannita. — Ah, mamãe! Não deves falar assim!... Apesar de tudo, precisamos estar agradecidos a esse moço. E, agora, que já estamos tranquillos, devemos reconhecer que elle se portou como um habil cirurgião.

(Neste momento da conversação, um criado traz um cartão de visita. E' elle! E' o senhor Fred Smithson!... Não se póde deixar de recebel-o... Joannita afasta-se por causa de seu modesto vestidinho de jardim. O norte-americano entra muito elegante e sympathico. Cumprimenta, senta-se e fala).

— Oh! Eu sou muito incommodo, senhor e senhora, por minha primeira visita depois dessa estupida historia. Mas toda a culpa foi de vossa encantadora filha, porque eu juro que fiz signal com minha mão para voltar...

O variado mostruario da Companhia Hanseatica, em exposição no seu «stand» da Feira de Amostras.

O senhor Remillot. — Senhor, tomámos nossas medidas. E' preciso ter prudencia. Isso poderia ter acabado numa catastrophe...

O senhor Smithson. — Mas, uma vez que não houve catastrophe, é preciso estar contente como eu, que tive tanto medo... Eu sei, pelo jardineiro, que vossa encantadora Joannita vae bem. Mas prefiro ver com meus proprios olhos... Quereis fazel-a vir, agora? Fazei o favor.

A senhora Remillot (estupefacta). — Senhor, dizem que é um cavalheiro. Com que direito dá ordens aqui?

O senhor Smithson. — Oh! Eu sou sempre cavalheiro. Mas aqui estou eu primeiro como cirurgião, e venho para ver minha enferma, que foi operada por mim...

O senhor Remillot (inquieto). — Mas, senhor, nosso medico viu...

O senhor Smithson. — Eu sou o cirurgião e, portanto, sou o unico responsavel.

(Ante tal autoridade, os Remillot ficam impressionados, e a senhora vae buscar sua filha, que, por outro lado, espera atraz da porta, vestida com um traje que lhe assenta muito bem).

UM ACCIDENTE QUE ACABA BEM

(Conclusão)

O senhor Smithson (de pé). — Senhorita, venho pela atadura... Permitte?... All right!... Remendei bem a linda fronte, a fronte mais bonita que já vi... Oh! Por que não arranjarmos este negocio?.. Como dizem?... Amavel?...

O senhor Remillot. — Amigavel?.. Mas que offerta razoável faz o senhor?

O senhor Smithson. — Offereço á senhorita Joannita meu pequeno palacio de Paris, á rua Ampére, que vale um milhão.

Côro dos Remillot (estupefactos). — Que?...

O senhor Smithson. — Offereço tambem, minha casa de Nova York aonde iremos apenas dois mezes cada anno; e depois meu castello de Chaudevallée, a dois passos daqui; e ainda minha fortuna, bastante bella e grande em dollares; e por fim, meu carinho amoroso e conjugal... Não digaes nada! Reflecti... Voltarei dentro de oito dias para tirar os fios da fronte, e tambem para terminar o grande negocio de amor.

Tomaram-se as informações necessarias. E quando o joven medico norte-americano voltou, oito dias depois, á hora combinada, observou antes de tudo, no jardim, como espectaculo de bom augurio, o pequeno carro avariado e causa inicial de uma encantadora aventura, que desapparecia sob um montão de flôres frescas... E depois, no salão II, se encontrou com Joannita que dava o sim, muito alegre, e seus paes, que, radiantes, approvavam.

M. C.

ROMPIMENTO

"Minha querida Renée!

Sim! Eu tambem recebo com alegria e curiosidade ás tuas cartas: somente não me agradam esses pronomes intermináveis: "sua, si, seu", e no meio disto tudo: "teus, tinhas", etc. O melhor seria que sempre me dissesses "tu". E' mais commodo, mais familiar e mais intimo!

Mas, como és perspicaz, querida! Apezar de que isto seja uma qualidade peculiar ás mulheres, admiro a tua intuição. Bastou uma pequena allusão para que logo adivinhasses...

Pois bem! Ahi vae o que deve acalmar a tua curiosidade! O meu idyllio terminou, está tudo acabado! Não ha que ver, eu amei e fui amada, mas isso devia durar muito pouco!

Já vejo nos teus lindos olhos azues o desapontamento que te causa, talvez, esta novidade, mas não temas nada, querida! Nunca farei a tolice de me matar por amor, nem tampouco morrerei de desgosto, apezar de tel-o amado tanto!

Antes de te dizer como, quando e porque, confirmo que o objecto de meu amor é justamente a pessoa que tinhas supposto e que eu tantas vezes reneguei, tentando ainda occultar-te o segredo. Pois é elle, sim, o... tu já sabes agora!

Hein?!

Não achas, Renée, que sou mesmo bem singular? Quem diria? A intelligente e culta Norma enamorar-se de um modesto empregado do commercio! Oh! mas que importa a posição social? Juro-te que, se pude amal-o, eu, que sou de um caracter altivo e ambicioso, e ao mesmo tempo sonhador, aspirando a algo de superior na vida, eu te affirmo que elle era digno de meu amor, de minha vida! Que vale a posição ou o alto preparo intellectual? Para se amar um homem é preciso que elle seja culto e que tenha principalmente uma "personalidade", isto é, alguma cousa de superior que se não explica e que bem se poderia chamar como nas mulheres "um não sei que", que o faz interessantissimo e o colloca fóra do mediocre. E R... [illegible] a este numero!

O motivo do rompimento? Disse-me que no futuro havíamos de nos arrepender do casamento, pois os nossos caracteres não se adaptariam, porque andariamos, como sabes, em continuas questões, como umas e outras. E foi dito em uma classica noite de luar, quando o clarão lácteo da lua deliciosamente banhava os nossos semblantes! E... nesse momento comprehendi, mais do que nunca, que R... é um egoista incorrigivel, incapaz de um acto de abnegação pela mulher que ama, porque eu sei que elle me ama, mas a seu modo, egoisticamente, exigindo muito e dando pouco. E, comtudo, "são os egoistas que amam melhor", no dizer de Anatole France, e eu sinto que elle me ama infinitamente.

No emtanto, elle raciocina, quer assegurar o seu bem-estar individual! Que horror! Mas por que, apezar de tudo, eu o amei? Ah! porque sou mulher e [illegible] mulher...

Tenho dezoito annos, Renée, a vida me sorri, todo um horizonte de luz e de esperança desponta para mim, e já tenho a primeira desillusão...

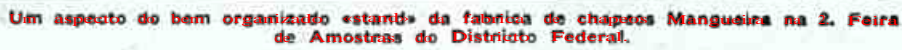
Has de naturalmente sorrir incredulamente, dizendo de ti para ti: "Isso são apenas arrufos de namorados". Oh! não! Pódes estar certissima, querida, que tudo terminou!

Isso foi apenas o meu primeiro amor...

E... com o divino Heine, direi: "Um amor cura-se com novos amores!"

Quando chegares, apresentar-te-ei o meu novo flirt, o Luciano!

Beija-te ternamente — Norma."

Um aspecto do bem organizado «stand» da fabrica de chapeos Mangueira na 2. Feira de Amostras do Districto Federal.

2.ª FEIRA DE AMOSTRAS

Valet Auto-Strop — A linda exposição das afamadas navalhas Valet Auto-Strop e seus accessorios deste fabricante, na 2.ª Feira de Amostras. Todos que a visitaram são unanimes em elogiar a belleza do «Stand» e a perfeição dos seus productos.

VARINHA DE CONDÃO

Fig. 2

Echarpes — Um vulto de mulher que passa, alta e esguia... O perfume subtil se evola, prolongado pelo voejar palpitante da longa écharpe de seda...

As écharpes foram, parece, inventadas para as criaturas finas e elegantes, com porte de figurino. Dão uma graça infinita ás silhuetas esgalgadas.

Ha muito introduzidas nos accessorios femininos modernos, promettem as écharpes ornar por muito tempo ainda delicados pescoços alvos ou morenos.

Em Paris muitas chapeleiras elegantes fazem quasi sempre graciosas echarpes de georgette ou de seda acompanhar suas creações mais "chics". Agnès tem grande predilecção por esse accessorio. Na figura 1 vê-se um modelo dessa modista, cuja casa é uma das que maior nomeada têm em Paris.

A figura 2 mostra uma interessante echarpe de feitio de lenço com recantos embutidos em côr diversa. E' do "Grande Maison de Blanc".

Fig. 1

Moveis e immoveis — E' possivel que o espectaculo lamentavel e ridiculo das andorinhas pejadas de moveis e roupas, a patentearem a intimidade das familias, seja no futuro apenas uma lembrança de tempos "unconfortables".

Na verdade cada dia mais se accentua a simplificação do mobiliario. Este a pouco e pouco se vae tornando parte integral da casa. Na America do Norte, são communs além dos "closed" ou armarios embutidos, as camas que se desarmam e desapparecem no muro, as mesas que abaixam e somem no aposento.

Num modernissimo album de construcções, entre muitas outras concepções de luxo e requinte vimos ha dias mais de um recanto formando saleta de almoço com a mesa e dois amplos bancos de madeira, condizentes com o estylo do pequeno aposento, presos no soalho e nas paredes, fazendo parte inseparavel da casa. As armações de livrarias circumdando um gabinete, ou se adaptando perfeitamente a paineis de muros são já nossas conhecidas. Porém ha melhor. Ha portas de madeira envernizada com ou sem portas de vidro, separando a sala familiar (living-room) da de jantar; e na passagem desses portaes se encaixam pequenas estantes de portas corrediças, supportando o balcão liso ou lavrado de onde partem as columnas que amparam os arcos. Alguns trazem gavetas; um nós vimos que até uma pequena mesa tinha, cuja tábua se suspendia fechando um vão para guardar papeis e tinta.

Fig. 3

Um symptoma interessante da reducção do mobiliario é estar a penteadeira principiando a de-

cahir. Movel leve e gracioso que substituiu com vantagem o horrivel lavatorio" antigo, tem entretanto, perante este uma desvantagem: a falta de gavetas. Veio a queda das cabelleiras e com ella mais compromettido ainda ficou o reinado da penteadeira. Tendem a substituil-a "commodas" modernas. Quanto ao "maquillage", os principios da hygiene e da commodidade aconselham que seja feito no banheiro, que para isso frente. O "sweater" é agora são construidos amplos e claros, comportando um "toilette" forrado de vidro, com espelhos e armario embutido na parede proxima, afim de guardar os preparos e perfumes.

Nossa gravura 3 mostra um quarto ostentando mobiliario de estylo moderno, cujas tendencias dominantes são: aproveitamento de espaço, sobriedade de linhas.

DOIS SWEATERS

A graciosa moda dos "sweaters", a principio reservada para os ambientes esportivos, tornou-se perfeitamente acceita para qualquer "toilette" de rua. Tanto acompanha um costume leve, como surge sob um "manteau" o mais luxuoso.

Assim nos dois modelos de Jean Patou que offerecemos hoje ás nossas amiguinhas.

beige rosado, riscado de marron arruivado. Chapéo de feltro de seda marron com rebordo beige.

O modelo da figura 5, é de kasha cinza, sendo o casaco, excepto a gola, rebordos e parte externa das mangas, inteiramente ornado de finos pespontos cinza mais escuro. A saia, da mesma lã cinza, tem pregas largas na frente. O "sweater" é cinza, riscado de

Figs. 4 e 5

Na figura 4, é um "ensemble" de lã marron escuro, com grande gola e punhos amplos de astrakan marron arruivado. A saia de lã beige é pregueada na azul marinho e de vermelho. Na lapella, flôr fantasista, rubra com folhas chatas azul-marinho. Chapéo de feltro cinza com aba levantada azul-marinho.

CONSELHOS ÁS MÃES

— Deus! Como o primeiro filho assusta e desespera... falta a pratica, de tudo se tem médo, ante a menor cousa se hesita... Si a criança chora, é uma angustia... será fome? estará doente?

Muito têm os medicos — com sobeja razão — combatido o habito tão popular e tão pernicioso de dar alimento aos lactantes a qualquer hora, desde que chore. Muitas vezes arruinam, assim, mães ignorantes, o delicado estomago de seus filhinhos.

regrada são imprescindiveis.

Outra causa vulgar das crianças chorarem no intervallo das mamadeiras é a clica provocada pela ingestão muito rapida, ou excessiva do leite. Si a criança é amamentada ao seio, marque-se o tempo da mamadura: de dez minutos a um quarto de hora, mezes e a força sugadora segundo o numero de do lactente. Si na mamadeira, verifique-se a porção do leite, conforme as indicações do medico e se fiscalize um detalhe

I

II

Fig. 6 (III)

Quando a criança chora fóra da hora do alimento é preciso primeiramente procurar com muita calma e cuidado si nada a magôa: uma roupinha apertada demais, um alfinete de fralda aberto... Afastada essa hypothese, restam outras, antes de se pensar numa doença e na necessidade de chamar o clinico. As crianças pequenas choram ás vezes de somno; a irritabilidade sem motivo apparente é commum nos filhos de pessôas nervosas. Para estes a serenidade ambiente, a alimentação

nifavelmente sem importancia: o tamanho do furo do bico. Um orificio demasiadamente pequeno, cansa a criança, sobretudo quando se trata de um debil, e um rasgão grande de mais faz que se encha com rapidez prejudicial! o estomago do pequenino.

Em nossa figura 6 mostramos como deve escrianças fracas (I), para correr o leite para as as muito debeis que quasi não tenham forças para mammar (II) e emfim para as normaes (III).

CINDERELLA

A EQUITATIVA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

SOCIEDADE DE SEGUROS SOBRE A VIDA

REALIZOU O SEU 92.º SORTEIO TRIMESTRAL EM DINHEIRO

RELAÇÃO DAS APOLICES SORTEADAS

Nota	Apólice	Nome	Localidade
	193.846	Jonas Ferreira Trindade	Cedro, Sergipe.
	185.470	Bellino Baggio	Ribeirão Claro, Paraná.
	122.938	José Adolpho Lima Avelino	Ponta Porã, Matto Grosso.
	190.635	Paul Petrides	Manáos, Amazonas.
	185.679	Ruderico Dantas Barreto	Cruz Alta, Rio G. do Sul.
	119.831	João Ramalho	Penedo, Alagôas.
	175.585	Raymundo A. Leão	Therezina, Piauhy.
	178.038	Manoel Fernandes Basteiro	Belém, Pará.
	143.258	Francisco Maria Bordallo	Idem, idem.
	98.153	Fortunato Pereira da Trindade	Caxias, Maranhão.
	161.395	Friedrich W. F. Ernest Paschen	S. Luis, idem.
	169.779	Alexandre Mattos Costa Lima	Fortaleza, Ceará.
	170.178	Mariano Duarte Pinheiro	Maranguape, idem.
	162.890	Alcino V. de Almeida Machado	S. J. Muquy, Espirito Santo.
(1)	155.565	Sisypho Sardenberg	S. Felippe, idem.
	140.916	Cyriaco José d'Annunciação	Ilhéos, Bahia.
	184.831	Victal Alves Pinheiro	Itabuna, idem.
	179.699	José Marcellino Nunes Leal	S. Salvador, idem.
(2)	112.050	Maria Marcina von Sosten	Recife, Pernambuco.
	139.639	Maurice Swift G. Williams	Idem, idem.
	127.837	Annibal Xavier Poroca	Limoeiro, idem.
	147.166	Victor de Lyra e Seixas	Recife, idem.
	194.529	José Dutra Navarro	Santa Thereza, E. do Rio.
	171.641	Nabor Getulio Pessoa	S. S. Boa Vista, idem.
	194.363	Sebastião Ribeiro de Paiva	Santa Rosa, idem.
	190.812	Manoel Tomé Berenguer	S. Gonçalo, idem
	197.316	Manoel da Silva Nogueira	Petropolis, idem.
	170.225	João Moreira Souza	Capital Federal.
	106.173	Oscar de Araújo	Idem.
(3)	112.441	Raul Machado Bittencourt	Idem.
	163.107	Amilcar de Seixas Brites	Idem.
	181.459	Joaquim de Oliveira Lopes	Idem.
	149.256	Manoel de Souza Neves	Idem.
	196.171	Olavo Pires Rebello	Idem.
	153.634	Marcus G. Faerstein	Idem.
(4)	125.656	Christian Fernandes da S. Oliveira	Idem.
(5)	125.833	Antonio Fernandes de Souza	Idem
	186.529	Lafayette Gomes Ribeiro	Idem.
	187.577	Nilo Figueiredo	Idem.
(6)	122.374	José Maria Albuquerque Bello	Idem.
	125.495	José Antonio de Azevedo	Idem.
	136.567	Jaldemar de Figueiredo Rocha	Idem.
	128.860	Leandro da Silva Perdigão	Bello Horizonte, Minas Geraes.
(7)	130.514	Joaquim Alves Tolentino	Idem, idem.
	126.843	Confucio Augusto Pamplona	Idem, idem.
	179.280	Paulo Mendonça	Araguary, idem.
	178.153	Carlos Bicalho Goulart	B. Horizonte, idem.
	189.776	Theotonio Patrocinio de Moraes	Araxá, idem.
	153.781	Arnaldo Rodrigues Persiri	Queluz, idem.
	187.331	José Lemos da Silva	Araguary, idem.
(8)	115.893	Victorio Margolla	Bello Horizonte idem.
	169.455	Pacifico Marocco	Bicas, idem.
	188.752	Domingos dos Santos Freitas	Uberabinha, idem.
	127.113	Alfredo Ernesto Balena	B. Horizonte, idem.
	138.969	João José Alves	Montes Claros, idem.
	188.919	Onofre de Azevedo Lemos	S. G. de Sapucahy, idem.
	187.020	Mario Xatal Guimarães	Ituyutaba, idem.
	189.302	Pacifico Caldeira Leal	B. Horizonte, idem.
	191.790	Jacob Lopes de Castro	Oliveira, idem.
	195.915	Dionisio Pinto Fiúza	Dôres Indayá, idem.
	161.630	Jarbas Vidal Gomes	B. Horizonte, idem.
	148.089	Affonso Maria Junio	S. R. de Sapucahy, idem.
	191.132	Fortunato Alves Machado	Barretos, S. Paulo.
	180.651	Pierre Antoine André Soulas	S. Paulo, idem.
(9)	136.433	Emilio Barrionnevo Larrios	Catanduva, idem.
	189.608	Benedicto Paschoalino	Campos Novos, idem.
	164.863	Oscar Pinto Lourenço	Pirajuhy, idem.
	155.365	Antonio Neme Cozman	Santos, idem.
	191.717	Abelardo Gutierres	S. Paulo, idem.
	97.494	Victor Sacramento	Idem, idem.
	194.919	Luiz Pereira Campos Vergueiro	Idem, idem.
	131.913	José Bennaton Prado	Idem, idem.
	194.722	Cyro Landanna Loureiro	Idem, idem.
	141.900	Benedicto Ramos Ortiz	Quirinim, idem.
(10)	148.826	Raphael Moura Campos	Barretos, idem.
	187.952	Arthur da Purificação	S. Paulo, idem.
	195.835	Angelo Carrara	Idem, idem.
	191.429	Jorge Bicudo da Camara Falcão	Idem, idem.
	185.151	Augusto Villas	Idem, idem.
	187.156	Saturnino Fernandes de Souza	Idem, idem.
	149.292	João Passos Gama Cerqueira	Idem, idem.
(11)	177.973	Raul de Almeida Prado	Idem, idem.
	101.489	Orlando Theodoro Lima (fallecido)	Santos, idem.
	164.827	Floriano Rodrigues de Moraes	S. Paulo idem.
(12)	141.837	José Adriano Marrey Junior	Idem, idem.
	188.688	Francisco Xavier Magalhães Costa	S. Simão, idem.
	108.792	Raul Rangel de Carvalho	S. Paulo, idem.
	180.958	Sebastião Mourão	Pederneiras, idem.
	183.937	José Augusto Lopes de Oliveira	Bebedouro, idem.

(1) Teve a sua apolice n. 155.564 sorteada em 15 de Abril de 1927. (2) Teve a sua apólice n. [illegible] sorteada em 15 de Janeiro de 1927. (3) Pela 6.ª vez contemplado em nossos sorteios, teve a sua apólice n. 112.425 sorteada em 16 de Janeiro de 1922; a de n. 112.424 em 15 de Abril do mesmo anno; a de n. 112.438 em 15 de Abril de 1924; a de n. 112.428 em 15 de [illegible] desse mesmo anno, e a de n. 112.429 em 15 de Outubro de 1925. (4) Pela terceira vez contemplada nos nossos sorteios, teve a sua apólice n. 125.64[illegible] sorteada em 15 de Abril de 1924 e a de n. 125.655 em 15 de Abril de 1927. (5) Teve a sua apólice n. 120.836 sorteada em 15 de Janeiro de 1927. (6) Teve a sua apólice n. 122.373 sorteada em 15 de Janeiro de 1927. (7) Teve a sua apólice n. 130.510 sorteada em 15 de Janeiro de 1927. (8) Teve esta mesma apolice sorteada em 15 de Julho de 1922. (9) Teve a sua apólice n. 136.436 sorteada em 15 de Abril de 1927. (10) Teve a sua apólice n. 148.835 sorteada no nosso ultimo sorteio. (11) Teve a sua apolice numero 160.898 sorteada em 16 de Outubro de 1927. (12) Teve a sua apólice n. 95.910 sorteada em 15 de Abril de 1925.

Nos Cinemas da Avenida

Cotações: OPTIMO — MUITO BOM — BOM — SOFFRIVEL — MÁO — E . . . DETESTAVEL

A DIVINA DAMA

DA FIRST NATIONAL

Cinema PALACIO — E' o segundo film sonoro que nos apresenta o Palacio. Parece que a SELECTA já explicou aos seus leitores o que seja a differença entre vitaphone e moviotone o primeiro em simples disco de movimento synchronizado com o film, o segundo adaptado á propria pellicula e movendo-se simultaneamente com a acção. Da acção do vitaphone em *Divina Dama* não nos interessa aqui falar, bastando dizer que o apparelho, reproduzindo apenas sons, não deixou má impressão. Do film em si, ha, mais que dizer. *Divina Dama* é a reproducção cinematographica d'um pedaço da historia amorosa de Nelson com lady Hamilton, embaixatriz da Inglaterra na côrte de Napoles, ahi pelos principios do seculo passado. Como estudo de caracteres, nomeadamente da amante do vencedor de Trafalgar, o film é falso. Póde dizer-se mesmo que os seus ensceenadores, mandaram a verdade historica ás batatas, e apenas se preoccuparam com a sua figura principal, por certo a mais popular na America. Não estavam muito no seu direito, mas não vale a pena esmiuçar esse aspecto. O film, como film, é excellente: pelo interesse e emoção do enredo, pelo valor da interpretação, pela cuidadosa direcção que teve e, notadamente, pelos recursos technicos de que se lançou mão e que nos deram quadros d'um grande e emocionante movimento. Por tudo isto, *Divina Dama* é um excellente espectaculo e espectaculo como de arte cinematographica merece com toda a justiça a

Cotação — BOM

FILHOS DE NINGUEM

DA FOX

Cinema PATHE' — Film d'uma magnifica naturalidade, parecendo apanhado do flagrante.

Tem pedaços de vida, que são vida mesmo. O publico sente o "frisson", as lagrimas a borbulhar nos olhos, porque não se vêem indifferentemente quadros tão dolorosos a rodearem vidas moças. Póde-se objectar que esteja com reservas preconcebidas, que aqui e alli ha certos excessos de infantilidade. Quem o pensar, toma em pouca conta o caracter das figuras dominantes e o fim moral da pellicula. O que é preciso dizer é que o film se destina a emocionar e que, na verdade, emociona. A direcção é bôa. Da technica é indispensavel falar, bastando dizer que ella, é da Fox. A interpretação é muito recommendavel. A Fox tem agora uma geração nova de artistas, cujos nomes o publico não decorou ainda, mas que precisa decorar, porque são artistas de grande poder de sensibilidade.

Cotação — BOM

NOS CINEMAS DA AVENIDA — (Continuação)

PILOTOS DA MORTE

DA LUTECE FILM (*Programma Serrador*)

Cinema ODEON — Para observar esta pellicula, como de resto para observar toda obra de arte, é preciso collocarmo-nos dentro do ambiente para quem ella foi traçada, a que ella foi dedicada. Ahi, sim, ella poderá ser comprehendida em toda a sua grandeza, em todo o seu poder emocionante. Fóra d'esse ambiente, é comprehendida apenas por metade, superficialmente. Film de guerra. "Os 4 cavalleiros do Apocalypse", já nos appareceram ha sete annos e ha onze que se trocavam os ultimos tiros. Aparte certos exageros de interpretação, o film tem situações emocionantes, sendo a sua direcção bastante aceitavel. A parte technica, soffrivel, classificação que o nosso criterio manda conceber ao film em conjuncto.

Cotação — SOFFRIVEL

MULHER EM CHAMMAS

DA UFA

Cinema RIALTO — Mais uma vez nos vemos obrigados a confessar que o film allemão se torna superior ás considerações das criaturas a quem o excesso de futilidade enjôa. O cinema só se dignificará quando fôr, e todas as vezes que fôr, um reflexo da vida. As convenções e artificios artisticos, de que Hollywood abusa, não podem constituir base unica do trabalho cinematographico. N'esta pellicula do "Programma Urania", ha um pedaço de vida amorosa, n'um anseio em que despertam duas almas que emociona pela verdade, pelo realismo, pela porção de humanidade que o transe encerra. Sente-se que se aquillo se passasse comnosco, seria assim mesmo. O argumento é admiravel; a enscenação, primorosa; a direcção, excellente, exceptuando as scenas finaes, em que a technica, foi deficiente e a acção inverosimil. Da interpretação, Olga Tschechowa soube crear uma figura de apaixonada... por que má gente tem vontade de se apaixonar. O film é, em resumo, bom sob variados aspectos, com deficiencias que lhe não diminuem o merito.

Cotação — BOM

COM A BOCCA NA BOTIJA

DA METRO

Cinema GLORIA — E' uma hora de bom humor, a que nos offerece esta pellicula da First. O enredo bateu um pouco ás portas da farça, mas interessa do principio ao fim o publico. E' inverosimil? Que importa a verosimilhança n'estes trabalhos?... O que é preciso é que sejam engraçados, e este na verdade o é. Charlie Murray poz n'este flim toda a comicidade da sua expressão physionomica, todos os recursos da sua naturalidade. A par d'este artista, Littlefield é um bom companheiro, e o "cast" apresenta ainda Charles Delaney e Doris Dawson, uma figura encantadora de mulher. A direcção conseguiu effeitos interessantes. Esqueciamo-nos de lembrar o trabalho de Aggie Harring, que é uma excellente caracteristica.

Cotação — BOM

GLORIFICANDO A MULHER

DA UNITED ARTISTS

Cinema CAPITOLIO — E' um film de guerra. Estamos positivamente saciados, fartos. Entretanto, este fastio, que mais ataca o publico do que a nós proprios, não nos impede de vêr serenamente o trabalho que temos deante de nós, abstraindo d'essa circumstancia d'um ambiente dezenas de vezes repetido. O film é bom. O trabalho directivo, com excellentes recursos technicos, envolveu uma interpretação que leva ao objectivo desejado: a emoção do publico. O film tem ainda um conceito moral, qual o do castigo dos cobardes no grande conflicto mundial. Fazemos votos para que no sacco não haja mais films de bombardeio.

Cotação — BOM

O SR.
APPLAUDIRÁ
A VOZ
DO

DECCA

O PHONOGRAPHO PORTATIL

Escute o Sr. a sua canção favorita neste apparelho, que ha de ouvil-a com toda a graça e naturalidade. Não ha nota que se perca e até as notas mais baixas resultam com uma admiravel precisão. Isto consiste em que o Decca consta de um systema sonoro exclusivo que nenhum outro phonographo possue. Apezar de todos os attractivos de construcção do Decca, julgue-o o Sr. pelo seu timbre SEM RIVAL.

Informações para o commercio:

CARLOS HAERING

RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 28

RIO DE JANEIRO

PARA A CASA
E PARA O HOTEL

O Môlho de LEA &

A ULTIMA PARTIDA

DE OCTAVIO AMORETTI

ARLOS GARAY accendeu, tranquillamente, um cigarro, olhou seu relogio e, fazendo um gesto de surpresa, exclamou:

— Tres horas da manhã! Cavalheiros, sinto muito, mas minha mulher está indisposta, e parece-me prudente retirar-me. Como não me chega o dinheiro que trago aqui, firmarei um cheque, si o senhor Monteiro mo permitte.

O alludido senhor Monteiro concordou com um movimento de cabeça. Garay firmou um cheque da caderneta que trazia comsigo, valendo-se de uma caneta automatica que lhe facilitou um dos presentes. Em seguida, se despediu cordialmente de todos, e sahiu.

Já na rua, a brisa matutina refrescou sua cabeça e aclarou seus pensamentos, até então confusos pelas fortes alternativas que seus nervos haviam soffrido essa noite.

A partida de "poker", organizada quasi diariamente em casa do senhor Monteiro, vinha substituir, de certo modo, á suppressão da roleta naquelle elegante balneario. Nessa casa se reuniam, noite a noite, uns dez amigos. E ali ganhavam ou perdiam sommas apreciaveis em dinheiro. Essa noite, o vento adverso havia soprado para Garay. Toda sua habilidade de velho jogador de "poker", seu sangue frio, que seus amigos admiravam, sua penetração psychologica para adivinhar o jogo dos outros não haviam servido de nada. Perdêra desde que sentára para jogar, e com a viva esperança de desforrar, continuou perdendo até o que não tinha. Vira-se obrigado a firmar um cheque de vinte contos — elle que apenas tinha no banco, depositados, dez contos.

Martha, sua esposa, o esperava ainda levantada. Embora Carlos tenha querido occultar-lhe a verdade, ella descobriu, pelo suor frio que lhe humedecia a fronte, pelo ligeiro tremor de suas mãos, que algo desagradavel lhe havia occorrido.

— Foste-te mal no jogo? — perguntou-lhe.

Garay fez um signal affirmativo com a cabeça emquanto tirava seu "smoking".

— Perdeste muito? — insistiu ella.

— Sim. E não sei como pagal-o.

Houve um minuto longo e angustioso de silencio.

— Firmei um cheque de vinte contos. E apenas temos dez no banco.

Martha empallideceu. De bôa vontade teria protestado, teria brigado com seu marido. O jogo! O jogo terrivel que sempre ensombrecêra suas vidas! Mas ella sabia que era inutil; que era contraproducente augmentar ainda mais o desanimo que abatia seu marido. Procurou serenar-se. Com voz suave disse:

— Até quando precisas levantar esse cheque?

— Hoje é sabbado. Até segunda-feira. Mas não tenho de onde tirar esses dez contos.

Martha pensou, ou melhor, quiz pensar na melhor maneira de ajudar a seu esposo nessa terrivel emergencia. Mas um rubor cobriu-lhe o rosto e ella baixou os olhos, como que envergonhada de si mesma. Não. Não era possivel! Ella sabia que uma palavra sua bastaria, não para obter dez, mas cem contos. Mas não seria um emprestimo; significaria uma venda, uma venda de vergonha, de deshonra... Leão Blunn, que a cortejava insistentemente, havia cinco mezes, já lhe insinuára que sua generosidade era tão grande como a belleza de Martha. E Martha era linda de verdade. Repelliu essa idéa como absurda. Pensou que a mulher que trahia seu marido para salval-o, não o salva, mas o arruina ainda mais. E o arruina para sempre. No emtanto, ella poderia entre alguma de suas amigas, obter, sinão toda, pelo menos parte dessa importancia. E disse-o a Carlos. Este sorriu.

— Isso mesmo posso fazer eu. Alguns de meus intimos amigos, dos que ainda têm confiança em mim, poderão auxiliar-me. Não nos desesperemos. Temos todo um dia e toda uma noite para procurar a maneira de sahir deste atoladeiro.

* * *

O palacio que a familia Marti mandára construir perto da praia de Copacabana estava deslumbrante de luzes e de concorrencia. Era um grande banquete que o casal Marti offerecia ás pessoas de suas relações. Uma festa inaugural dessa residencia magnifica.

Carlos Garay e sua esposa tinham sido convidados. Leão Blunn, o grande banqueiro, tambem ali estava, e, como de costume, se desfazia em galanterias com Martha.

Terminado o banquete, os convidados se espalharam pelo grande "hall" ou pelo vasto terraço, onde, ao som de uma orchestra, se improvisou um animado baile. Mas nem Martha nem Carlos se divertiam nesse ambiente de despreoccupação mundana, de alegria e de trivialidades. Como uma obsessão os perseguia o pensamento dessa divida, que para elles representava como que a perda completa de sua reputação.

E Martha sabia, porque Carlos não se cansava de lh'o repetir, que a morte era preferivel á deshonra. E em sua imaginação febril, via Carlos morto no dormitorio do hotel, com a fronte atravessada por uma bala...

Havia terminado de dançar com o senhor Blunn, e sentindo-se mais fatigada e aturdida que nunca, resolveu, para acalmar seus nervos e suavizar o calor que a suffocava, refrescar as faces com agua fresca. Fez-se acompanhar pelo senhor Blunn até "toilette" das senhoras.

Misturando á agua da pia algumas gottas de agua de colonia, passou suas mãos pela fronte ardorosa. Quando se ia enxugar, seus olhos ficaram fixos no lavatorio. Na brancura do marmore, destacava seu verdor maravilhoso uma grande esmeralda, magnifica, fulgurante ainda pelo aro de brilhantes que a sustentava ao annel de platina. Martha conhecia essa joia. Era da senhora Clyde, esposa de um diplomata. Uma idéa, rapida como um relampago, passou-lhe pela mente. Si se apoderasse dessa joia? Seu preço era fabuloso. Com o producto de sua venda seria paga a divida de Carlos. E tambem como um relampago, a tomou em suas mãos. Olhou em torno, como os ladrões quando receiam ser surprehendidos. Mas, que fazer? Onde pôr esse annel? Martha pen-

A ULTIMA PARTIDA

(Conclusão)

sava e agia com uma claridade e uma rapidez as sombrosas. Dirigiu-se ao guarda-roupa e occultou o annel no pequeno bolso de sua sahida de baile.

Leão Blunn esperava-a a poucos passos da porta do "toilette".

— Quer me dar o prazer de dançar commigo o proximo tango? A orchestra vae começal-o agora mesmo.

— Não. Preferiria procurar Carlos. Sinto-me bastante nervosa.

— Acompanhal-a-ei. Mesmo sem dançar, vale dizer, sem tél-a junto a meu coração: sua companhia me é sempre grata.

— Rogo-lhe que não continúe com essas galanterias. Já lhe disse que essa especie de conversação não me interessa. O unico homem a quem quero, e a quem quererei sempre, é meu marido.

— Oh! Isso não é preciso dizer-me. Já o sei. Mas póde fazer um logar em seu coração para mim. Si quizesse...

Martha não respondeu. Seus olhos e seu pensamento estavam fixos num grupo de pessôas estacionadas na entrada do "hall". Ali estava, falando muito agitadamente com o senhor Marti, a senhora Clyde. Gesticulava mais que de costume, e mostrava suas mãos. Martha comprehendeu. A dona do annel havia notado o desapparecimento do mesmo e o participava ao dono da casa.

O senhor Blunn seguiu com seu olhar o de Martha. Inclinou-se para ella e disse-lhe quasi ao ouvido:

— Madame Clyde está desesperada, porque perdeu seu famoso annel de esmeralda e brilhantes. Talvez lho tenham roubado.

E poz tal intenção em sua ultima phrase, e olhou de tal maneira Martha, que esta sentiu que as pernas lhe tremiam e que um suor frio lhe corria pela espinha dorsal. Não soube que responder. Blunn continuou:

— Si descobrissem o ladrão ou a ladrona, que lindo escandalo social seria! Porque esse roubo só póde ter sido praticado por uma pessôa decente. Um convidado ou convidada do casal Marti. As joias deixadas por esquecimento nos lavatorios são muito tentadoras...

— Por Deus, senhor Blunn! Que quer dizer? — exclamou, desfallecente, Martha.

— Quero dizer que tudo isso póde ser arranjado da melhor maneira. Amanhã ás onze horas eu estarei no meu automovel na Avenida Atlantica. Dahi a meu "chalet" só ha uns minutos. Ninguem poderá ver-nos. Estou certo de que madame não faltará ao encontro. Eu já sabia que, de qualquer modo, me daria um logar em seu coração. Dancemos agora esta valsa.

Martha, como um automato, tomou o braço que lhe offerecia Blunn.

Quando acabaram de dançar, Bluan a acompanhou ao encontro de Carlos, que se aproximava ao lado de um desconhecido. Fizeram-se as apresentações da etiqueta.

— Este é Alexandre Solari, meu amigo de infancia. Havia annos que não nos viamos. Minha senhora, Martha, da qual sempre te falei.

Martha estreitou machinalmente a mão de Solari. Blunn, cordial e alegre, apertou vigorosamente a mão que se lhe extendia.

Martha empallideceu ainda mais. Vira vir para elles a senhora Clyde. Apoiou-se no braço de Carlos. A senhora Clyde aproximava-se agitada, aggressivamente.

— Mr. Bluan, olhe, que milagre! Acabo de encontrar meu annel, o da esmeralda grande, que o senhor tanto admirava. E eu já o julgava perdido, ou, melhor, roubado... Encontrou-o a criada encarregada da "toilette". Que sorte! — exclamou.

E se foi, apressada, divulgar entre seus amigos a bôa noticia de ter recuperado tão valiosa joia.

Martha sentiu que a alma lhe voltava ao corpo. Segurou fortemente o braço do marido, e dirigindo-se ao senhor Blunn e a Solari, lhes disse:

— Com licença. Vou dançar esta valsa com Carlos, a quem adoro.

* * *

QUANDO Martha, terminada a festa, deu uma gorgeta á velha criada da "toilette", esta lhe disse, maternalmente:

— Seria uma pena que uma dama linda e joven como a senhora se rebaixasse a isso. Eu a estava espiando. Quando se foi, revistei seu agazalho e o devolvi a sua dona.

Martha sentiu que seus olhos se enchiam de lagrimas. Em um impulso de ternura e de arrependimento, beijou a velha em ambas as faces.

A caminho do hotel, Carlos mostrou-se alegre e conversador.

— Noto-te contente — disse Martha.

— E como não o estar! Alexandre Solari, meu velho amigo, scientificado por mim de minha situação, resolveu ajudar-me. Amanhã, cêdo depositará no banco, em meu nome, os dez contos...

E, depois de uma pausa, ajuntou, emquanto estreitava carinhosamente com seu braço o busto de Martha:

— E será esta minha ultima partida. Juro-te!

A' hora emotiva do cahir da tarde...

TODAS as tardes, á hora do Angelus, emquanto o sino tange num rythmo cardiaco e as freiras, pelos niveos corredores do convento — cilicio d'almas — vão rezando de mãos postas, Ella desce do firmamento celestialmente azul... Ha um farfalhar de sêdas e setins... E, dos rosaes, câem pétalas macias nas alamêdas da maciez de arminho...

Depois, perpassa, numa caricia feminina, o vento, o poeta symbolista, arrancando ás cytharas das arvores verdes, côr de absyntho, suavissimos accórdes que, em onomatopéas subtis, me faz crer estar vendo um infinito cortejo de palacios, mesquitas e minaretes... Moveis antigos em tom de ambar rosado, estatuetas de Sévres, figuras de Tanagra e, por sobre arabescos de tapeçaria, a espiritualidade das danças e bailados do seculo XVIII: a pavana, o minueto e a gavota... com criaturas de Watteau, envoltas ás vestes de plumas kaleidoscopicamente multicôr, emfim, turbilhões de encantamentos eguaes aos contos maravilhosos de Perrault!

. . . .

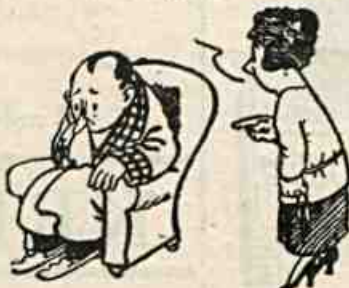
Querem saber quem Ella é?

E' a senhora dos meus momentos felizes, é a dona de mim, é o unico balsamo que me não deixa sentir, tão dolorosament, os espinhos dos ingremes caminhos da existencia... E' a Inspiração!

Evrardo T. Barbosa.

ESPIRITO ALHEIO

POR CAUSA DA MALETA...

I

— Descansa, meu amor, que eu já mandei chamar o medico.

II

— Obrigado por ter vindo, doutor.

III

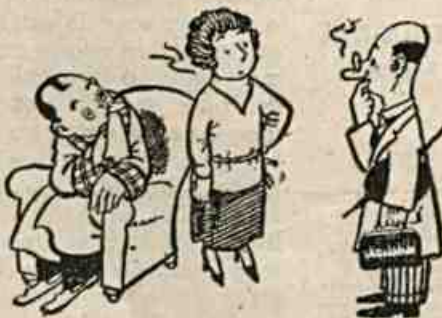
— Suba, por favor.

IV

— Aqui está meu marido.
— Bom dia, senhor.

V

— Como o acha? Que tem elle?
— Receio não lhe poder informar.

VI

— E o estado é grave? Diga francamente, doutor.

VII

— Mas eu não sou doutor, minha senhora; sou o afinador de piano!...

CALLOS
Uma gota do maravilhoso novo liquido em qualquer callo e a dôr desapparece n'um instante,— em menos de 3 segundos. O callo se enruga e desprende-se. Os médicos o recommendam e milhões de pessoas o usam. Cuidado com as imitações! Á venda em toda a parte.
"GETS-IT"
Chicago, E. U. A.

(Conclusão do numero anterior)

Meu Primeiro Cliente

De HUGO CONWAY

— E' verdade! E' elle! — replicou Hicks. — Tinham-me dito que o pobre estava para morrer.

Ao estender a caneta ao meu cliente, nossas mãos se tocaram, e esse contacto fez-me correr um calefrio por todo o corpo. Assignou com letra bastante firme e clara; e sua assignatura foi devidamente reconhecida por Thomaz e por Hicks, emquanto os outros individuos presentes olhavam sobre os hombros dos dois com grande curiosidade.

O senhor Brownlow saudou-os cortezmente, e eu, agradecendo o serviço que me acabavam de prestar, desculpei-me de novo por tel-os incommodado. Depois de haverem dado as bôas noites, retiraram-se, para irem recomeçar o jogo interrompido. Eu, apenas acabei de guardar o codicillo á chave no cofre, v tei-me para interrogar o meu cliente; mas as palavras morreram-me nos labios ao vêr-lhe nos olhos o mesmo olhar mysterioso, indescriptivel, que pouco antes me fizera estremecer. E effectivamente, senti-me de novo a tremer.

— E' preciso que vá — disse, pondo-se de pé como um homem muito fatigado.

— Irei buscar-lhe um carro — falei por minha vez, recobrando a serenidade ao ouvir-lhe a voz.

Meneou a cabeça, e encaminhando-se para a porta, abriu-a e transpoz o umbral. Eu o segui.

No patamar da escada voltou-se pela ultima vez e os seus olhos se encontraram com os meus. Cahi aniquilado numa cadeira, e fiquei immovel. O relogio deu meia-noite.

Depois de alguns minutos e de um penoso esforço puz-me de pé com o proposito de sahir para acompanhar o ancião.

Uma só era a rua que conduzia a sua casa; percorri-a o mais rapidamente possivel, mas não o encontrei. Acreditando ter passado a seu lado sem vêl-o, retrocedi, mas em vão. Percorri de novo a rua quasi correndo, até chegar a Vine Cottage. Toquei a campainha. A porta foi aberta immediatamente; signal evidente de que os moradores não temiam assaltos. Appareceu uma criada a enxugar os olhos com o avental...

— O senhor Brownlow já regressou? — perguntei.

A rapariga olhou-me estarrecida. Repeti a pergunta, acrescentando que momentos antes sahira de minha casa. Pareceu não me comprehender.

— O patrão morreu ás onze e meia — disse, afinal, levando novamente aos olhos a ponta do avental.

Morrera ás onze e meia! Estaria eu a sonhar ou teria enlouquecido? Voltei á casa. Robinson e seus amigos jogavam alegremente como se tivessem começado o jogo naquelle momento. Abri o cofre. Alli, são e salvo, encontrava-se o codicillo, assignado alguns minutos antes de meia-noite. Que se passava? Como explicar-me semelhante cousa?

* * *

Os clamores provocados pelo meu aviso da existencia de um codicillo excedem toda descripção. As amaveis irmãs, contra a minha ordem, penetraram no meu escriptorio e declararam que não socegariam emquanto não me vissem no carcere, condemnado por fraude, falsificação ou outro delicto qualquer, e que gastariam para conseguir tal cousa até o ultimo centavo que possuiam. Felizmente os executores testamentarios eram homens de negocios, e seus advogados, gente honrada, daquelles que não permittem a seus clientes arriscarem-se em causas de exito incerto. Eu nada tinha que occultar, porquanto provado ficou logo que Santiago Brownlow assignara o codicillo em presença de dez tes-

temunhas desinteressadas e a dona da casa declarou que ella propria abrira a porta da rua. Todas as pessoas presentes á assignatura do documento eram cidadãos respeitaveis, cuja palavra tinha grande importancia para os juizes. Se as testemunhas da parte contraria juravam ter sido materialmente impossivel a Santiago Brownlow abandonar o leito na noite de sua morte, nós apresentavamos provas evidentissimas de que o fizera, de que viera a minha casa e assignara o codicillo. Por outro lado, nossas testemunhas eram desinteressadas; as dellas, susceptiveis de serem influidas pelo interesse e pela animosidade.

Esta questão não deu muito que fazer aos tribunaes; era demasiado simples. De sorte que, após algumas tentativas de accordo, desdenhosamente repellidas pelas duas irmãs, tiveram ellas de pagar o legado; a theoria acceita pelo publico foi a de que meu cliente conseguira erguer-se do leito e sahir, sem ser visto, e, num esforço supremo transportar-se a minha casa afim de levar a effeito a execução de sua ultima vontade.

Transcorreram muitos annos antes de eu ter occasião de trocar algumas palavras com o medico assistente do senhor Brownlow.

Segundo todas as apparencias, o doente tinha morrido ás onze e meia. O medico desceu então ao andar terreo e esteve falando largo tempo com as duas irmãs, procurando consolal-as pela perda soffrida. Antes de retirar-se, porém, resolveu voltar ao quarto do morto para vêl-o pela ultima vez. E emquanto contemplava o seu rosto tranquillo, os olhos se abriram e um profundo suspiro, que parecia de allivio, partiu dos labios arroxeados, as palpebras fecharam-se em seguida, e tudo acabou definitivamente.

— Mas — ajuntou o medico — juraria diante de qualquer tribunal sobre a absoluta impossibilidade daquelle corpo poder mover um pé ou uma mão. Felizmente não fui chamado para prestar nenhum juramento. As provas apresentadas pelo senhor eram tão evidentes que se eu tivesse intentado contradizel-as ter-me-ia desacreditado em minha profissão. Se pudessemos acreditar no sobrenatural, diria...

Sim, se fosse possivel acreditar-se em tal; mas, como o medico, descreio; pelo menos, a lei não o reconhece.

Não obstante, as circumstancias relativas á morte do meu primeiro cliente foram singulares, muito singulares na verdade...

Os grandes amores da historia

Madame Victor Hugo e Sainte-Beuve

NO anno de 1828, reuniam-se em Paris, em casa de Victor Hugo, varios literatos e artistas que formavam uma especie de *academia familiar*.

Ali compareciam Lamartine, Boulanger, Devenia, David, Rabbe, etc. Entre os mais assiduos se contava Sainte-Beuve, então poeta, novellista e critico.

As relações intimas existentes entre Victor Hugo e Sainte-Beuve fizeram com que este fosse diariamente á casa do poeta, e assim começou a chamada *seducção* (no bom sentido da palavra) de madame Victor Hugo, porque Sainte-Beuve esteve profundamente apaixonado por ella. As cartas de Victor Hugo não deixam logar a duvidas. Diz elle em certa occasião: "Eu era o offendido." E noutra passagem: "Não o diria a outra pessôa, mas já não sou feliz. Adquiri a certeza de que quem tem todo o meu amor deixou de amar-me."

Afastado o exagero da dôr, resta que Victor Hugo viu sua mulher desligar-se delle e soffrer o ascendente do amigo da casa.

Mas, até onde chegou a seducção? Isso é o que não se saberá nunca, nem siquer no *Livro de Amor*, de Sainte-Beuve. Não o saberemos, porque Victor Hugo não o disse, sua esposa tambem não, e, embora Sainte-Beuve o diga cem vezes, é terrivelmente suspeitoso.

Este velho fatuo, de uma fealdade inverosimil, tinha tal empenho em que as novas gerações se convencessem de que não houve em seu tempo mulher alguma que lhe resistisse, que acabou elle proprio acreditando nisso.

E como se fizera bastante libertino, é muito provavel que désse, quasi inconscientemente, a seus amores de vinte e tres annos, o caracter e a côr de seus amores de cincoenta.

Por taes razões, não se poderá saber até onde chegou a seducção da mulher de Hugo.

Amou e não soube occultal-o. Eis tudo quanto se sabe e que, de resto, não deshonra, de modo algum, a sua memoria.

Victor Hugo não o notou a principio. Nos momentos em que, provavelmente, era mais vivo o sentimento em Adelia e em que esta julgou prudente afastar seu apaixonado, era exactamente quando Victor Hugo escrevia a Sainte-Beuve cartas que revelam quão grande era a amizade que lhe dedicava.

Foi em 1830 que o poeta teve a revelação do engano. Sainte-Beuve achava-se de regresso a Paris. Continuava apaixonado e era amado e repellido a um tempo. O poeta não viu sinão uma cousa: que seu amigo era desgraçado. E escreve-lhe, então, a seguinte esquisita carta:

"Acabo de ler seu artigo, e chorei. Rogo-lhe, querido amigo, que não se deixe abater assim. Pense em seus amigos, sobretudo em um, neste, que ora lhe escreve. Você sabe que representa para elle e a confiança que tem em você. Sabe que, envenenada a sua felicidade, se envenena para sempre a delle. Não desanime. Não menospreze o grande que ha em você: seu talento, sua vida, sua virtude. Pense que nos pertence e que ha aqui dois corações dos quaes é você a mais grata e constante preoccupação. Seu melhor amigo — Victor.

Venha ver-nos."

"Venha ver-nos" indica que Sainte-Beuve já não se atrevia a ir ou lhe tinham ordenado que não fosse.

Entre 4 de novembro e 8 de dezembro, foi que Victor Hugo viu claro.

Como? Informado por quem? Não se sabe. Talvez o proprio Sainte-Beuve, se houvesse trahido, ou então Hugo, espantado pela ausencia de seu amigo, interrogasse a esposa, a qual, instada, acabou respondendo:

— Pois bem. Sou eu quem não quer que elle venha.

Palavras irreparaveis, que muitas mulheres disseram, mais ou menos acossadas por perguntas. Palavras que não deviam dizer nunca, porque, nesses casos, é que se deve saber defender. Mas é difficil, em taes circumstancias, não fraquejar.

Houve, evidentemente, explicações tempestuosas, ora de viva voz, ora por cartas, entre Sainte-Beuve e Hugo. No circulo de amigos, causa estranheza o desapparecimento de Sainte-Beuve. O poeta dissimula sua magoa, e responde, com affectada displicencia:

— Oh! ... Sainte-Beuve é um pouco inconstante!

Contam isso ao critico e elle se queixa amargamente disso, sem duvida, porque Hugo lhe responde:

"Pude dizer inconstante em materia de arte e outras miserias, mas não em materia de coração. Não enterremos nossa amizade: conservemol-a casta e santa como foi sempre. Sejamos indulgentes um com o outro. Eu tenho minha magoa, você tem a sua. Passará o doloroso desalento: tudo o tempo cicatrizará, e espero que algum dia acharemos nisso um motivo para querer-nos mais. Minha mulher leu sua carta. Venha ver-me com frequencia. Pense que depois de tua [illegible] não tem melhor amigo que eu."

Hugo insistiu em que Sainte-Beuve voltasse, porém mais tarde se convenceu do impossivel daquella approximação.

A 1.º de janeiro de 1831, [illegible] Sainte-Beuve enviasse uns brin[illegible]dos para os meninos, Victor aproveitou a occasião para [illegible] a seu amigo que fosse: [illegible]

"Você foi muito amavel para os meus pequenos, amigo Sainte-Beuve, e minha mulher e eu não [illegible]mos como agradecer-lhe. Venha jantar comnosco. 1830 passou."

Poucas cousas conheço mais commovedoras e esquisitas do que a ultima phrase.

A frieza chegou a tal ponto, que o poeta lhe escreveu, em certa occasião:

"Eu não acreditaria que o [illegible]rido entre nós pudesse ser esquecido, sobretudo por você, Sainte-Beuve. Como está mudado você! Devia lembrar-se do que se passou entre nós, na occasião mais dolorosa

Este interessante onomatogramma é da intelligente e graciosa senhorita Mariazinha da Rocha, e devido ao lapis de José Caldas.

VILLACABRAS

A MAIS PURA E A MAIS ACTIVA

DAS

AGUAS PURGATIVAS NATURAES CONHECIDAS

VILLACABRAS

81, Rue Parmentier LYON - FRANCE

Salvitae

O MELHOR DISSOLVENTE DO ACIDO URICO DIURETICO E LAXANTE

CONTRA

A GOTTA RHEUMATISMO PRISÃO DE VENTRE
DOR DE CABEÇA BILIOSIDADE INDIGESTÃO
DIABETES DOENÇA DE BRIGHT.

A VENDA EM TODAS AS DROGARIAS E PHARMACIAS PRINCIPAES

AMERICAN APOTHECARIES COMPANY, NEW YORK

AGUA DO REGIMEN DOS ARTHRITICOS

GOTTOSOS — RHEUMATICOS — DIABETICOS

A's refeições

VICHY CÉLESTINS

ELIMINA O ACIDO URICO

A MASCARA DE BELLEZA RADIOLITE

E as pelles do rosto tiradas com a Mascara de Belleza exposta á apreciação das nossas Exmas. Clientes na

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA

Av. Rio Branco, 134-1º, e na vitrine da R. Sete de Setembro, 166. Todos os defeitos da pelle se tiram em 8 dias com a Mascara de Belleza. Rejuvenesce 10 annos! Eternisa a Mocidade!

As Mães Previdentes

usam sempre

MENTHOLATUM

para evitar que os filhinhos soffram de brotoeja, herpes, erupções e outras moléstias da pelle.

de minha vida, num momento em que tive qu escolher entre ella e você.

Perdôo-lhe desde já. Talvez chegue um dia em que você não lh'o perdôe."

Sainte-Beuve cedeu ante a censura e voltou á casa de Hugo, mas para crear uma situação na qual todos se sentiam incommodados.

Hugo havia contado muito com Sainte-Beuve, com Adelia e comsigo mesmo. As visitas do critico á casa do poeta constituiam um supplicio para os tres. Victor Hugo o comprehendeu e escreveu a Sainte-Beuve:

"O que tenho a dizer-lhe, querido amigo, me causa um pezar profundo, mas devo fazel-o. Não posso supportar por mais tempo uma situação que se prolongaria indefinidamente com a sua estadia em Paris. Não sei se você teve o mesmo amargo pensamento que eu tive, mas este ensaio de intimidade, mal tratada e mal começada, não nos resultou bem. Não é esta nossa antiga amizade. Quando você não está presente, sinto que o quero como outr'ora. *Quando o está, é um tormento.* Já não somos os irmãos de outr'ora: ha algo entre nós. Por isso lhe digo que se afaste. Comprehende-me? *A obrigação mesma que me impoz uma pessôa, cujo nome não devo declinar, de estar*

Os Grandes Amores da Historia

(Conclusão)

sempre presente quando você vier, me advete sem cessar, e bem cruelmente, que já não somos os amigos de outr'ora. Deixemos, pois, de ver-nos. Está cicatrizada sua ferida? Não o sei. O certo é que a minha não o está."

Essa formosa carta mostra que a mulher de Hugo havia tornado a propositos e pensamentos austeros, ou que, desejando ver Sainte-Beuve em segredo, e sendo-lhe insupportavel a presença deste deante de seu marido, fez com que Hugo puzesse na porta.

Sainte-Beuve, desesperado talvez ante uma nova repulsa á sua paixão, se empenha para que o nomeiem o mais breve possivel cathedratico da Universidade de Liége.

Mas, quando chega a nomeação, se nega terminantemente a partir, interrompe sua assidua correspondencia com seus amigos belgas, e escreve a Lesbroussart:

"... comprehenderá você as razões de minha renuncia, tanto mais quanto se juntam á minha resolução *alguns motivos completamente individuaes que tornam impossivel, por emquanto, minha sahida de Paris.*"

Segundo o mais acceitavel, algo definitivo occorreu entre Adelia e Sainte-Beuve. Cedeu ella ao tenaz apaixonado? Deu-lhe esperanças? Difficil é comproval-o. Em 1834, as relações entre Sainte-Beuve e Victor Hugo ficaram definitivamente rompidas. Por que?

Falou-se de um pretendido rancor do poeta para com o critico, que se havia mostrado benevolo, mas pouco enthusiasta do Mirabeau.

Talvez no fundo houvesse outra cousa: a terrivel incerteza do engano, tanto mais dolorosa quanto mais inesperada.

M.

O COMEÇO D'UMA DOENÇA DE ESTOMAGO

Grande numero de incommodos digestivos são resultado da secreção d'um succo gastrico demasiado acido, o que provoca as nauseas, as azedias, a dilatação, os pesadumes, as ardencias e as indigestões. E' possivel de pôr fim desde o seu começo a todas estas indisposições tomando meia colher de café da Magnesia Bisurada n'um pouco de agua depois das refeições ou quando se faz sentir a necessidade. A Magnesia Bisurada neutralisa o excesso de acidez, protege as membranas mucosas delicadas do estomago e regulariza as funcções normaes da digestão. A Magnesia Bisurada, o verdadeiro remedio alcalino para aquelles que soffrem d'um excesso de acidez, acha-se á venda em todas as pharmacias.

OPTIMOS RESULTADOS

Dr. Odorico de Moraes.

Attesto que tenho empregado o ELIXIR DE NOGUEIRA, magnifica associação de substancias depurativas, em diversos casos de minha clinica, conseguindo optimos resultados.

Fortaleza, 30-8-1913.

Dr. Odorico de Moraes.

Medico pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, director do Hospicio de Alienados de Porangaba.

BANHOS DE MAR

Costumes completos, americanos, para todas as edades e ambos os sexos, camisas, calções. Sapatos, salva-vidas e toucas.

CASA SPORTMAN

A MELHOR CASA DE ARTIGOS PARA SPORTS

RAUL CAMPOS

Remettem-se Catalogos.

25, Rua dos Ourives, 47 — Rio de Janeiro

TEU E' O MUNDO

INTELLIGENTE LEITOR OU ENCANTADORA LEITORA

Queres conhecer os meios que te guiarão a conseguir Fortuna, Amor, Felicidade, Exito em Negocios, Jógos e Loterias? Pede GRATIS meu livrinho «O MENSAGEIRO DA DITA».

Remette 100 rs. em sellos para resposta.

Direcção-Profa NILA MARA — Cale Matheu 1924 — Buenos Aires (Argentina)

BURIDAN

Romance do escriptor francez MICHEL ZEVACO, que sae ás quartas-feiras

MAGNIFICA COMBINAÇÃO DE EFFICACIA incontestavel! São palavras do distincto clinico Dr. Alvaro Barcellos, ao communicar o resultado das experiencias levadas a effeito na Santa Casa de Pelotas, com o grande depurativo-tonico

LUESOL

de SOUZA SOARES

Tão completo foi o successo deste medicamento no modelar hospital, que passou a ser um dos poucos remedios alli adoptados.

A' VENDA NAS DROGARIAS E PHARMACIAS

TOSSES

CATARRHOS

BRONCHITES CHRONICAS

CAPSULAS

de

GOUTTES LIVONIENNES

de TROUETTE-PERRET

Creosote-Alcatrão - Balsamo de Tolu

Encontra-se em todas Drogarias e Pharmacias

Appr. D.G.S.P. sob o Nº 50 em 5-2-1887

O mysterio do aeroplano negro

De S. RUSSELL

NICK O'BRIAN tinha-se distinguido por seus actos de audacia como mecanico aviador. Era, no emtanto, um rapaz de dezesete annos, apenas.

Certa tarde, ao sahir do aerodromo onde trabalhava, delle se aproximou um homem de aspecto distincto, de olhar bondoso e expressão energica.

— Ouvi dizer — disse-lhe o desconhecido — que o senhor é um rapaz valente e entendido em aviação. Tenho uma proposta a fazer-lhe. Agradar-lhe-ia correr atraz de aventuras sob a minha direcção e ganhar com isso bôas sommas de dinheiro? Antes de tudo, apresento-me: sou o inspector Scott Hugh, de Scotland Yard.

Tirou do bolso um cartão de visita e entregou-o a Nick.

— Preciso de seu auxilio para descobrir um bando de malfeitores internacionaes. Para que meus projectos obtenham exito, necessito da cooperação de alguem entendido em aeroplanos. Creio que o senhor me convem neste sentido — accrescentou.

Nick sympathizou com Scott Hugh, agradando-lhe sobretudo a rectidão e a franqueza do detective.

— Estou disposto a ajudal-o — respondeu o moço — mas, antes de fazer-me qualquer especie de promessa, explique-me o que deseja o senhor que eu faça.

Scott Hugh deu-lhe um endereço, dizendo:

— Vá, na noite de hoje, a este logar. Explicar-lhe-ei ahi o assumpto, e depois decidirá se acceita ou não trabalhar comigo.

Com um sorriso de despedida, o detective afastou-se pela entrada do aerodromo.

* * *

Nessa mesma noite, Nick O'Brian encontrou-se commodamente sentado no escriptorio do detective Hugh, escutando com attenção a este ultimo.

— Já ouviu falar no palacio de lord Landerock, em Herts? — perguntou Scott Hugh.

— Sim.

— Então talvez saiba dos estranhos rumores que circulam sobre essa propriedade — continuou o detective. — A maioria opina que os acontecimentos mysteriosos que se dizem succeder alli, são simples embustes, porque alguns falam em luzes fantasticas, em reflectores, duendes, e numa immensa sombra negra que fluctua pela vizinhança... cousas que não parecem sensatas.

Mas a lei não teme duendes, e ha varias semanas já que andamos a vigiar os edificios, tendo podido descobrir cousas extraordinarias, na verdade. Em resumo, conseguimos provas sufficientes para demonstrar que os recentes assassinatos e roubos mysteriosos commettidos pelos bandidos armados que percorr[illegible] os caminhos em auto[illegible] vel, são obra de uma [illegible] drilha de ladrões [illegible] peus, protegida por [illegible] Landarock, filiado, [illegible] sabemos tambem, à [illegible]

Até agora, no em[illegible] essa quadrilha pro[illegible] com demasiada habil[illegible] e não a pudemos [illegible] capturar, pois não no[illegible] possivel até hoje c[illegible] guir provas positivas [illegible] crimes commettidos [illegible] bem que já saibamo[illegible] rem sido levados [illegible] propriedade do lord, [illegible] Herts, os corpos de [illegible] mas das victimas.

Duas ou tres vezes [illegible] semana sae dos jardin[illegible] do palacio um grande [illegible] roplano negro. Nós [illegible] mos visto afastar-[illegible] Herts sempre á meia [illegible] te, e leva mais ou [illegible] um dia para regress[illegible]

Nick inclinou-se para [illegible] frente, escutando atten[illegible] mente.

— E não poderiamos [illegible] guir esse mysterioso [illegible] roplano negro em [illegible] apparelho? — sugger[illegible]

— Não; seria pouco [illegible] ficaz. Tenho um pro[illegible] melhor. Sem que os [illegible] minosos o saibam, [illegible] collocar-me a bordo [illegible] apparelho, ascender [illegible] elles num de seus [illegible] ros nocturnos. Tenho [illegible] morado a realizar [illegible] projecto porque não [illegible] tendo nada de aviação [illegible] Porque, olhe, Nick [illegible] ajuntou, sorrindo, [illegible] tective — vou estar [illegible] mil pés do nivel do [illegible] com uma quadrilha [illegible] criminosos, e sentir-me-[illegible] muito mais seguro se [illegible] vesse um companheiro [illegible] commigo que entendesse [illegible] alguma cousa do manejo [illegible] do apparelho.

O detective parou de [illegible] lar e accendeu um cigar[illegible] ro; em seguida, pergun[illegible] tou:

— Acceita ser [illegible] companheiro, filho?

(Continúa no proximo [illegible])

Foste um fragrante lirio immaculado! Agora,
Não és mais do que sombra, espectro de ti mesmo!...
Que é do luzente olhar de resplendor de aurora?
O riso casto e bom que abriste sempre a esmo?

Encantadora flôr purissima do céo!
Orvalho que luziu, no lodo deste mundo!
Rasgaste o puro, santo, alvinitente véo
E te lançaste ao vicio, ao barathro profundo!

Era o luxo... o prazer... a carne te attrahia...
Pobre de ti, que vês fanadas illusões
Passarem, como passa a nuvem fugidia,
Parecendo tocar nas mil constellações!

A missão da mulher, filhas, esposas, mães,
O pudor que ennobrece, o dever que edifica,
Tudo esqueceste, louca, atraz das glorias vãs,
Sem pensar que isso morre e que a virtude fica!...

Quando a mulher, o anjo esplendido de Deus,
Conserva immaculada a flôr da castidade,
Não deixando poluir-se as azas que hão de ao céo
Leval-a aos pés de Deus, de toda santidade,

Honra o nome de ser divinizado, santo
Que lhe coube na vida ephemera da terra!
Não manches, por quem és, o nome que amo tanto,
Que tudo que ha de bello e celestial encerra!

FRANZ LOPES FERREIRA.

A cura do
pinheiro maritimo
em nossa casa
Certamente que as afecções das vias respiratorias são demasiado graves para que as tratemos com desdem, mesmo quando se reduzam a simples constipações. Tornar-se-hão temiveis dentro em pouco se não nos apressassemos a entraval-as. Mas podem ser encaradas sem inquietação se nos armarmos poderesamente contra ellas com o verdadeiro
GOUDRON-GUYOT
Que, extrahido dos pinheiros maritimos, é d'uma eficacia atestada de dia para dia por milhares de curas. Aniquila a ofensiva dos microbios que invadem o aparelho respiratorio, de tal maneira que a constipação e a bronchite, por mais tenazes que sejam, desaparecem assim que elle se apresenta nos pulmões e nos bronchios. A sua acção antiseptica é eficaz em todos os casos de infecção pulmonar.
Exigir o verdadeiro Alcatrão-Guyot (licôr, capsulas, pasta peitoral). Todos estes productos trazem a etiqueta em tres côres : rôxo, verde, encarnado e o endereço da Maison FRERE, 19, Rue Jacob, Paris (6°). Não fazer confusão com certos productos similares.
A venda em todas as boas Pharmacias